

China

Nova potência mundial

Contradições e lógicas que vêm transformando o país

Martin Jacques

Gabriele Battaglia

Elias Jabbour

Andrea Fumagalli

Júlio César Rodriguez

José Eustáquio

Valéria Lopes Ribeiro

Michael Kelly

Francesco Sisci

Guilherme Wisnik

Irene Chan

Eugenio Menegon

Andrés Malamud

Leia também

■ Dossiê Antonio Candido

Luís Augusto Fischer

Walnice Galvão

Ian Alexander

■ Anselmo Otavio



China, nova potência mundial

Contradições e lógicas que vêm transformando o país

Compreender a China e sua ascensão no atual cenário internacional é o desafio de inúmeros analistas internacionais. Cada vez é mais evidente que as categorias ocidentais não servem para análises de uma realidade que, de tão múltipla e complexa, chega a parecer contraditória.

Na presente edição da revista **IHU On-Line**, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras aceitaram debater a China como um ator importante no século XXI.

Martin Jacques, jornalista e analista político britânico, passou a viver na China e compreendeu: “A razão pela qual o Ocidente vem tendo tanta dificuldade em entender a China é que a mentalidade ocidental é a de pensar o mundo em seus próprios termos, tentar encaixar as coisas neles. A China não se encaixa aí”.

Gabriele Battaglia, também jornalista, fez um movimento similar e trocou a Europa por Pequim. Para ele, a China é uma “civilização introvertida”, mas que não se fecha em si mesma e busca na conexão com o mundo as possibilidades de atualizar e constituir de forma muito particular seu império.

O professor **Elias Marco Khalil Jabbour**, da UERJ, observa justamente as particularidades do “império Chinês” que, por mais contraditório que possa ser, se impõe sem ser imperialista. Para **Andrea Fumagalli**, professor da Università di Pavia, Itália, divisões do momento da Guerra Fria já podem estar superadas. Agora, capitaneado pela China, o mundo pode se dividir na disputa entre Norte e Sul. O professor no curso de Relações Internacionais da UFSM **Júlio César Cossio Rodriguez** também observa mudança no cenário internacional, pois vê na ascensão chinesa um processo de redistribuição do poder.

José Eustáquio Diniz Alves, professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence/IBGE, chama atenção para o fato de que a ascensão chinesa nesse novo cenário geopolítico leva o país a ampliar seus territórios. **Valéria Lopes Ribeiro**, professora no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC, ao analisar o crescimento da China sobre países da África, identifica outra lógica do que a imposta no passado por nações europeias.

Michael Kelly, jesuíta australiano que vive no Tailândia, chama atenção para fatores que podem

frear essa expansão da influência chinesa pelo mundo. **Francesco Sisci**, especialista na civilização e história chinesas, concorda que a China cada vez mais se volta para o Ocidente, mas destaca que ainda há muitas lacunas. **Guilherme Wisnik**, professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, analisa a hiperurbanização de um país que vem transformando aldeias de pescadores em cidades gigantescas, afetando a cultura local e a saúde do planeta.

Irene Chan analisa como a China soube se aproveitar de situações geradas a partir da crise financeira dos anos 2000. O professor da Universidade de Boston **Eugenio Menegon** afirma que o Partido Comunista, que capitaneia o crescimento do país, teme discussão e discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos. E o professor **Andrés Malamud** analisa as relações comerciais entre China e países da América Latina.

No ano em que se celebra o centenário de Antonio Candido, os professores **Luís Augusto Fischer**, **Walnice Galvão** e **Ian Alexander** analisam o legado do sociólogo e crítico literário que marcou o pensamento brasileiro.

Também pode ser lido o artigo **Cheetahs, Hippos, Mugabe e as eleições gerais de 2018 no Zimbábue**, de Anselmo Otavio, professor de Relações Internacionais da Unisinos e pesquisador do Centro Brasileiro de Estudos Africanos - CEBRAFRICA/UFRGS.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.



Capa: Muralha da China | Foto: Dennis Jarvis – Flickr

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Dossiê Antonio Candido | Luís Augusto Fischer:** Antonio Candido foi o intelectual mais destacado de sua geração
- 18 ■ **Dossiê Antonio Candido | Walnice Nogueira Galvão:** Constituição da literatura brasileira foi tema central para Candido
- 22 ■ **Dossiê Antonio Candido | Ian Alexander:** Candido e Bloom procuram entender a tradição literária no Novo Mundo
- 28 ■ **Tema de capa | Martin Jacques:** Com as lentes do Ocidente, a China é invisível
- 35 ■ **Tema de capa | Gabriele Battaglia:** Ver em camadas o cruzamento dos mundos
- 38 ■ **Tema de capa | Elias Jabbour:** Da união do privado com o Estado, uma outra ideia de império
- 41 ■ **Tema de capa | Andrea Fumagalli:** Uma nova configuração geopolítica que supera a divisão Oriente X Ocidente
- 46 ■ **Tema de capa | Júlio César Rodriguez:** O protagonismo chinês e o processo de redistribuição do poder
- 50 ■ **Tema de capa | José Eustáquio:** A ascensão da China, a disputa pela Eurásia e a Armadilha de Tucídides
- 60 ■ **Tema de capa | Valéria Ribeiro:** O avanço chinês sobre nações periféricas subverte lógica do imperialismo neoliberal
- 65 ■ **Tema de capa | Michael Kelly:** As ameaças que podem impedir a ascensão chinesa
- 70 ■ **Tema de capa | Francesco Sisci:** Catolicismo: uma ponte para ligar a China ao mundo
- 74 ■ **Tema de capa | Guilherme Wisnik:** Da vila de Mr. Sun à hiperurbanização chinesa
- 80 ■ **Tema de capa | Irene Chan:** China pode ultrapassar economia dos EUA nesta década
- 83 ■ **Tema de capa | Eugenio Menegon:** China é um Estado capitalista autoritário e paternalista com características socialistas
- 88 ■ **Tema de capa | Andrés Malamud:** Brasil entra em colapso econômico sem o mercado chinês
- 90 ■ **Crítica internacional | Anselmo Otavio:** Cheetahs, Hippos, Mugabe e as eleições gerais de 2018 no Zimbábue
- 93 ■ **Publicações | Paulo Suess:** A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*
- 94 ■ **Publicações | José Roque Junges:** O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social
- 95 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnechi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia

Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Lidiane Menezes.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

Crise econômica e modelo de desenvolvimento associados ao desmatamento no Xingu



“O asfaltamento da BR 163 provocou uma expansão do desmatamento porque ampliou o raio de ação da soja, ou seja, compensa cultivar soja em locais cada vez mais distantes porque o transporte é cada vez mais barato.”

Juan Doblas é graduado em engenharia geológica pela Universidad Politécnica de Madrid e mestre em geofísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atualmente é analista senior de geoprocessamento no ISA. Disponível em <https://bit.ly/2NMhfWF>.

Enfrentamento da segurança pública precisa superar a lógica dos programas de governo



“A incapacidade das forças de segurança do Estado, seja pelo sucateamento de sua estrutura, seja pela promiscuidade entre elementos das corporações policiais com atividades ilícitas, torna a segurança pública um projeto inalcançável.”

Mário Pires Simão é geógrafo, graduado, mestre e doutor pela Universidade Federal Fluminense – UFF, e colaborador do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Disponível em <https://bit.ly/2D6lUxn>.

O controle cibernético como arma de defesa e a disputa pela soberania da internet



“Mesmo que os EUA tenham milhões de ogivas nucleares, nunca serão capazes de evitar que um vírus possa atacar seus sistemas e colocar em colapso uma série de infraestruturas críticas do seu Estado.”

Danielle Jacon Ayres Pinto é bacharel e mestre em Relações Internacionais, doutora em Ciência Política e professora da UFSC. Disponível em <https://bit.ly/2O87jn8>.

A velha e nova polarização entre esquerda e direita



“É inegável que nessas duas décadas a democracia sofreu um golpe: civil-militar em 1964 e parlamentar em 2016.”

Maria Cláudia Moraes Leite é graduada, mestra e doutoranda em História. Disponível em <https://bit.ly/2N7Qaxt>.

Três projetos de país em disputa e as incertezas da governabilidade



“A eleição aparece como sendo uma solução normal para uma disputa política – e não é assim.”

Guilherme Delgado é doutor em Economia. Trabalhou durante 31 anos no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea. Disponível em <https://bit.ly/2NzDIWM>.



Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

O trabalho e a inteligência artificial. Entre o temor e o otimismo

O desenvolvimento da inteligência artificial supõe desafios para o mundo do trabalho. As visões otimistas e as fatalistas imaginam futuros antagônicos. O certo é que a inteligência artificial destruirá empregos atualmente existentes e gerará outros de maior qualificação. Existe alguma forma de governar esse futuro?

Análise é de Daniel Blinder, publicada por Nueva Sociedad e reproduzida por CPAL Social em 10-09, disponível em <http://bit.ly/2xiLT0i>

Invertendo o curso: clericalismo, centralização e reforma da Igreja

Mudar o curso da Igreja em relação à centralização e ao clericalismo exigirá uma mudança no coração e na cultura dos católicos.

A opinião é do historiador italiano Massimo Faggioli, professor da Villanova University, nos Estados Unidos, em artigo publicado por La Croix International, em 10-09, disponível em <http://bit.ly/2D59hn9>.

Irlanda. Papa pede à Igreja que indenize por fossa comum

O Papa Francisco exortou a Igreja irlandesa a pagar indenizações por sua participação no escândalo de um orfanato católico no qual se descobriu uma fossa comum com os restos de centenas de crianças.

A reportagem é publicada por 20 minutos, em 13-09, disponível em <http://bit.ly/2NIBLOg>.

5

Mais da metade dos brasileiros não tem diploma do ensino médio, aponta OCDE

O Brasil é um dos países com o maior número de pessoas sem diploma do ensino médio: mais da metade dos adultos (52%) com idade entre 25 e 64 anos não atingiram esse nível de formação.

Informação publicada por BBC Brasil em 11-9, disponível em <https://bit.ly/2OaSwbu>.

“Tempestade perfeita” ameaça saúde no país, alerta sanitarista

Aumento da mortalidade infantil, redução da cobertura vacinal, epidemias variadas, violência maior, retrocessos no combate à Aids, às doenças mentais, nas políticas sobre drogas. Cortes nos orçamentos, nos programas sociais, desemprego enorme, achatamento nos salários, pesquisas paradas.

Reportagem produzida pelo portal Tutaméia, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU em 14-9-2018, disponível em <http://bit.ly/2Ojy7B6>.

Reforma trabalhista: 78,4% dos postos criados são intermitentes ou parciais

Desde a entrada em vigor da reforma, houve redução da ocupação em geral, mas em especial dos empregos com carteira assinada. Verifica-se a substituição dos contratos formais por outros atípicos, com o consequente aumento na desigualdade de renda.

Artigo publicado pelo Brasil Debate, reproduzido nas Notícias do Dia do IHU em 14-9-2018, disponível em <http://bit.ly/2Nbza9z>.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

**Crítica da razão negra.
Apresentação da obra
de Achille Mbembe**

17/set

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Deivison Moacir
Cezar de Campos – ULBRA

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

**A “iconomização”
da vida e a
mudança no projeto
desenvolvimentista**

18/set

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Gilson Schwartz
– USP

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

**Oficina de Plantas
Medicinais – Parte II**

19/set

Horário
12h30

Ministrante
Profa. MS Denise Schnorr
– Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

**A Nova Razão
do Mundo. Do
neoliberalismo
ao comum**

24/set

Horário
14h30 às 16h

Conferencista
Prof. Dr. Christian Laval –
Université Paris Nanterre
– França

Local
Corredor em frente ao
Instituto Humanitas
Unisinos – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

**Comum: ensaio sobre
a revolução no século
XXI. Apresentação da
obra de Christian Laval
e Pierre Dardot**

24/set

Horário
17h30 às 18h30

Conferencista
Prof. Dr. Christian Laval –
Université Paris Nanterre
– França

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

**Crise do
neoliberalismo
e a emergência
de movimentos
emancipatórios**

24/set

Horário
19h30 às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Christian Laval –
Université Paris Nanterre
– França

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo



UNISINOS LAB

Se você é aluno de graduação da Unisinos, o IHU disponibiliza 10 vagas gratuitas para o Simpósio através da plataforma Unisinos LAB.

Confira a relação dos nossos eventos em ihu.unisinos.br/eventos e matricule-se pela plataforma do LAB.

Antonio Candido foi o intelectual mais destacado de sua geração

Para Luís Augusto Fischer, as obras do crítico nascido há cem anos permanecem legíveis, abrem muitos caminhos e mostram a virtude da formação múltipla

Vitor Necchi

No campo da Literatura, Antonio Candido é o intelectual mais destacado de sua geração. “De fato ele é o primeiro grande estudioso universitário de literatura a permanecer com obra imediatamente relevante, até aqui”, avalia o professor Luís Augusto Fischer. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, afirma que a “obra de Candido é lida em toda a universidade brasileira, no campo das Letras”.

Candido era uma figura singular porque tinha uma “dupla militância – literatura na imprensa e sociologia na universidade”. Conforme Fischer, ele “tinha uma mente acadêmica, no bom sentido, quer dizer, tinha conceitos, sabia dos protocolos e manejava os métodos na área de Humanidades, mas tinha o feeling e a abordagem do crítico ‘impressionista’, e escrevia muito bem, muito limpo, sem frescuras, com profundidade”.

O teórico, cujo centenário de nascimento ocorreu no dia 24 de julho, “soube produzir grandes ensaios e alguns livros de forte importância, como a *Formação da literatura brasileira*, livros que permanecem legíveis, abrem muitos caminhos e mostram a virtude da formação múltipla e da visada abrangente do crítico”. Além disso, Candido “teve papel essencial na orientação de várias gerações de novos críticos, professores, pesquisadores na USP e depois na Unicamp”.

Ao defini-lo, Fischer afirma que “ele foi inteligente, cosmopolita, bem aparelhado, com história social muito favorável, tanto em sua família de origem quanto na família que constituiu (casou com uma sobrinha de Mário de Andrade, figura tutelar da cultura moderna de São Paulo), e dispôs das melhores estradas sociais para se manifestar”.

A obra mais famosa de Candido é *Formação da literatura brasileira* que, “em lugar de ser lido como um livro de história da literatura e das ideias críticas que trazia sobre autores, o livro passou a figurar como talvez a primeira tentativa de fato moderna e aguda de pensar sobre o objeto a que se dedicou, buscando formulação conceitual nova”. Trata-se de um livro com “uma ousadia conceitual impressionante, no contexto: em lugar de escrever uma história meramente linear e com a ilusão de conter tudo, Candido abre o livro postulando um conceito estritamente sociológico – ele propõe a ideia de que uma literatura não nasce em determinado momento [...], mas *se forma*, quer dizer, depende de um processo longo no tempo e no espaço, em que atuam forças sociais, como a leitura, a circulação de obras e a criação de uma tradição interna, que revele uma espécie de independência do pensamento nacional, cá no Brasil, parte deste novo mundo que é a América”.

Luís Augusto Fischer é doutor, mestre e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde leciona. É autor de vários livros, entre eles *Dicionário de porto-alegrês* (Porto Alegre: L&PM Editores), *Literatura gaúcha – História, formação e atualidade* (Porto Alegre: Leitura XXI) e *Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta* (Porto Alegre: Arquipélago Editorial). Fez a edição anotada de *Contos gaúchos e Lendas do Sul* (Porto Alegre: L&PM Editores), de Simões Lopes Neto, e de *Antônio Chimango* (Caxias do Sul: Editora Belas Letras), de Amaro Juvenal.

Confira a entrevista.

“Essa dupla militância – literatura na imprensa e sociologia na universidade – é que faz dele uma figura singular”

IHU On-Line – Qual a importância de Antonio Candido para os estudos literários no Brasil?

Luís Augusto Fischer – Antonio Candido¹ tem papel destacado, o mais destacado de sua geração. De fato ele é o primeiro grande estudioso universitário de literatura a permanecer com obra imediatamente relevante, até aqui. Fazendo uma conta rápida: os cursos regulares de Literatura no Brasil nascem com os cursos superiores de Letras, que são da década de 1930 em diante, apenas. Antes disso, quem queria

viver em função da literatura e quisesse cursar alguma coisa universitária estudava Direito. Desde que há curso superior no Brasil (bem pouco tempo, porque a colonização que tivemos foi ágrafa e anticrítica, impediu imprensa, edição de livros e cursos superiores), quer dizer, depois da Independência, os letrados eram padres, como o cônego Januário Barbosa², autor de uma das primeiras antologias para uso escolar, ou eram formados em Direito, como foi o caso dos jovens que iam até São Paulo ou até Recife para frequentar os dois únicos espaços possíveis para isso, ou simplesmente eram autodidatas, sem formação superior ou mesmo sem qualquer formação escolar regular, como foi o caso do Machado de Assis³.

No final do século 19, na época do Machado de Assis maduro, quando se estabiliza um debate crítico relevante e existe o que se pode já chamar de opinião pública – com jor-

nais, parlamento, tribunais e escolas em número apreciável –, despontam alguns críticos, como Sílvio Romero⁴ e José Veríssimo⁵, ambos professores de Língua e Literatura na escola média, mas com atuação em jornal e livro. Depois disso, vem logo a geração modernista – Mário de Andrade⁶ e Oswald⁷, em São Paulo,

¹ **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Januário da Cunha Barbosa** (1780-1846): nascido no Rio de Janeiro, foi um orador sacro, historiador, jornalista, poeta, biógrafo e político de muita importância no Primeiro Reinado do Brasil. Além de ter sido um dos filósofos mais considerados de sua época, dedicou-se à maçonaria no Brasil imperial e à luta nacional pela Independência. Foi nomeado por D. Pedro I orador sacro e cônego da Capela Real em 1808, ano da chegada da corte portuguesa ao Brasil. Em 1821, fundou, ao lado de Joaquim Gonçalves Ledo, o Revêrbero Constitucional Fluminense, periódico com intuito de defender a causa da independência do Brasil. Foi nomeado, pelo decreto de 5 de setembro de 1844, diretor da Biblioteca Nacional. Exerceu tais funções até a sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Sílvio Romero** (1851-1914): advogado, jornalista, crítico literário, ensaísta, poeta, historiador, filósofo, cientista político, sociólogo, escritor, professor e político nascido em Sergipe. Foi um dos intelectuais que fundaram a Academia Brasileira de Letras - ABL, em 1897. Polemista, contribuiu de modo significativo para que a Escola do Recife – denominação que lhe deve ser atribuída – viesse a ser conhecida em todo o País. Autor de *Introdução à história da literatura brasileira* (1882), atualmente em edição de cinco volumes. Com o livro *Últimos harpejos* (1883), sua carreira de poeta se encerra. Como resultado de pesquisas sobre o folclore brasileiro, escreveu *O elemento popular na literatura do Brasil* e *Cantos populares do Brasil*, tendo realizado para este, em 1883, uma viagem a Lisboa a fim de publicá-lo. Em 1888, foi publicado *História da Literatura Brasileira* em dois volumes. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **José Veríssimo Dias de Matos** (1857-1916): nascido em Óbidos, no Pará, foi um escritor, educador, jornalista e estudioso da literatura brasileira, membro e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras. Ao lado de Sílvio Romero e Araripe Júnior, seus contemporâneos, foi um dos primeiros historiadores da literatura brasileira. Em sua obra *História da Literatura Brasileira* (1916), há uma constante preocupação em se definir um caráter tipicamente nacional dos escritores do país. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Mário de Andrade** (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia desvairada*, em 1922. Foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance *Macunaima* foi publicado em 1928. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Oswald de Andrade** (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Oswald, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp foram os idealizadores do Modernismo no Brasil, na década de 1920, uma visão da país radicalmente vanguardista que rompia, pela primeira vez em termos culturais, com o colonialismo cultural vigente à época. É autor de uma vasta obra, passando por críticas literárias, autoria de peças teatrais, romances e textos teóricos. Dentre sua obra, vale destacar o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, *Manifesto Antropofágico* e *Crise da Filosofia Messiânica*, textos importantes no que concerne à originalidade do pensamento nativo brasileiro e que se colocam na crítica profunda à razão ocidental hegemonzada. Após a virada antropológica, em 1979, o autor passou a ocupar um papel de destaque na Antropologia brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

Alceu Amoroso Lima⁸, no Rio, Sérgio Buarque de Holanda⁹ entre Rio e São Paulo, Nelson Werneck Sodré¹⁰ também no Rio, Guilhermino César¹¹ saindo de Minas para o Rio Grande do Sul, Augusto Meyer¹² saindo de Porto Alegre para o Rio –, que ainda não dispõe de cursos regulares de Letras: trata-se de gente interessada em literatura que vai fazer outras coisas, especialmente Direito, ou se arranja de algum modo, como foi o caso de Mário, que era professor de Música, ou não completa formação alguma, como Meyer. Todas essas figuras até aqui citadas tiveram papel interessante, escrevendo histórias da literatura, produzindo crítica para jornais e revistas, até mesmo formulando alguma coisa mais sofisticada (Oswald escreveu uma tese

sobre a poesia árcade para o concurso que fez para dar aulas de Literatura na nascente USP, mas foi reprovado...), mas ainda não se pode falar de críticos universitários, para o bem e para o mal. Alguns são ainda legíveis, como Meyer, mas grande parte do que escreveram tem papel, agora, apenas como depoimento histórico.

Depois vem a geração de Candido, que é também a de outra figura que com ele disputou espaço, mas que hoje é uma sombra apenas, Afrânio Coutinho¹³. Este era um médico baiano que, contratado pela revista *Seleções do Reader's Digest*, foi para os Estados Unidos aprimorar suas técnicas de texto, e aí aproveitou para estudar academicamente algo de teoria literária, que então se definia em termos novos, com o que se chamou, no mundo anglo-saxão, de Nova Crítica. Afrânio, voltando de lá, passou de crítico avulso de jornal a professor titular de Literatura na nascente Universidade Federal do Rio de Janeiro, e ali passou a jogar de mão. Visto de hoje, é muito problemático, fraco e até irrelevante, entre outros motivos, porque se concebia como nada menos que o primeiro a fazer ciência literária no Brasil – em função disso, ainda hoje a UFRJ tem um departamento

de Ciência da Literatura, com esse nome. Foi dele a iniciativa de qualificar, sistemática e pejorativamente, a crítica não-universitária como “impressionista”, o que reforçava sua autoimagem de cientista.

Aqui entra Candido. Crítico de jornal e revista, estudou Direito, sem se formar, e se aventurou num curso novíssimo no Brasil, que começou a existir precisamente em sua geração, na USP – Ciências Sociais; assim que se formou, começou a dar aulas ali e virou pesquisador, com doutorado na área. Essa dupla militância – literatura na imprensa e sociologia na universidade – é que faz dele uma figura singular: tinha uma mente acadêmica, no bom sentido, quer dizer, tinha conceitos, sabia dos protocolos e manejava os métodos na área de Humanidades, mas tinha o feeling e a abordagem do crítico “impressionista”, e escrevia muito bem, muito limpo, sem frescuras, com profundidade. Por outro lado, era filho das elites letradas brasileiras, com mãe leitora e culta, e pai médico que fez uma especialização na França, o que levou o menino Antonio Candido a viver por lá e aprender o francês, o inglês e até algo de alemão antes de ingressar na USP, uma vantagem intelectual rara. (Ele conta que em casa havia duas bibliotecas, uma da mãe e outra do pai. Isso dá uma medida da sofisticação intelectual de seu entorno familiar.)

E teve ainda a vantagem histórica de dispor de uma certeza essencial para sua carreira: amigo dos modernistas, embora mais jovem (ele nasceu em 1918), Candido fez sua vida como crítico na militância em favor das teses modernistas, discutindo as coisas que apareciam, os livros e os autores, segundo a régua arejada dos modernistas. Numa entrevista que fiz com ele em 1993, ele contou que, assim que começou a escrever crítica na imprensa e a dar aulas de literatura – ele permaneceu professor de sociologia até 1958, quando migrou para a condição de professor de Literatura, na mesma USP –, teve em mente a necessidade de validar o Modernismo, e portanto sabia quem atacar, quer dizer, todo mundo que

8 **Alceu Amoroso Lima** (1893-1983): nascido no Rio de Janeiro, crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico. Adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador, crítico literário e jornalista nascido em São Paulo - SP. Entre outros livros, escreveu *Raízes do Brasil* (1936). Obteve notoriedade por meio do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Eliane Fleck apresentou, no evento *IHU Ideias*, de 22-8-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e no dia 8-5-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da **IHU On-Line**, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível em <https://goo.gl/RN3W57>, e a edição 498, de 28-11-2016, *Raízes do Brasil – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas*, disponível em <http://bit.ly/2nDmdFE>. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Nelson Werneck Sodré** (1912-1999): historiador, crítico literário, memorialista e general do Exército, foi um dos mais profundos estudiosos da sociedade brasileira. Influenciou gerações com seus livros e centros de análise, como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Guilhermino César** (1908-1993): escritor, jornalista, professor e historiador nascido em Minas Gerais. Aos 19 anos, em Cataguases, foi um dos fundadores da Revista Verde, de caráter modernista. Mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde tornou-se cronista e crítico literário do *Correio do Povo*. Foi chefe do gabinete do governo de Ernesto Dorneles, professor da UFRGS, ministro do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul e secretário da Fazenda. Foi também presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Atuou na dramaturgia como diretor de algumas peças de teatro na década de 1940. Foi escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em 1990. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Augusto Meyer** (1902-1970): jornalista, ensaísta, poeta, memorialista e folclorista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia. Colaborou com vários jornais do Rio Grande do Sul, entre eles *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. Seu primeiro livro publicado foi *A ilusão querida*, de poemas, em 1920. Outras obras que escreveu: *Coração verde*, *Giraluz* e *Poemas de Bilu*. Dirigiu a Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937 para, a convite de Getúlio Vargas, organizar o Instituto Nacional do Livro. Esteve à frente da instituição durante cerca de 30 anos. Meyer integrou o modernismo gaúcho, introduzindo uma feição regionalista à poesia. Estudou a literatura e o folclore do Rio Grande do Sul nos livros *Guia do folclore gaúcho*, *Cancioneiro gaúcho* e *Seleto em prosa e verso*. Recebeu o Prêmio Filipe de Oliveira na categoria Memórias e o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra literária. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Afrânio Coutinho** (1911-2000): professor, crítico literário e ensaísta brasileiro. Ocupou a Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras. Formou-se em medicina, em 1931, mas preferiu seguir a carreira de professor de literatura e história no curso secundário. Foi bibliotecário da Faculdade de Medicina e professor da Faculdade de Filosofia da Bahia. Em 1942, foi para os Estados Unidos e, durante cinco anos, frequentou cursos na Universidade de Columbia e em outras universidades norte-americanas, aperfeiçoando-se em crítica e história literária. Regressou ao Brasil em 1947 e foi morar no Rio de Janeiro. No ano seguinte, inaugurou, no *Suplemento Literário do Diário de Notícias*, a seção “Correntes Cruzadas”, que manteve até 1961, debatendo problemas de crítica e teoria literária. Na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, criou, em 1951, a disciplina de Teoria e Técnica Literária, primeira iniciativa do gênero no Brasil. Em 1965, criou a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1968, foi nomeado diretor dessa faculdade, permanecendo no cargo até aposentar-se, em 1981. Foi ele quem criou a Biblioteca da Faculdade de Letras, reconhecida como uma das melhores do gênero no Rio de Janeiro. Nas décadas de 1960 e 1970, realizou inúmeras viagens para o exterior, como professor visitante em universidades dos Estados Unidos, da Alemanha e da França. Foi empossado em 20 de julho de 1962 na cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras. Durante a sua vida, construiu uma vasta biblioteca particular, que se tornou a base para a criação, em 1979, da Oficina Literária Afrânio Coutinho - OLAC, destinada a promover estudos na área da literatura, ministrar cursos e conferências, e receber escritores nacionais e estrangeiros. Hoje a Biblioteca pertence à Faculdade de Letras da UFRJ. Coordenou a elaboração da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (obra em dois volumes), publicada em 1990. Sua última obra foi *Do Barroco – ensaios* (1994). (Nota da **IHU On-Line**)

rezasse por cartilha diferente, antiga etc. Para completar esse quadro, é preciso levar em conta que ele foi um dos fundadores do antigo PSB, um partido de esquerda não-ortodoxa (antistalinista), logo após a Segunda Guerra Mundial, condição que também explica sua grande abertura de consciência para os movimentos amplos da vida ocidental, da economia à literatura.

No conjunto, com esses condicionantes claramente especiais, ele soube produzir grandes ensaios e alguns livros de forte importância, como a *Formação da literatura brasileira*, livros que permanecem legíveis, abrem muitos caminhos e mostram a virtude da formação múltipla e da visada abrangente do crítico. Ao lado disso, igualmente teve papel essencial na orientação de várias gerações de novos críticos, professores, pesquisadores na USP e depois na Unicamp, cujo curso de Letras ele ajudou a organizar, por sinal.

Quer dizer, ele foi inteligente, cosmopolita, bem aparelhado, com história social muito favorável, tanto em sua família de origem quanto na família que constituiu (casou com uma sobrinha de Mário de Andrade, figura tutelar da cultura moderna de São Paulo), e dispôs das melhores estradas sociais para se manifestar – para dizer de modo um pouco irreverente, ele pegou a maré montante, amplamente favorável, nascida no processo de consolidação da USP e do estado paulista como forças hegemônicas no campo intelectual (e industrial e financeiro) do Brasil.

IHU On-Line – E para além do campo literário, qual a importância do pensamento de Candido?

Luís Augusto Fischer – Há três aspectos, pelo menos: um, sua militância na imprensa paulistana foi muito forte – foi dele o projeto inicial do “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo. Ele fez parte do grupo que criou a revista *Clima* etc. –, coisa que se soma ao ótimo faro crítico

dele para detectar os melhores em cada momento (ele logo percebeu, por exemplo, que poeta importante mesmo, nos anos 1940, era João Cabral¹⁴, assim como sacou a qualidade rara de Clarice Lispector¹⁵ logo na primeira publicação).

Dois, ele teve destacada importância política mesmo, no campo intelectual, primeiro no PSB e na luta pelo fim da ditadura do Estado Novo¹⁶, e depois foi um dos fundadores do PT, num momento em que este novo partido era referência forte para todo o campo da oposição ao regime militar.

Três, não menos, ele foi professor de Sociologia na USP por uns 15 anos, até migrar para a área de Literatura. Orientou pesquisa, ajudou várias carreiras – para dar um exemplo, Roberto Schwarz¹⁷ foi aluno dele

14 **João Cabral de Melo Neto** (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edição 310 da revista **IHU On-Line**, de 5-10-2009, intitulada *A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto*, disponível para download em <https://bit.ly/2oHHiQt>. Na edição 499 da revista **IHU On-Line** foi publicado um dossiê sobre a obra de João Cabral de Melo Neto, disponível em <http://bit.ly/2wZeOUd>. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contendo a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da **IHU On-Line**, de 16-7-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*, disponível em <https://bit.ly/2PEUJKS>. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Estado Novo**: período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, recebendo apoio de importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Roberto Schwarz** (1938): nascido em Viena, na Áustria. Crítico de literatura e cultura, poeta e dramaturgo. Mudou-se para o Brasil com a família, de origem judaica, no início de 1939, quando a Áustria foi anexada pela Alemanha. Nos anos 1950, convive com o também emigrado Anatol Rosenfeld (1912-1973), que foi seu mentor literário e filosófico. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP em 1960. Em 1958-1959, participou do Seminário Marx, que se organizou para estudar *O Capital*, o grupo era formado por José Arthur Giannotti, Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michael Löwy e Gabriel Bolaffi. Nos Estados Unidos, pós-graduou-se na Universidade de Yale sob a orientação de René Wellek, concluindo o mestrado em 1963, ano em que retornou ao Brasil, tornando-se assistente de Antonio Candido no Departamento de Teoria Literária da USP. Exilando-se em Paris em 1969, quando a repressão política aumentou após o golpe de 1964, doutorou-se em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Paris III

na Sociologia, e por combinação entre o mestre e o aluno, Roberto migrou para a área da Literatura, onde viria a se tornar um sujeito de primeiro plano. E considere que, ao contrário do que ocorreu na universidade cá no Rio Grande do Sul, lá na USP a Sociologia foi concebida como uma carreira de central importância, bastando ver o caso de Fernando Henrique Cardoso¹⁸, um aluno e depois professor exatamente dessa disciplina, lá na universidade paulista.

Para encerrar, haveria um quarto termo, mas em campo mais ou menos literário: Candido se ocupou bastante de relações com o ensino básico, e nesse sentido particular escreveu alguns textos que são de forte intervenção pública, para além do mundo das letras.

IHU On-Line – Quais são as obras fundamentais de Candido e por quê?

Luís Augusto Fischer – O livro mais famoso, que não é propriamente o mais lido, é o já citado *Formação da literatura brasileira*, uma espécie de história crítica da literatura no Brasil, que acabou se tornando referência por motivos inesperados. Em lugar de ser lido como um livro de história da literatura e das ideias críticas que trazia sobre autores, o livro passou a figurar como talvez a

(Université Sorbonne Nouvelle III) sob orientação de Raymond Cantel em 1976. Sua tese, intitulada *Ao vencedor as batatas*, trata da obra de Machado de Assis. Quando retornou ao Brasil, em 1978, começou a lecionar literatura e teoria literária na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde aposentou em 1992. Nesse período, sua atuação intelectual foi marcada por algumas polémicas importantes, como a que travou com Augusto de Campos sobre o legado da poesia concreta. Alguns de seus mais significativos ensaios são publicados em língua inglesa em forma de livro e em importantes periódicos, como a *New Left Review*. Um dos últimos ensaios do crítico se ocupa, aliás, da repercussão internacional mais recente de Machado de Assis. Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades, 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). Publicou também *Pássaro na gaveta* (São Paulo: Massao Ohno, 1959), *A lata de lixo da história* (São Paulo: Paz e Terra, 1977; São Paulo: Companhia das Letras, 2014), *Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *A sereia e o desconfiado* (São Paulo: Paz e Terra, 1965), *Seqüências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *Duas meninas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Fernando Henrique Cardoso** (1931): sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos, entre 1995 e 2003. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combater à inflação. (Nota da **IHU On-Line**)

primeira tentativa de fato moderna e aguda de pensar sobre o objeto a que se dedicou, buscando formulação conceitual nova. Como história, ele é bem restrito, porque, publicado no fim dos anos 1950, ele tem como assunto apenas a literatura do Arcadismo e a do Romantismo; o livro encerra antes de falar do Machado de Assis maduro! Curiosamente, o livro nasceu do convite de um editor paulistano para Candido escrever um livro paradidático, para uso em escolas...

De todo modo, o livro de fato tem uma ousadia conceitual impressionante, no contexto: em lugar de escrever uma história meramente linear e com a ilusão de conter tudo, Candido abre o livro postulando um conceito estritamente sociológico – ele propõe a ideia de que uma literatura não nasce em determinado momento (com a Carta de Caminha, ou com a obra de Bento Teixeira¹⁹, ou com o primeiro livro publicado após a Independência), mas *se forma*, quer dizer, depende de um processo longo no tempo e no espaço, em que atuam forças sociais, como a leitura, a circulação de obras e a criação de uma tradição interna, que revele uma espécie de independência do pensamento nacional, cá no Brasil, parte deste novo mundo que é a América.

Outro livro relativamente famoso é seu doutorado em Sociologia, *Parceiros do rio Bonito*, que tem lá suas limitações metodológicas, mas revela, em sua geração, uma forte originalidade e uma grande importância – considere que Candido estuda uma comunidade caipira, seus hábitos, sua socialidade, num momento em que essas comunidades caipiras estão sendo alcançadas pela energia elétrica, pela mercadoria industrial, pelo rádio, até pela escola. Para nós, gaúchos, uma comparação eloquente é esta: Candido estudou os caboclos de seu estado, com atenção afetuo-

sa, mas com método científico, no mesmo momento em que aqueles jovens daqui criaram o primeiro CTG, que é também uma forma de estudar o passado dos caboclos locais, os gaúchos. No Rio Grande do Sul, houve também estudos, como os de Barbosa Lessa²⁰ e de Paixão Côrtes²¹, na linha do folclore, com vistas a preservar o que era antigo (e para depois servir de modelo para a vida dos CTGs), ao passo que em São Paulo, embora também houvesse folcloristas, Candido e a USP estudavam essas formas antigas, mas sem a ilusão de preservar o que quer que fosse, e sim para melhor integrá-las à modernidade. Sei que o tema é mais complexo do que essa simples comparação, mas o paralelo é sintomático – com o detalhe de que no Rio Grande do Sul só fomos ter curso superior de Ciências Sociais a partir de 1958, na UFRGS!

Fora esses dois livros, me parece que as obras fundamentais de Candido são artigos e estudos específicos, como o famosíssimo “Dialética da malandragem”, sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias*, ou os estudos que fez sobre *O cortiço*, ou uma hipótese de leitura de âmbito latino-americano como “Literatura e subdesenvolvimento”, entre outros.

IHU On-Line – O conceito de formação é central no pensa-

20 Barbosa Lessa (1929-2002): folclorista, escritor, músico, advogado e historiador brasileiro. Luiz Carlos Barbosa Lessa escreveu cerca de 61 obras, entre contos, músicas e romances. É um dos principais inspiradores do tradicionalismo gaúcho. Em 1948, ele e um grupo de colegas do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas - CTG, chamado de 35. Entre os seus livros mais importantes estão *Rodeio dos ventos*, *Os guaxos*, *O sentido e o valor do tradicionalismo e Nativismo*, um *fenômeno social gaúcho*. Com Paixão Côrtes, entre 1950 e 1952 pesquisou o conhecimento remanescente das danças regionais do Rio Grande do Sul, trabalho que embasou a recriação de danças tradicionalistas, originando o livro didático *Manual de Danças Gaúchas* e o disco *Danças Gaúchas*, com interpretações da cantora paulista Inezita Barroso. (Nota da **IHU On-Line**)

21 Paixão Côrtes (1927-2018): João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes foi folclorista, compositor, radialista e pesquisador gaúcho. Trata-se de um dos personagens mais importantes da cultura gaúcha e, em particular, do movimento tradicionalista. Era um dos alunos do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, que fundaram o primeiro centro de tradições gaúchas (CTG), chamado de 35, em 1953. Em 1954, serviu de modelo para o escultor Caringi criar a estátua Laçador, fixada em uma das entradas de Porto Alegre. Formou-se em Agronomia, na UFRGS, e trabalhou na Secretaria da Agricultura. Dizia que o fato de ser folclorista e “falar a mesma língua do homem do campo” facilitou a comunicação e a implantação de novas tecnologias. (Nota da **IHU On-Line**)

mento de Candido. Por que e qual a sua atualidade?

Luís Augusto Fischer – Matéria ampla a dessa pergunta. Candido foi um dos mais agudos pensadores sobre o conceito de “formação”, que vem de antes dele (de Sérgio Buarque, Caio Prado²², até mesmo de Gilberto Freyre²³ e do gaúcho Vianna Moog²⁴, e antes ainda vem de Machado de Assis em seus textos críticos), todos eles diferentes entre si, mas todos ocupados em pensar sobre o Brasil como um processo histórico, como uma formação, quer dizer, como um percurso que vai da condição de colônia até a condição de país autônomo, quando conseguia internalizar os mecanismos de autodefinição. Na geração de Candido, ao menos dois outros pensadores entram na conta, Raimundo Faoro²⁵

22 Caio Prado Júnior (1907-1990): pensador e político brasileiro. Em 1942, publica sua obra mais importante, *A formação do Brasil contemporâneo*, sofrendo perseguições devido ao seu alinhamento político com a orientação comunista, tendo seu mandato cassado dois anos depois da publicação do livro. Sua obra criou, porém, uma tradição historiográfica no Brasil, identificada sobretudo com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial. A obra foi apresentada no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU em 14-8-2003, e é tema de entrevista com a professora Marcia Eckert Miranda, publicada na **IHU On-Line** número 70, de 11-8-2003, disponível <http://bit.ly/1irli08>. (Nota da **IHU On-Line**)

23 Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** n° 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

24 Clodomir Vianna Moog (1906-1988): advogado, jornalista, romancista e ensaísta nascido em São Leopoldo (RS). Queria seguir a carreira militar, por isso foi para o Rio de Janeiro a fim de prestar exame na Escola Militar do Realengo. Como naquele ano não houve provas vestibulares, voltou para Porto Alegre, onde trabalhou algum tempo no comércio e, em 1925, matriculou-se na Faculdade de Direito. Foi nomeado, no mesmo ano, guarda-fiscal interino da Repressão ao Contrabando na Fronteira e designado para a Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Em 1926 prestou concurso para agente fiscal de imposto de consumo e serviu dois anos na cidade de Santa Cruz do Sul e um ano na cidade de Rio Grande. Viana Moog formou-se em 1930 e, no mesmo ano, participou da Aliança Liberal. Contrário à ditadura de Getúlio Vargas, participou da Revolução de 1932, tendo sido preso e removido para o Amazonas. Anistiado, retornou ao Rio Grande do Sul em 1934. Foi no período de exílio que começou propriamente a sua atividade literária. No Amazonas, escreveu dois livros: *Heróis da decadência*, com estudos sobre Petrólio, Cervantes e Machado, e *O ciclo do ouro negro*, ensaio de interpretação da realidade amazônica. Voltando a Porto Alegre, dirigiu o vespertino *Folha da Tarde*. Dessa fase breve, resultou *Novas cartas persas*, sátira em torno da situação político-social. Consagrou-se mais intensamente à literatura com o golpe de 1937. Publicou, em 1938, o ensaio *Eça de Queirós e o século XIX* e o romance *Um rio imita o Reno*, pelo qual ganhou em 1939 o Prêmio Graça Aranha. Foi representante do governo brasileiro na Organização dos Estados Americanos - OEA e na Organização das Nações Unidas - ONU. (Nota da **IHU On-Line**)

25 Raimundo Faoro ou Raimundo Faoro (1925-2003):

19 Bento Teixeira (1561-1600): poeta luso-brasileiro, cuja única obra, o poema épico *Prosopopeia*, é referida como o marco inicial do barroco na literatura brasileira. De biografia nebulosa, poucos fatos podem ser atestados sobre sua vida e obra. Chegou-se a lhe atribuir duas outras obras, mais tarde de autoria revisada. (Nota da **IHU On-Line**)

e Celso Furtado²⁶, e depois deles mais gente produz ensaios “formativos”, consolidando uma linhagem de importância central para as ciências sociais, as letras e artes entre nós.

Quanto a sua atualidade, depende do ângulo de quem lê a coisa. Se tu perguntares a um pós-moderno, um desconstrucionista, um pós-estruturalista etc., ele provavelmente vai dizer que o conceito de formação é velho e ultrapassado, tendo em vista a internacionalização, dos mercados e das ideias. Do meu ângulo, o conceito continua tendo muito sentido, em particular para pensar sobre o passado e para projetar algum futuro que seja minimamente fruto de projeto nacional. E restrinjo mais claramente a coisa: não se trata de um projeto nacionalista ou isolacionista, que não preste atenção à evidente marcha de integração dos mercados (muito embora essa integração seja basicamente entre os de cima, entre os donos do capital, e não entre os de baixo, os do mundo do trabalho), mas de um projeto de nação que leve em conta o conjunto do país, que pense em acabar com a miséria e constituir um país digno para todos.

IHU On-Line – O engajamento político, até mesmo partidário, de Candido criou algum tipo de oposição ou crítica contra ele?

Luís Augusto Fischer – Creio que não, não houve muita coisa relevante nesse sentido de ele ter enfrentado problemas por ser quem era e ter as convicções que tinha, salvo naturalmente a posição trulculenta da direita burra, das elites iletradas. Uma forma de ver isso é

jurista, sociólogo, historiador e cientista político brasileiro. Suas obras se propõem a fazer uma análise da sociedade, da política e do Estado brasileiro. Em seu livro mais clássico, *Os Donos do Poder* (Porto Alegre: Editora Globo, 1958), abordou conceitos de patrimonialismo brasileiro, onde o contextualizava a partir da colonização portuguesa. Raymond foi membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Celso Furtado** (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959). Confira a edição 155 da **IHU On-Line** que aborda a obra de Furtado, disponível em <https://bit.ly/2MTgqL>. (Nota da **IHU On-Line**)

avaliar a enorme presença de figuras paulistas, saídas da USP ou nela lapidadas, no comando do Brasil, há décadas. Por mais que fosse de esquerda, Candido foi amigo de FHC até o fim, assim como ele era interlocutor de Lula²⁷ ou ao menos de gente do “inner circle” petista, como Paul Singer²⁸. Claro que ele deve ter ou-

27 **Luiz Inácio Lula da Silva** (1945): trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal - MPF, apontado como recebedor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal, onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Paul Singer** (1932-2018): nascido em Viena, foi economista e professor. Veio morar no Brasil em 1940, quando sua família migrou para escapar da perseguição nazista. Em 1951, Singer formou-se em eletrotécnica no ensino médio da Escola Técnica Getúlio Vargas de São Paulo, exercendo a profissão entre 1952 e 1956. Nesse período, filiou-se ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, militando no movimento sindical. Como trabalhador metalúrgico, liderou a histórica greve dos 300 mil, que paralisou a indústria paulistana por mais de um mês, em 1953. Obteve a nacionalidade brasileira em 1954. Graduiu-se em Economia na Universidade de São Paulo - USP, ao mesmo tempo em que desenvolvia atividade político-partidária, no PSB. Em 1959, participou da fundação da Polop, organização política constituída por membros da ala esquerda do PSB. Em 1960, começa a lecionar na USP. Em 1966, obteve o grau de doutor em Sociologia com um estudo sobre desenvolvimento econômico e seus desdobramentos territoriais, abordando cinco cidades brasileiras - São Paulo, Belo Horizonte, Blumenau, Porto Alegre e Recife. A tese deu origem ao livro *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*, sob orientação de Florestan Fernandes. Entre 1966 e 1967, estudou demografia na Universidade Princeton, nos Estados Unidos. Em 1968 apresentou sua tese de livre-docência, *Dinâmica populacional e Desenvolvimento*. Nesse mesmo ano, retomou suas atividades como professor da USP até ter seus direitos políticos cassados pelo AI-5 e ser aposentado politicamente, em razão de suas atividades políticas, em 1969. Nesse mesmo ano, com vários outros pesquisadores e professores expulsos da universidade ou simplesmente discordantes do regime, participou da fundação do Cebrap - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, importante núcleo da inteligência brasileira de oposição à ditadura militar. Atuou no Cebrap até 1988, antes de ser nomeado secretário Municipal de Planejamento de São Paulo. Em 1980, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores, ao lado de outros intelectuais historicamente ligados à esquerda. Seus últimos estudos foram a respeito de Economia Solidária e projetos voltados ao desenvolvimento local. Ajudou a criar a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP em 1998, quando foi convidado pela Caeac a assumir o cargo de coordenador acadêmico da incubadora. A partir de junho de 2003, foi secretário Nacional de Economia Solidária - Senaes, que implementou, a partir de junho de

vido alguma espinhafrada de algum direitista ou reacionário, mas por certo isso não chegou a ser grande problema para ele - mas também não devemos negligenciar seu papel de figura referente na oposição ao regime militar, à censura, às cassações, período em que Candido foi nada menos que exemplar.

No campo literário, ele teve amplo apoio e se tornou figura de referência até para quem não gostava de relacionar literatura e sociedade ou não gostava de misturar as excelentes letras com a vida real brasileira. Veja que ele foi homenageado como figura tutelar da Abralic, Associação Brasileira de Literatura Comparada, que no começo, anos 1970 e 80, tinha entre seus mais destacados dirigentes professores e críticos que abominavam as posições esquerdistas do Candido, mas não podiam deixar de homenageá-lo como um grande intelectual e como formador de gerações.

Um inimigo que teve, curiosamente, foi o grupo concretista, de São Paulo. Candido foi o orientador do doutorado de Haroldo de Campos²⁹, que nessa época o elogiou muito, mas depois Haroldo e Augusto³⁰ ba-

2003, no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Haroldo de Campos** (1929-2003): poeta e tradutor nascido em São Paulo. Fez seus estudos secundários no Colégio São Bento, onde aprendeu os primeiros idiomas estrangeiros, como latim, inglês, espanhol e francês. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no final da década de 1940, lançando seu primeiro livro, *O Auto do Possesso*, em 1949, quando participava do Clube de Poesia, ao lado de Décio Pignatari. Em 1952, Décio, Haroldo e seu irmão Augusto de Campos rompem com o Clube, por divergirem quanto ao conservadorismo predominante entre os poetas, conhecidos como Geração de 45. Fundam, então, o grupo Noigandres, passando a publicar poemas na revista do grupo, de mesmo título. Nos anos seguintes, defendeu as teses que levariam os três a inaugurar, em 1956, o movimento concretista, ao qual se manteve fiel até o ano de 1963, quando inaugura um trajeto particular, centrando suas atenções no projeto do livro-poema Galáxias. Fez o doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob orientação de Antonio Candido, tendo sido professor da PUC-SP, bem como na Universidade do Texas, em Austin. Haroldo dirigiu até o final de sua vida a coleção Signos, da Editora Perspectiva. “Transcriou” em português poemas de autores como Homero, Dante, Mallarmé, Goethe, Mayakovski, além de textos bíblicos, como o Gênesis e o Eclesiastes. Publicou, ainda, numerosos ensaios de teoria literária, entre eles *A Arte no Horizonte do Provável* (1969). No teatro, suas obras foram interpretadas, com exclusividade, por três atores: Giulia Gam (1989), *Cena da Origem*, direção de Bia Lessa), Bete Coelho (1997), *Graal: Retrato de um Fausto Quando Jovem*, de Gerald Thomas) e Luiz Páetow (2015, *Puzzle*, de Felipe Hirsch). Pouco antes de falecer, publicou sua transcrição em português da *Iliada*, de Homero. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Augusto de Campos** (1931): tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música nascido em São Paulo. Publicou em 1951 seu primeiro livro de poemas, *O rei menos o reino*. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pig-

teram forte em Candido e, mais ainda, em Schwarz, que em vários sentidos é herdeiro direto de Candido, na crítica e na universidade. Os irmãos Campos gostavam de lembrar que Candido tinha sido chamado de “chato-boy” por Oswald de Andrade, em certo momento, por ser um intelectual acadêmico, que sempre tendia a discutir as coisas com conceitos e tal, ao contrário de Oswald, que posava de gênio espontâneo, irreverente, ao menos em algumas fases de sua vida.

Atualmente, Candido encontrou nova oposição na figura de um inteligente professor português, Abel Barros Baptista³¹ (que conta com aliados na universidade brasileira), que considera que Candido e seu discípulo Schwarz “sequestram” (sic – ele usa este verbo) a obra de Machado de Assis, porque obrigam, diz ele, a ler Machado exclusivamente segundo a pauta brasileira, o que impediria que o grande romancista e contista carioca circulasse mais amplamente e pudesse enfim ser reconhecido como par da primeira turma da literatura ocidental. Não concordo, é claro, mas enfim é uma das oposições que Candido enfrenta.

IHU On-Line – Qual o impacto do pensamento humanista e democrático de Candido em sua produção teórica?

Luís Augusto Fischer – Excelente questão, que requereria

natarí, iniciou o movimento da poesia concreta no Brasil, lançou a revista literária *Noigandres*, origem do grupo Noigandres. Em 1955, no segundo número da revista, publicou uma série de poemas em cores, *Poetamemos*, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil. Em 1956, participou da organização da Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta (Artes Plásticas e Poesia), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua obra veio a ser incluída, posteriormente, em muitas mostras, bem como em antologias internacionais. A maioria dos seus poemas acha-se reunida em *Viva Vaia* (1979), *Despoesia* (1994) e *Não* (2003). Outras obras importantes são *Poemóviles* (1974) e *Caixa Preta* (1975), coleções de poemas-objetos em colaboração com o artista plástico e designer Julio Plaza. Seu livro *Não poemas* (2003) recebeu o prêmio de Livro do Ano, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. (Nota da **IHU On-Line**)

³¹ **Abel Barros Baptista**: professor da Universidade Nova de Lisboa, onde obteve o título de doutor em Estudos Portugueses e mestre em Estudos Literários Comparados. É autor, entre outros, de *De Espécie Complicada. Ensaios de Crítica Literária* (2010), *O Livro Agreste. Ensaio de Curso de Literatura Brasileira* (2005), *Ensaios Facetos* (2004), *Autobiografias* (Lisboa, 1998; São Paulo, 2003), *Coligação de Avulsos. Ensaios de Crítica Literária* (2003) e *A Infelicidade pela Bibliografia* (2001). (Nota da **IHU On-Line**)

muitas páginas para responder adequadamente. Em brevíssimas e insuficientes palavras, a visão política e social de Candido se harmoniza com sua visão do literário e do sociológico. Por exemplo: interessado no destino das populações que migravam para a megalópole paulistana nos anos 1940 e 50, Candido, sofisticado intelectual poliglota e cosmopolita que podia ficar lá nas alturas acadêmicas e quem sabe migrar para outra universidade nos Estados Unidos ou na Europa, vai lá e estuda o caipira, com vistas a pensar nas maneiras de melhor acolher e educar esse pessoal. Da mesma forma, interessado no sofrimento das massas pobres, estuda casos de literatura diretamente envolvidos com o mundo dos de baixo, tanto no Brasil, como é o caso dos estudos que citei acima (sobre as *Memórias de um sargento de milícias*, ou sobre *O cortiço*) ou como o ensaio magnífico que tem sobre um romance italiano chamado *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga³², que foca uma comunidade pobre de pescadores na Itália. Mas é importante logo avisar que não se trata de Candido apenas elogiar o livro por tratar dos pobres: o que ele fazia era estudar os modos de representação dos pobres, para melhor entender as obras. Se fosse, aliás, para falar de preferências, curiosamente Candido tinha como autor do coração o aristocrático e melancólico Proust³³, de quem tinha uma vasta biblioteca, mas sobre quem quase nada escreveu.

IHU On-Line – O senhor escreveu que as ideias de Candido carregam as restrições de seu

³² **Giovanni Verga** (1840-1922): novelista, escritor de histórias curtas e dramaturgo, o mais importante Realista italiano da escola de novelistas. Sua reputação se desenvolveu lentamente, porém críticos modernos o julgam como um dos melhores de todos os novelistas italianos. Sua influência foi particularmente marcante após a Segunda Guerra Mundial em gerações de autores italianos. Um filme marcante do Movimento Neorealista no cinema de Luchino Visconti, *A terra treme* (1948), foi baseado na novela de Verga *I Malavoglia* (*Os Malavoglia*). (Nota da **IHU On-Line**)

³³ **Marcel Proust** (Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust) (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da **IHU On-Line**)

tempo e sua circunstância. Que restrições são essas?

Luís Augusto Fischer – Candido é genial, mas não está fora das constrictões do tempo, claro – e ainda bem. Eu escrevi três estudos sobre a obra do Candido, com a intenção de estudar e analisar a dependência de sua obra em relação a certas interpretações do Brasil que hoje precisavam ser reavaliadas.

Menciono duas: a primeira é que Candido naturaliza a visada modernista paulistana sobre o conjunto da literatura brasileira. Isso o leva a avaliar as coisas de um modo que obriga tudo a ser tributário daquele pessoal, de sua visão das coisas. Dizendo em poucas palavras, aqui temos um caso que, com o tempo, eu creio que vai ficar mais claro ainda, especialmente na medida em que nosso debate literário enfrente criticamente a verdadeira modernistolatria em que vivemos até agora, que considera ingenuamente que tudo que é modernista é bom e o que não é modernista não merece atenção. Um exemplo local é Simões Lopes Neto³⁴ (que Candido por sinal elogia, destacando sua obra do conjunto dos contistas de tema rural daquele momento), que pela lente modernista é classificado como um “pré-modernista”, sendo portanto tratado como um autor menor, na medida em que não chegou a ser modernista, que seria uma mera figura preliminar, que no máximo anunciou algo que o Modernismo viria enfim a realizar de modo pleno. Estou aqui escrevendo a coisa muito resumidamente, mas enfim, este é um ponto: o

³⁴ **João Simões Lopes Neto** (1865-1916): escritor nascido em Pelotas (RS). A ele a revista **IHU On-Line** dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*, disponível em <https://bit.ly/2MU2Zv2>. O oitavo número dos **Cadernos IHU ideias** é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da professora Márcia Lopes Duarte, disponível em <https://goo.gl/STCqYG>, tem como base a apresentação da professora no IHU Ideias de 4 de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destaca-se *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913). A editora da UFRGS lançou em 2017 o livro *Simões Lopes Neto para o Mundo: tradução de contos gauchescos para dez línguas*, organizado por Luís Augusto Fischer, Rosalia Neumann Garcia e Karina de Castilhos. Fischer também publicou a edição anotada dos *Contos gauchescos e das Lendas do sul* (L&PM, 2012) e a primeira edição de dois manuscritos de Simões Lopes Neto, o *Terra gaúcha - Histórias de infância e a Artinha de leitura*, obras escritas na primeira década do século 20. (Nota da **IHU On-Line**)

modernismocentrismo que está na alma invisível da obra de Candido acaba por justificar essa barbaridade do exemplo – quando claramente Simões Lopes Neto nada tem a ver com a régua modernista paulistana e portanto o juízo sobre ele, se feito pela régua modernista, não apenas não captura ou descreve sua literatura como, pior ainda, sugere que o bom mesmo é o que o Modernismo fez, como se este tivesse sido uma revelação, um “nec plus ultra”, um ponto inultrapassável de beleza, liberdade etc. Candido, neste sentido, subscreve uma leitura escatológica da história da literatura, em que o ponto culminante é o Modernismo, e não se fala mais disso.

(Não quero com isso dizer que, especialmente quando fazia crítica afastada de uma perspectiva histórica, ele fosse um tolo, claro que não. Basta ver a centralidade de Machado de Assis, em particular a visão dele sobre o processo de formação da literatura brasileira, que no fim das contas é base do que Candido mesmo pensa. Machado não é avaliado pela régua modernista, claro: nenhum modernista teve essa petulância ou cometeu essa tolice, ainda que Mário de Andrade tenha escrito um depoimento de impressionante obtusidade sobre Machado. De todo modo, um tanto paradoxalmente, Candido nunca escreveu nenhum estudo de fôlego sobre Machado de Assis. O máximo que fez foi uma conferência, que foi escrita sob o título “Esquema de Machado de Assis”, que é inteligente mas não avança quase nada para além do que sua geração já sabia e dizia.)

A outra é mais complicada de expor em poucas linhas, mas vamos lá. Ocorre que Candido tem uma interpretação da história brasileira fortemente aliançada com a visão de Caio Prado Júnior sobre o Brasil, e esta é hoje em dia inaceitável. Para Caio Prado, o Brasil até o final do século 19 era fundamentalmente, quase que exclusivamente, o espaço da “plantation”, quer dizer, o espaço dos grandes ciclos

monocultores, do açúcar e do café. Escrevendo nos anos 1930 a 1950, Caio Prado considerava que este era o Brasil, este espaço que era litorâneo, monocultor, latifundiário, escravagista e exportador. Fora disso, como disse com todas as letras Caio Prado, havia apenas agricultura de sobrevivência e formas sociais irrelevantes para entender o Brasil.

Este é o problema: hoje, as pesquisas históricas mais sofisticadas produziram dados que mostram à sociedade que o Brasil, ao menos desde o século 18, se não antes ainda, era muito mais que isso – no sertão, quer dizer, no espaço fora da “plantation”, havia não apenas sobrevivência, mas circuitos importantes de produção, circulação e consumo. O Rio Grande do Sul é apenas um exemplo, desde que se começou, na primeira metade do século 18, a levar gado em pé daqui até Sorocaba, passando pelo trigo açoriano, depois a produção das colônias imigrantes etc. Coisa semelhante ocorria em praticamente todo o território, como mostra muito claramente o trabalho de Jorge Caldeira³⁵, em vários estudos, por exemplo no excelente livro que é *História do Brasil com empreendedores*. Em outro sentido, historiadores como João Fragoso³⁶

35 **Jorge Caldeira** (1955): escritor, doutor em Ciência Política, mestre em sociologia e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP. Sócio-fundador e diretor da Editora Mameluco. Foi publisher da Revista Bravo!, consultor do Projeto Brasil 500 Anos, da Rede Globo, editor-executivo da Revista Exame, editor do Caderno Ilustrado e da Revista da Folha, do jornal Folha de S. Paulo, editor de economia da Revista Isto É e editor da Revista do Cebrap. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia Paulista de Letras. Caldeira e a Mameluco Produções foram responsáveis pela digitalização da obra completa de José Bonifácio, disponível no portal Obra Bonifácio. É autor do best seller *Mauá: um empresário do Império*, publicado pela Companhia das Letras. Alguns de seus livros: *Noel Rosa, de Costas para o Mar* (Brasiliense, 1982), *Mauá, Empresário do Império* (Companhia das Letras, 1995), *Viagem pela História do Brasil* (Companhia das Letras, 1997), *A nação mercantilista: ensaios sobre o Brasil* (Editora 34, 1999), *José Bonifácio de Andrada e Silva* (Organização - Editora 34, Coleção Formadores do Brasil, 2002), *A construção do samba* (Editora Mameluco, 2007), *Brasil - a história contada por quem viu* (Mameluco, 2008), *História do Brasil com empreendedores* (Editora Mameluco, 2009), *101 Brasileiros que fizeram História* (Estação Brasil, 2016) e *História da Riqueza no Brasil* (Estação Brasil, 2017). (Nota da **IHU On-Line**)

36 **João Fragoso** (1958): professor de Teoria da História, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Graduado em História Social e mestre em História Social pela UFRJ e doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Recebeu os prêmios Arquivo Nacional de Pesquisa (1. lugar - 1991); Comenda da Ordem do Mérito Científico - Presidência da República (2010); Prêmio Jabuti - Ciências Humanas (1. lugar - 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

e Manolo Florentino³⁷ mostraram que não se comprova a estreita dependência da economia brasileira como um todo em relação aos resultados da “plantation”. Eles mostram que a economia brasileira era muito mais dinâmica, que, por exemplo, foi capaz de crescer em momentos de baixa da economia metropolitana, a qual deveria ser, no modelo de Caio Prado, a reguladora exclusiva dos ritmos da economia da colônia brasileira.

Bem, o que isso tem a ver com o Candido? Resposta também nada simples, mas, em poucas palavras, a visão de Candido sobre o Brasil depende dessa visão de Caio Prado, tem afinidade forte com essa perspectiva, o que torna sua leitura da literatura brasileira de algum modo dependente dessa interpretação do Brasil como igual ao espaço da “plantation”, até o final do século 19. Não é, mas Candido assim vê.

Onde se pode verificar isso na obra dele? Em mais de um modo e momento. Candido, por exemplo, não integrou Gregório de Matos³⁸ à sua *Formação da literatura brasileira*, com o argumento de que uma literatura, para existir, precisa da existência de uma interação entre autores, obras e público; na medida em que Gregório de Matos nunca publicou nada em vida, ele na verdade não tinha propriamen-

37 **Manolo García Florentino**: graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Estudos Africanos - El Colégio de México - e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recebeu a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico (2009). Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa de fevereiro de 2013 a fevereiro de 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

38 **Gregório de Matos e Guerra** (1636-1696): nascido em Salvador, advogado e poeta da época colonial. É considerado um dos maiores poetas barrocos do Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial. A alcunha Boca do Inferno foi dada a Gregório por sua ousadia em criticar a Igreja Católica, muitas vezes atacando padres e freiras. Criticava também a “cidade da Bahia”, ou seja, Salvador. Por tal motivo e outros, como sua poesia pornográfica, Gregório foi considerado um poeta “rebelde” que, apesar de ser um clássico, hoje ainda muitos consideram também um poeta maldito. Em 1831, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen publicou 39 dos seus poemas na coletânea *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850, em Lisboa). Afrânio Peixoto edita a restante obra, de 1923 a 1933, em seis volumes a cargo da Academia Brasileira de Letras, reunidos nos códices existentes na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Varnhagem, do Ministério das Relações Exteriores, exceto a parte pornográfica, publicada em 1968 por James Amado. A sua obra tinha um cunho bastante satírico e moderno para a época, além de chocar pelo teor erótico, de alguns de seus versos. (Nota da **IHU On-Line**)

te obra – e ele de fato só foi publicado em livro mais de um século depois de morrer – e portanto não constituiu parte de um sistema literário como tal.

Pergunto eu: mas ele não circulava no plano oral entre seus contemporâneos? Claro que sim. E depois de publicado, ele não foi lido (e continua a sê-lo)? Claro que sim. Então posso concluir que Candido o retirou do repertório que considerou relevante para a literatura brasileira segundo uma noção muito discutível, que não dá qualquer relevo à circulação oral, coisa que hoje sabemos central não apenas para a canção (Gregório compunha muitos de seus poemas para cantá-los), mas para todo o mundo ágrafo do sertão, onde circula muita coisa artística de forma oral, por muito tempo, até que receba forma escrita e impressa, como ocorre com as lendas, os causos, a linguagem em geral – veja-se o caso do já citado Simões Lopes Neto e de Guimarães Rosa³⁹, que escreveram obras sensacionais tendo como matéria-prima a fala da gente do sertão (tomando “sertão”, aqui, como “não-plantation”). Se a gente pensar neles como “regionalistas”, palavra abominável para mim (mas que Candido usa sem maior problema e muita gente até hoje parece levar bem, para meu total espanto), eles figuram como menores, quando são claramente maiores.

Isso, em primeiro lugar, para tentar mostrar um efeito da sombra

39 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras histórias* (1962) e *Tutameia* (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da **IHU On-Line**, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mB-ZOCe>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada *Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida*, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. (Nota da **IHU On-Line**)

caiopradiana sobre a alma da obra do Candido. Em segundo lugar, e ainda com o exemplo da “expulsão” de Gregório de Matos, se pode mostrar que Candido tem uma visada estritamente linear do processo da formação da literatura brasileira. Ora, digo eu, se o poeta baiano foi publicado apenas no século 19, isso não é motivo suficiente para a gente não o reconhecer como um poeta válido, que foi bem lido a partir de sua primeira edição em papel! O intervalo de décadas entre sua vida e a leitura de sua obra em livro não impugna a força que sua poesia teve no leitor – podemos estimar, pela presença de sua poesia a partir das primeiras antologias escolares depois da Independência, que a recepção que teve foi sempre significativa, entrando portanto em circuito de leitura e produção de sentido, quer dizer, compondo a tradição local e com isso participando de pleno direito do processo formativo. Eu, como leitor criado nos anos 1960 e 70, conheci Gregório de Matos pela canção de Caetano Veloso⁴⁰ chamada “Triste

40 **Caetano Veloso** (1942): músico, produtor, arranjador e escritor nascido em Santo Amaro (BA). Com uma carreira que ultrapassa cinco décadas, Caetano construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada como de grande valor intelectual e poético. Começou sua carreira profissional em 1965, com o compacto *Cavaleiro/Samba em Paz*, enquanto acompanhava a irmã mais nova Maria Bethânia por suas apresentações nacionais do espetáculo Opinião, no Rio de Janeiro. Nessa década, conheceu Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé, participou dos festivais de música popular da Rede Record e compôs trilhas de filmes. Em 1967, saiu seu primeiro LP, *Domingo*, com Gal Costa, e, no ano seguinte, liderou o movimento chamado Tropicalismo, que renovou o cenário musical brasileiro e os modos de se apresentar e criar música no Brasil, através do disco *Tropicalia ou Panis et Circencis*, ao lado de vários músicos. Em 1968, por conta do recrudescimento da ditadura militar no Brasil, compôs *É proibido proibir*, música que foi desclassificada e vaiada durante o 3º Festival Internacional da Canção. Em 1969, foi preso pelo regime militar e partiu para exílio político em Londres, onde lançou o disco *Caetano Veloso* (1971), com temática melancólica e canções compostas em inglês e endereçadas aos que ficaram no Brasil. *Transa* (1972) representou seu retorno ao país e seu experimento com compassos de reggae. Em 1976, uniu-se a Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia para formar os Doces Bárbaros, grupo influenciado pela temática hippie dos anos 1970, lançando um disco, *Doces Bárbaros*, e saindo em turnê. Na década de 1980, apadrinhou e se inspirou nos grupos de rock nacionais, aventurou-se na produção dos discos *Ostras Palavras*, *Cores, Nomes, Uns e Velô*, e, em 1986, participou de um programa de televisão com Chico Buarque. Na década de 1990, escreveu o livro *Verdade Tropical* (1997) e lançou o disco *Livro* (1998). Ganhou o Prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. Com o disco *A Foreign Sound*, cantou clássicos norte-americanos. Em 2006, lançou o álbum *Cê*, fruto de sua experimentação com o rock e o underground. Unindo estes gêneros ao samba, *Zii e Zie*, de 2009, manteve a parceria com a Banda Cê, que se encerrou no disco *Abraço*, de 2012. É considerado um dos artistas brasileiros mais influentes desde a década de 1960. Em 2004, foi considerado um dos mais respeitados e produtivos músicos latino-americanos do mundo, tendo mais de 50 discos lançados. Foi eleito pela revista Rolling

Bahia”, que tem como ponto inicial as duas primeiras estrofes de um soneto do poeta, e pergunto: ele não participa da formação? Claro que sim, é central para a literatura brasileira, considerada como um processo não-linear, que é o justo.

“Ele foi inteligente, cosmopolita, bem aparelhado, com história social muito favorável, tanto em sua família de origem quanto na família que constituiu”

IHU On-Line – O legado de Candido ecoa com mais relevância em que pesquisadores e de que maneira?

Luís Augusto Fischer – Em sentido difuso, a obra de Candido é lida em toda a universidade brasileira, no campo das Letras. Se fosse possível fazer um levantamento numérico, ela estaria provavelmente entre os cinco, no máximo entre os dez mais citados autores de teoria e crítica literária no Brasil.

Como mencionei antes, no primeiro plano da vida universitária brasileira, é Roberto Schwarz o mais importante herdeiro de Candido. Desde muito tempo, Schwarz se de-

Stone o 4º maior artista da música brasileira de todos os tempos pelo conjunto da obra e pela mesma revista o 8º maior cantor brasileiro de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

dica não apenas a ler, mas mais ainda a interpretar a obra de Candido, num processo de que resultaram alguns ensaios de grande interesse, como “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da malandragem’”, um caso raríssimo no universo letrado brasileiro porque se trata de uma crítica analiticamente forte e orientada não apenas para louvar o autor, mas para postular novas interpretações para ele. Esse caso, como o de outros que ele formou (como Davi Arrigucci⁴¹, José Miguel Wisnik⁴² e outros), depende de um circuito universitário que se leva a sério, como é o caso da USP, e é muito raro entre nós, brasileiros, em geral, na minha área. Nós preferimos, em geral, ade-

rir a uma teoria ou descartá-la muito mais em função dos humores dos países centrais de prestígio (a França ou os Estados Unidos, basicamente) do que em função da capacidade que a teoria tenha de explicar os objetos a que se dedica.

Há uma nova geração de professores e pesquisadores, em muitos estados do Brasil, mais ou menos organizados em um coletivo que se chama justamente Grupo Formação, em alusão ao termo empregado por Candido. Somos um grupo com gente aqui no estado, no Paraná, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Ceará, em Brasília, no Rio Grande do Norte e mais algum outro canto. Nos reunimos já há uns vinte anos, e nossas afinidades iniciais estão representadas precisamente na obra de Candido e na de Schwarz.

Sem falsa modéstia, posso dizer que no Instituto de Letras da UFRGS temos um bom número de professores e pesquisadores com trabalhos variados e de bom nível, em diálogo crítico com o legado de Candido. Refiro-me a colegas como Homero Araújo⁴³ e Guto Leite⁴⁴,

parceiros no campo da literatura brasileira, ou como Ian Alexander⁴⁵, no campo da literatura de língua inglesa, ou Karina Lucena⁴⁶, no campo da literatura hispano-americana. Da minha parte, como mencionei acima, escrevi estudos especificamente sobre a obra de Candido, e tenho produzido alguns estudos sobre literatura gaúcha e brasileira segundo concepções e procedimentos ligados ao trabalho dele, sempre submetidos à crítica que considero relevante e na medida de minhas limitações. Da mesma forma, já há um conjunto vigoroso de dissertações e teses produzidas nessa dinâmica que tem Candido como referência central, sob minha orientação ou da desses colegas. ■

41 **Davi Arrigucci Júnior** (1943): escritor e crítico literário nascido em São João da Boa Vista (SP), professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo - USP, onde trabalhou de 1965 e 1996. Importante ensaísta, escreveu os livros *O escorpião enclacrado* (São Paulo: Cia das Letras, 2003, sobre Julio Cortázar), *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira* (São Paulo: Cia. das Letras, 1990), *O cacto e as ruínas* (São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997, sobre Manuel Bandeira, Murilo Mendes e o modernismo brasileiro) e *Coração Partido. Uma análise da Poesia reflexiva de Drummond* (São Paulo: Cosac & Naify, 2002). Foi aluno de Antonio Candido. Recebeu o Prêmio Jabuti pelo melhor livro de ensaios de 1979 (*Achados e Perdidos*) e o Prêmio APCA de 1987 (*Enigma e Comentário*). (Nota da IHU On-Line)

42 **José Miguel Wisnik** (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - USP. Graduado em Letras (Português), mestre e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Autor de *O Coro dos Contrários - a Música em Torno da Semana de 22* (Duas Cidades, 1977); *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira* (Brasiliense, 1982); *O Som e o Sentido* (Companhia das Letras, 1989); *Sem Receita - Ensaios e Canções* (Publifolha, 2004); *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil* (Companhia das Letras, 2008); *Machado Maxixe: O Caso Pestana* (Publifolha, 2008). (Nota da IHU On-Line)

43 **Homero Araújo**: graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense - UFF e doutor em Letras pela UFRGS, com estágio pós-doutoral na Sorbonne Nouvelle-Paris III. Professor da UFRGS. (Nota da IHU On-Line)

44 **Guto Leite** [Carlos Augusto Bonifácio Leite]: professor

de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Graduado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, especialista, mestre e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Vencedor do Prêmio Açorianos de Criação Literária em 2012, autor de livros de poemas, roteiros de curta-metragens, compositor popular argumentista de quadrinhos. (Nota da IHU On-Line)

45 **Ian Alexander**: bacharel em Literatura e História pela University of Sydney, especialista em Literatura pela Northern Territory University, especialista em Pedagogia pela Northern Territory University, mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professor da UFRGS. (Nota da IHU On-Line)

46 **Karina Lucena**: doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre em Letras e Cultura Regional e licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Espanhola e respectivas Literaturas - pela Universidade de Caxias do Sul - UCS. Professora da UFRGS.

Leia mais

- **A polêmica tentativa de embranquecer Machado de Assis.** Entrevista especial com Luís Augusto Fischer, publicada na revista IHU On-Line nº 517, de 18-12-2017, disponível em <https://bit.ly/2x1M8fn>.

- **Crise do Rio Grande do Sul também é fruto do desprezo dos governantes pela cultura letrada.** Entrevista especial com Luís Augusto Fischer, publicada na revista IHU On-Line nº 510, de 4-9-2017, disponível em <https://bit.ly/2wYu7iu>.

- **Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho.** Entrevista especial com Luís Augusto Fischer, publicada na revista IHU On-Line nº 493, de 19-9-2016, disponível em <https://bit.ly/2N04ZCa>.

- **Machado “nunca foi um lutador de praça pública”.** Entrevista especial com Luís Augusto Fischer, publicada na revista IHU On-Line nº 275, de 29-9-2008, disponível em <https://bit.ly/2N6s1ko>.

- **“Cem anos de solidão foi uma revelação”.** Entrevista especial com Luís Augusto Fischer, publicada na revista IHU On-Line nº 221, de 28-5-2007, disponível em <https://bit.ly/2O5fKj9>.

Constituição da literatura brasileira foi tema central para Candido

Walnice Galvão afirma que seu mestre se interessava pelo vínculo da produção literária com a vida social, procurando determinar a sua função

Vitor Necchi

A professora Walnice Nogueira Galvão tinha uma relação muito próxima com Antonio Candido. Foi aluna, orientanda, colega e amiga. Esses vínculos permitem que ela comente não apenas a trajetória intelectual de seu mestre, mas também questões prosaicas, como o apreço dele pela cultura caipira e por óperas. “Um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve”, define em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.

Ela considera Candido o melhor professor que já viu em ação. “A clareza e o didatismo eram objetivos centrais nas aulas dele.” Em suas pesquisas, era tema central a questão da constituição da literatura brasileira. Ele “acompanha esse processo de formação como o desejo dos brasileiros de terem uma literatura própria, autônoma, e várias gerações trabalharam neste sentido até obter resultado”. Chamou esse mecanismo de “adaptação de modelos”. O professor se interessava pelo vínculo da produção literária com a vida social, procurando determinar a sua função. Walnice aponta que isso foi fundamental para a reflexão dele.

Candido era muito rigoroso quanto ao método. “Sempre foi contra a metodologia única”, afirma. “Lutava por uma metodologia que chamava de método integrativo, ou seja, procurava associar

vários métodos, estar atento aos dados psíquicos, sociais, formais, estéticos e assim por diante.”

Toda semana, Walnice tomava chá com seu mestre. A proximidade permite que ela resuma as percepções dele a respeito da política e da realidade brasileira: “Estava muito preocupado com os rumos que o país estava tomando e com o desmonte progressivo de todas as conquistas das últimas décadas, principalmente de direitos humanos”. Ele lidava “muito filosoficamente” com a longevidade e a perspectiva da morte. “Sempre foi um ateu. Não tinha nada de religioso em sua personalidade. Sabia que a finitude é um dado, e encarava isso muito filosoficamente, como os estoicos, dos tempos romanos.”

Walnice Nogueira Galvão é professora emérita aposentada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. Graduada em Ciências Sociais, doutora em Letras (orientada por Antonio Candido) e livre-docente pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. Tem 40 livros publicados. Foi docente em diversas universidades no exterior. Atuou como primeira assistente de Candido e o substituiu na disciplina de Teoria Literária e Literatura Comparada.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – A senhora teve uma intensa convivência com Antonio Candido. Foi sua aluna, primeira assistente e o substituiu

nas disciplinas de Teoria Literária e de Literatura Comparada. Quais são as memórias mais marcantes que a senhora tem dele?

Walnice Nogueira Galvão – Antonio Candido¹ era um excelente

¹ Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017): nas-

professor, marcante. Deu as melhores aulas a que já assisti na vida. Eram muito bem preparadas de antemão, visavam à clareza e à explicação daquilo que ele expunha. Ele se interessava, com uma imensa atenção, a quem estava ouvindo. Ele se desdobrava para que os alunos entendessem o que falava. A clareza e o didatismo eram objetivos centrais nas aulas dele, e ensinava os assistentes a prepararem aula. Dizia sempre: nunca improvise nada. Ensinava com minúcia. Uma aula de 50 minutos equivale a quatro páginas de papel ofício datilografadas em espaço duplo. O tempo dá certinho com os comentários feitos em volta dessas quatro páginas. E se escrever as aulas, ao fim de dois ou três anos, tem-se um ensaio pronto para um livro. Dava o bom exemplo.

IHU On-Line – Como a senhora define Antonio Candido?

Walnice Nogueira Galvão – Era muito afável, de uma cortesia

cido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas "A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar", concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e "Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea", concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

impecável. Um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve. A meu ver, ele ombreia com os intelectuais que escreveram tratados que formaram a cabeça de todo mundo que veio depois deles: Gilberto Freyre², com *Casa grande & senzala*, Sérgio Buarque de Holanda³, com *Raízes do Brasil*, Caio Prado Júnior⁴, com *História econômica do Brasil*, e pouco depois deles, Antonio Candido, com *Formação da literatura brasileira*. Esses quatro são um marco do século 20.

IHU On-Line – No caso específico de Candido, que atributos reforçam ele ser este marco intelectual no pensamento brasileiro?

Walnice Nogueira Galvão – Ele encarou a questão da constituição da literatura brasileira, que começou copiando a portuguesa e, quanto mais copiava, mais se aproximava da originalidade, até que, em certa altura – e isso de seu na passagem do Arcadismo para o Romantismo –, a literatura brasileira se tornou autônoma, e não tinha

mais nada a ver com a portuguesa. Ele acompanha esse processo de formação como o desejo dos brasileiros de terem uma literatura própria, autônoma, e várias gerações trabalharam neste sentido até obter resultado. O mecanismo desse processo é o que ele chamou de adaptação de modelos.

IHU On-Line – Quais são as obras fundamentais dele e por quê?

Walnice Nogueira Galvão – *A Formação* é um tratado de 800 páginas, algo extraordinário como pesquisa, como ponto de vista original. Fora esse, tem vários livros. Ele trabalhava assim: publicava artigos e ensaios, depois um dia transformava esse material em um livro coeso. Passos importantes desse trabalho estão, por exemplo, em *A educação pela noite* (Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul), *Tese e antítese* (Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul), *Vários escritos* (Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul), *O discurso e a cidade* (Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul), e finalmente o último livro dele, que foi *O albatroz e o chinês* (Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul). Todos esses livros são dedicados à literatura brasileira e à literatura internacional. Ele era um grande especialista em vários campos de literatura internacional. A disciplina que ele criou na universidade se chamou Teoria Literária e Literatura Comparada. Portanto, a literatura internacional estava dentro deste projeto.

IHU On-Line – Em comparação a outros críticos, qual a estatura intelectual de Candido em nível internacional? Como é a recepção da obra dele no exterior?

Walnice Nogueira Galvão – Ele era uma pessoa extremamente discreta, reservada e modesta e, portanto, tem poucas antologias publicadas em outros países e outras línguas. Para mim, que leio muitos críticos, ele sombreia. Acho ele melhor que

2 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira **Cadernos IHU** nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador, crítico literário e jornalista nascido em São Paulo-SP. Entre outros livros, escreveu *Raízes do Brasil* (1936). Obteve notoriedade por meio do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. A professora Eliane Fleck apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-8-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda*, e no dia 8-5-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da **IHU On-Line**, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível em <https://goo.gl/RN3W57>, e a edição 498, de 28-11-2016, *Raízes do Brasil – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas*, disponível em <http://bit.ly/2nDmdFE>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Caio Prado Júnior** (1907-1990): pensador e político brasileiro. Em 1942, publica sua obra mais importante, *A formação do Brasil contemporâneo*, sofrendo perseguições devido ao seu alinhamento político com a orientação comunista, tendo seu mandato cassado dois anos depois da publicação do livro. Sua obra criou, porém, uma tradição historiográfica no Brasil, identificada sobretudo com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial. A obra foi apresentada no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU em 14-8-2003, e é tema de entrevista com a professora Marcia Eckert Miranda, publicada na **IHU On-Line** número 70, de 11-8-2003, disponível <http://bit.ly/1lrl08>. (Nota da **IHU On-Line**)

Harold Bloom⁵. Sem dúvida, está em nível internacional.

IHU On-Line – A atuação de Candido na imprensa produziu que efeito para a formação de um pensamento crítico acerca da produção literária?

Walnice Nogueira Galvão – A atuação dele na imprensa foi estratégica, pois começa muito cedo. Nos anos 1940 já estava fazendo crítica nos jornais. Era uma personalidade extremamente democrática no trato com as pessoas, com os subordinados. Sempre tinha em mente a divulgação, atingir um público maior, fora da universidade, e trabalhou muito para isso, publicando bastante em jornal e revista.

IHU On-Line – Isso também ajuda a explicar a intensa atividade política dele?

Walnice Nogueira Galvão – Sim. Quando caiu a ditadura Vargas⁶, no fim da Segunda Guerra Mundial, Antonio Candido foi fundador de

uma tendência política chamada Esquerda Democrática⁷, que dois anos depois se tornou o Partido Socialista, do qual ele fez parte até o golpe de 64 fechar o partido. Ele foi durante muitos anos o editor da revista do partido chamada Folha Socialista. Depois disso, quando terminou a ditadura militar, foi fundador do Partido dos Trabalhadores - PT, em 1980. Sempre foi socialista.

IHU On-Line – Essa afiliação política de Candido, e principalmente o viés socialista que a senhora destacou, gerava algum tipo de crítica ou refratariedade no ambiente acadêmico?

Walnice Nogueira Galvão – Bastante, mas isso é normal. O ambiente acadêmico não é de esquerda, sobretudo o establishment acadêmico.

IHU On-Line – Candido afirmou que se interessava pelo vínculo da produção literária com a vida social, procurando determinar a sua função. Como isso impactou sua obra?

Walnice Nogueira Galvão – Isso foi fundamental para a reflexão dele. Ele desenvolveu isso ao longo da vida e chegou a uma série de conclusões. O que ele procurava e ensinava para nós era: o que de dentro da obra literária era reelaboração de dados externos, ou seja, da vida social. Como isso passava para dentro da obra literária. Saber com que mecanismos de adaptação e de adequação isso ocorria. É muito difícil que seja direto. Em geral é mediado por figuras retóricas, símbolos, metáforas, alegorias. Como isso vai parar dentro da obra, como a obra literária elabora o exterior a ela.

IHU On-Line – Candido era um ensaísta que cultivava a “paixão do concreto”, conforme ele se

⁷ **Esquerda Democrática**: ala interna da União Democrática Nacional - UDN, criada e oficialmente reconhecida em 1945, para reunir os opositores socialistas ao regime do Estado Novo, dando origem, em 1947, ao Partido Socialista Brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

referia a um tipo de leitura por meio da qual as categorias analíticas emanassem da obra e de seu contexto. Ele era rigoroso quanto ao método?

Walnice Nogueira Galvão – Muito, muitíssimo. A questão metodológica seria uma questão quase que de rigor no sentido de ter coerência, explicar as coisas com clareza, que o que for escrito tenha começo, meio e fim, e sem bobagens. Cortar o excesso. Ele sempre foi contra a metodologia única. Acontece muito entre nós, aliás, no mundo inteiro, de entrar uma nova metodologia na moda e sair todo mundo correndo para trabalhar só com aquilo. Isso dura dez anos e aparece outra. Ele tinha uma posição contra isso. Pegou, por exemplo, a moda do estruturalismo, e hoje acho que ninguém mais sabe o que é. Ele discutiu, não podia ser só estruturalista. Lutava por uma metodologia que chamava de método integrativo, ou seja, procurava associar vários métodos, estar atento aos dados psíquicos, sociais, formais, estéticos e assim por diante.

IHU On-Line – Candido se definia como um radical de classe média. Qual o alcance e o significado disso?

Walnice Nogueira Galvão – Ele escreveu muito a respeito. Por exemplo, naquele belo ensaio chamado *Radicais de ocasião*⁸. Radicais de classe média são pessoas que têm uma extração de privilégios, mas ainda assim têm ideias e militância de esquerda.

IHU On-Line – A senhora conviveu com Candido nos seus últimos anos de vida?

Walnice Nogueira Galvão – Tomava chá com ele todas as semanas.

IHU On-Line – Que percepções e entendimentos ele com-

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2Mvxlxj>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Harold Bloom** (1930): professor e crítico literário nascido em Nova York. Ocupa o cargo de Sterling Professor de Humanidades na Universidade de Yale. Desde a publicação de seu primeiro livro em 1959, Bloom escreveu mais de 40 livros, incluindo 20 livros de crítica literária, vários livros discutindo religião e um romance. Editou centenas de antologias sobre numerosas figuras literárias e filológicas para a editora Chelsea House. Autor de diversas teorias controversas sobre a influência da literatura além de um defensor ferrenho da literatura formalista (a arte pela arte), em oposição a visões marxistas, historicistas, pós-modernas, entre outras. Bloom é um dos grandes impulsionadores contemporâneos do conceito de Cânone Ocidental. Autor, entre outras obras, de *Shakespeare - A Invenção do Humano*; *Hamlet - Poema Ilimitado*; *A angústia da influência: uma teoria da poesia*; *O cânone ocidental: Cabala e crítica*; e *Como e por que ler*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o *Dossiê Vargas*, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1na0ZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-8-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-8-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 6-9-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-8-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o *IHU Ideias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuon30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuon01>. (Nota da **IHU On-Line**)

partilhava com a senhora a respeito da política e da realidade brasileira dos últimos tempos?

Walnice Nogueira Galvão – Estava muito preocupado com os rumos que o país estava tomando e com o desmonte progressivo de todas as conquistas das últimas décadas, principalmente de direitos humanos.

IHU On-Line – Como ele se mantinha informado?

Walnice Nogueira Galvão – Não queria saber de computador. Lia jornais, assistia televisão e conversava com as pessoas.

IHU On-Line – Estava mais reservado?

Walnice Nogueira Galvão – Havia um fluxo constante de pessoas que o procuravam e visitavam.

IHU On-Line – Quanto ao legado intelectual de Antonio Candido, que tratamento é dado à obra dele? Quais são os principais expoentes para um aprofundamento do legado dele?

Walnice Nogueira Galvão – Antonio Candido teve muitos orientandos de tese, preparou muitas pessoas que hoje estão espalhadas pelo Brasil inteiro disseminando o que aprenderam com ele. Isso é uma bela herança.

IHU On-Line – O que mais a senhora destaca sobre Antonio Candido?

Walnice Nogueira Galvão – Dois pontos. Um é sua firmeza nas posições políticas – apesar das ditaduras, apesar dos percalços. Outro ponto a destacar é seu apreço pela cultura caipira, objeto de sua tese de doutoramento em Sociologia, *Os Parceiros do Rio Bonito*. Passou a infância no interior de Minas Gerais, teve contato com a cultura caipira e conservou esse apreço pelo resto da vida. Ele cantava muito moda caipira, por exemplo. Houve uma sessão

de homenagem na Fapesp [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo] por motivo do centenário, quando falei sobre ele, e foi convidado Ivan Vilela⁹ para fazer um show de viola caipira, em homenagem muito especial a Antonio Candido.

IHU On-Line – Ele tinha apreço por alguma canção caipira em particular?

Walnice Nogueira Galvão – Sim. Ele escreveu muito sobre o Cururu¹⁰, que é uma dança cantada caipira. Passou a vida inteira colecionando discos de Cururu e pesquisando sobre o tema. Em 2007, o ator Paulo Betti¹¹ procurou Antonio Candido porque queria montar um espetáculo sobre o Cururu e o entrevistou em três sessões. Ninguém sabia da existência dessa entrevista, mas recentemente houve uma sessão de homenagem a Candido na USP, quando o nome dele foi dado ao prédio da Letras, e o desceramento da placa ocorreu com a presença das três filhas. A diretoria da faculdade convidou Paulo Betti para ler trechos de *Os Parceiros do Rio Bonito*. Nesta ocasião, o ator ofereceu um CD com as entrevistas. Eu transcrevi esse material. Ficou uma maravilha. Deu 30 páginas, e será publicado agora em uma revista da USP.

IHU On-Line – E sobre as óperas, qual o repertório de preferência dele?

Walnice Nogueira Galvão –

Ele gostava das óperas de Mozart¹², Wagner¹³, Verdi¹⁴ e Rossini¹⁵. Tinha apreço especial pelo grande tenor Caruso¹⁶. Ele tinha uma coleção de 800 discos e 5 mil fotografias. O acervo dele de papéis e coleções foi para o IEB [Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo]. A biblioteca foi para a Unicamp. Tu não fazes ideia. São 45 mil itens. Cadernos em que ele escrevia artigos, aulas, cursos, pensamentos etc. tem 90. Calculei em cem anos para debulhar este acervo. Ele era muito metódico na guarda do material. O que meus avôs chamavam de sistemático. Não deixou uma bagunça, tudo está classificado e etiquetado.

IHU On-Line – Como ele lidava com a longevidade e a perspectiva da morte?

Walnice Nogueira Galvão – Muito filosoficamente, eu diria. Sempre foi um ateu. Não tinha nada de religioso em sua personalidade. Sabia que a finitude é um dado, e encarava isso muito filosoficamente, como os estoicos, dos tempos romanos. ■

¹² **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791): compositor e músico nascido em Salzburgo, Áustria, um dos expoentes máximos da música clássica e um dos mais populares das audiências contemporâneas. Sobre o compositor, confira a edição 174 da **IHU On-Line**, de 3-4-2006, a ele dedicada *sob o título Wolfgang Amadeus Mozart. Jogo e milagre da vida*, disponível em <https://bit.ly/2xiVLY3>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do *Anel dos Nibelungos*, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Büllow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Giuseppe Verdi** (1813-1901): compositor de óperas do período romântico italiano, sendo na época considerado o maior compositor nacionalista da Itália, assim como Richard Wagner era na Alemanha. Entre suas composições, destacam-se *Rigoletto* (1851), *Aida* (1871) e *La Traviata* (1853). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ **Gioacchino Rossini** (1792-1868): compositor italiano. Escreveu várias óperas como *Il barbiere di Siviglia* (O Barbeiro de Sevilha), *Guglielmo Tell* (Guilherme Tell) e *La Cenerentola* (Cinderela). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Enrico Caruso** (1873-1921): tenor italiano, considerado o maior intérprete da música erudita de todos os tempos. Com vasto repertório, Caruso foi o primeiro cantor clássico a atrair grandes plateias em todo o mundo. Sua interpretação de *Vesti la giubba*, da ópera *Pagliacci*, foi a primeira gravação na história a vender 1 milhão de cópias. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Ivan Vilela** (1962): nascido em Itajubá (MG), é compositor, arranjador, pesquisador, professor e violero brasileiro. Leciona na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP. Diretor da Orquestra Filarmônica de Violas. Cursou a faculdade de História antes de ingressar no curso de Composição musical da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde concluiu o bacharelado em Artes, Composição Musical e o mestrado em Composição Musical. Obteve o doutorado em Psicologia Social pela USP, com a tese *Uma história social da música caipira*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Cururu**: dança folclórica regional. Também pode ser somente cantada, com dois violeiros a disputar versos e repentes. No Centro-Oeste, é típica das festas dos santos padroeiros, principalmente do Divino Espírito Santo e de São Benedito. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Paulo Betti** (1952): ator, autor e diretor brasileiro nascido em Rafard, interior de São Paulo. Já contabiliza mais de 40 peças de teatro, tendo dirigido 12 delas. Atuou também em cinema e televisão. (Nota da **IHU On-Line**)

Candido e Bloom procuram entender a tradição literária no Novo Mundo

Para Ian Alexander, autores pensam a tradição a partir de um idioma de origem europeia, que chegou às Américas por um processo de colonização

Vitor Necchi

O professor Ian Alexander, natural da Austrália, entrou em contato com a obra de Antonio Candido em 2007, quando começou a cursar o doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde atualmente leciona. Em sua pesquisa, analisou o desdobramento da literatura ocidental no Novo Mundo a partir de duas grandes abordagens desse processo: a *Formação da Literatura Brasileira*, de Candido, e *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom. A partir desse percurso, concluiu que “a maior diferença entre os dois é que Candido tem uma visão social da literatura, enquanto Bloom parece pensar em termos puramente psicológicos e individuais”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Alexander afirmou que “a grande semelhança é que os dois procuram entender como funciona a tradição literária no Novo Mundo”. Cada um dos autores “pensa a tradição a partir de um idioma de origem europeia, que chegou às Américas por um processo de colonização, mas que agora têm mais falantes no Novo Mundo do que no Velho”. Outra particularidade é que “cada um também pensa a partir de uma das grandes cidades das Américas: Candido se formou e trabalhou em São Paulo, maior cidade do maior país da língua portuguesa, e Bloom é de Nova York, maior cidade do maior país da língua inglesa”.

Bloom, em *O Cânone Ocidental*, coloca William Shakespeare como figura central, “de tal maneira que mesmo os autores anteriores, como Dante e Montaigne, são discutidos em termos

dele”. Candido, em *Formação*, “faz um afunilamento parecido, tendo Machado de Assis como ponto de chegada, sem nunca explicar como o legado do escritor fluminense seria absorvido e superado pelo modernismo paulista, que escolheu se insurgir contra o alvo menor do parnasianismo”.

Ao detalhar mais a perspectiva de Candido, Alexander afirma que o modelo do autor “pressupõe um Brasil que é o centro do mundo lusófono, que não tem nenhum país vizinho que fale a mesma língua, e que contém apenas um sistema literário”. Dessa forma, “nenhum outro país no Novo Mundo pode gozar desse tipo de centralidade em relação a sua língua, então esse aspecto do modelo dificilmente se aplica a outros países”. O modelo desenvolvido por Candido, para ser aplicado em casos como a relação entre as literaturas produzidas no Uruguai ou na Argentina, por exemplo, ou entre as literaturas australiana e estadunidense, “teria que se abrir à possibilidade de analisar um sistema pernambucano, ou um sistema sul-rio-grandense, articulados com os sistemas paulista e fluminense”.

Ian Alexander é bacharel em Literatura e História pela University of Sydney, especialista em Literatura e especialista em Pedagogia pela Northern Territory University, mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É professor da UFRGS.

Confira a entrevista.

“O modelo de Candido pressupõe um Brasil que é o centro do mundo lusófono, que não tem nenhum país vizinho que fale a mesma língua, e que contém apenas um sistema literário”

IHU On-Line – O senhor pesquisou o desdobramento da literatura ocidental no Novo Mundo e analisou duas grandes abordagens desse processo: a *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, e *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom. Em que os dois autores se aproximam e se dissociam?

Ian Alexander – Talvez a maior diferença entre os dois é que Candido¹ tem uma visão social da literatura, enquanto Bloom² parece pensar

em termos puramente psicológicos e individuais. No conceito dele de *influência*, não há nenhum espaço para considerar a sociedade como fator na produção ou na recepção da literatura: um leitor se torna escritor apenas através do efeito que sofre ao ler a obra de um precursor. As outras diferenças entre Candido e Bloom, que são muitas, me parecem consequências das suas semelhanças aplicadas em circunstâncias históricas diferentes.

A grande semelhança é que os dois procuram entender como funciona a tradição literária no Novo Mundo. Cada um pensa a tradição a partir de um idioma de origem europeia, que chegou às Américas por um processo de colonização, mas que agora têm mais falantes no Novo Mundo do que no Velho. Cada um também pensa a partir de uma das grandes cidades das Américas: Candido se formou e trabalhou em São Paulo, maior cidade do maior país da língua portuguesa, e Bloom é de Nova York, maior cidade do maior país da língua inglesa. Cada um conceitua a tradição de tal maneira que possa ser centrada naquela cidade, mais pela força de vontade que pelas próprias obras literárias. Para estabelecer

essa centralidade, cada um faz um esforço inicialmente para concentrar a tradição literária na antiga capital imperial (Rio de Janeiro, Londres), para depois efetuar a transferência para a sua cidade (São Paulo, Nova York).

O Cânone Ocidental de Bloom tem William Shakespeare³ como figura central, de tal maneira que mesmo os autores anteriores, como Dante⁴ e Montaigne⁵, são discutidos em termos dele. Depois de todo esse esforço para afunilar a tradição ocidental, o capítulo que menos fala em Shakespeare é aquele que pretende transferir a herança do autor londrino ao poeta nova-iorquino Walt

¹ **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rziw>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Harold Bloom** (1930): professor e crítico literário nascido em Nova York. Ocupa o cargo de Sterling Professor de

Humanidades na Universidade de Yale. Desde a publicação de seu primeiro livro em 1959, Bloom escreveu mais de 40 livros, incluindo 20 livros de crítica literária, vários livros discutindo religião e um romance. Editou centenas de antologias sobre numerosas figuras literárias e filosóficas para a editora Chelsea House. Autor de diversas teorias controversas sobre a influência da literatura além de um defensor ferrenho da literatura formalista (a arte pela arte), em oposição a visões marxistas, historicistas, pós-modernas, entre outras. Bloom é um dos grandes impulsionadores contemporâneos do conceito de Cânone Ocidental. Autor, entre outras obras, de *Shakespeare - A Invenção do Humano*; *Hamlet - Poema Ilimitado*; *A angústia da influência: uma teoria da poesia*; *O cânone ocidental*; *Cabala e crítica*; e *Como e por que ler*. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Escreveu algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias. De suas obras, incluindo aquelas em colaboração, restaram até os dias de hoje 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos e mais alguns versos esparsos, cujas autorias, no entanto, são ainda disputadas. Suas peças foram traduzidas para todas as principais línguas modernas e são mais encenadas que as de qualquer outro dramaturgo. Muitos de seus textos e temas permanecem vivos até a atualidade, sendo revisitados com frequência. Algumas de suas obras são as tragédias *Romeu e Julieta*; *Júlio César*; *Macbeth*; *Rei Lear*; *Otelo*, o *Mouro de Veneza*; *Hamlet*; e *A Tempestade*; e as comédias *Sonho de uma Noite de Verão*; *O Mercador de Veneza*; *Noite de Reis*; *A Megera Domada*; *A Tempestade*; e *As Alegres Comadres de Windsor*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Dante Alighieri** (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Ghibelinos e, por volta de 1300 iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. Sobre Dante, confira a entrevista *Divina Comédia. A relação entre poesia e Deus* na edição 301 da **IHU On-Line**, de 20-7-2009, disponível em <http://bit.ly/LHKaXb>, concedida por Massimo Pampaloni. Leia também a edição nº 65 do **Cadernos Teologia Pública**, *O livro de Deus na obra de Dante*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo65>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Michel Eyquem de Montaigne** (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente, nos seus *Ensaíos*, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. (Nota da **IHU On-Line**)

Whitman⁶. A *Formação* de Candido faz um afunilamento parecido, tendo Machado de Assis⁷ como ponto de chegada, sem nunca explicar como o legado do escritor fluminense seria absorvido e superado pelo modernismo paulistano, que escolheu se insurgir contra o alvo menor do parnasianismo.

O que sofre com esse afunilamento é tudo que ameaça a centralização na figura e no lugar escolhidos. Para poder colocar Shakespeare no centro da sua tradição, Bloom inclui treze escritores de língua inglesa e apenas três franceses – Montaigne, Molière⁸ e Proust⁹ –, como se o romance do século XIX fosse uma empreitada exclusivamente anglófona. Para poder estabelecer uma entidade chamada de *sistema literário brasileiro*, focado exclusivamente no Rio, Candido exclui qualquer possibilidade de outros sistemas literários no território brasileiro, dizendo, por exemplo, que Gregório de Matos¹⁰ só

passa a existir literariamente quando lido no centro do império, não valendo nada a sua presença numa tradição baiana.

“A grande semelhança é que os dois [Candido e Bloom] procuram entender como funciona a tradição literária no Novo Mundo”

IHU On-Line – A obra mais célebre de Antonio Candido trata da formação da literatura brasileira. O modelo cunhado por ele é aplicável a outros contextos? Por quê?

Ian Alexander – Só com modificações fundamentais.

Em primeiro lugar, é um modelo que pressupõe uma divisão de literaturas distintas dentro da mesma língua, conforme as fronteiras de países. James Joyce faz parte da literatura de língua inglesa sem deixar de ser irlandês, e Franz Kafka¹¹ faz parte da literatura de língua alemã apesar de ter nascido em Praga, mas o modelo da *Formação* não permite tratar das literaturas lusófonas de paí-

ses distintos como partes do mesmo organismo. Esse modelo da mesma língua nacional dividida entre ex-metrópole e ex-colônia só funciona com a literatura no Novo Mundo, ou seja, na parte da cultura ocidental que fica fora da Europa.

Em segundo lugar, é um modelo que não permite que vários sistemas locais se articulem num sistema maior. Se Candido investe contra a possibilidade de uma literatura lusófona para além do nível do país, ele se opõe mais fortemente ainda contra a possibilidade de reconhecer, por exemplo, um sistema baiano que coexiste e se articula com um sistema fluminense. Como visto no exemplo de Gregório de Matos, é apenas o sistema central – o sistema mineiro-fluminense-paulista – que pode ser chamado de *brasileiro*, e outras obras só passam a existir literariamente dentro dele.

O uruguaio Ángel Rama¹² inicialmente se empolgou com as teorias de Candido e procurou aplicá-las no seu país, mas logo descobriu que não faz sentido pensar numa literatura uruguaia a não ser em relação à literatura argentina, porque as duas são tão intimamente ligadas. Se o modelo da *Formação* não se aplica fora do Novo Mundo, também não se aplica em países cuja literatura existe em relação a um vizinho maior: ou a literatura uruguaia tem que se sustentar em isolamento, ou deixa de ser *uma literatura*, e se torna apenas um elemento da literatura argentina.

A definição do sistema literário de Candido, o famoso triângulo de

6 **Walt Whitman** (1819-1892): poeta, ensaísta e jornalista norte-americano, considerado por muitos como o “pai do verso livre”. Paulo Leminski o considerava o grande poeta da Revolução Americana, como Maiakovsky seria o grande poeta da Revolução russa. Sua obra *Folhas de Relva* é considerada um marco na literatura universal, principalmente dentro do gênero poético. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Molière** [Jean-Baptiste Poquelin] (1622-1673): dramaturgo francês, além de ator e encenador, considerado um dos mestres da comédia satírica. Teve um papel de destaque na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Marcel Proust** [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Gregório de Matos e Guerra** (1636-1696): nascido em Salvador, advogado e poeta da época colonial. É considerado um dos maiores poetas barrocos do Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial. A alcunha Boca do Inferno foi dada a Gregório por sua ousadia em criticar a Igreja Católica, muitas vezes atacando padres e freiras. Criticava também a “cidade da Bahia”, ou seja, Salvador. Por tal motivo e outros, como sua poesia pornográfica, Gregório foi considerado um poeta “rebelde” que, apesar de ser um clássico, hoje ainda muitos consideram também um poeta maldito. Em 1831, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen publicou 39 dos seus poemas na coletânea *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850, em Lisboa). Afrânio Peixoto edita a restante obra, de 1923 a 1933, em seis volumes a cargo da Academia Brasileira de Letras, reunidos nos códices existentes na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Varnhagen, do Ministério das Relações Exteriores, exceto a parte pornográfica, publicada em 1968 por James Amado. A sua obra tinha um cunho bastante satírico e moderno para a época, além de chocar pelo teor erótico de alguns

de seus versos. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Franz Kafka** (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterradoras, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo “kafkiano” popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Ángel Rama** (1926-1983): nascido em Montevidéu, foi professor, jornalista, editor, ficcionista, dramaturgo e crítico literário, realizou importante trabalho de organização e pesquisa na Biblioteca Nacional. Ficou conhecido por seu trabalho sobre modernismo e por sua teorização do conceito de “transculturación”. Editou as páginas literárias do semanário *Marcha* de 1949 e 1950 e depois de 1958 até seu fechamento, durante a ditadura militar no Uruguai. Quando ocorreu o golpe de Estado de 1973 no Uruguai, estava na Venezuela, onde passou a residir, obtendo a nacionalidade venezuelana em 1977, já que o Uruguai lhe negou a renovação do passaporte. Lecionou nos Estados Unidos, na França e no Brasil. Rama dedicou sua vida a pesquisar e provar a existência de uma literatura e de uma cultura latino-americanas. Entre seus livros, destacam-se *Diez problemas para el narrador latinoamericano* (1972), *La generación crítica (1939-1969)* (1972), *Los gauchipolíticos rioplatenses. Literatura y sociedad* (1976), *Transculturación narrativa en América Latina* (1982) e *La novela latinoamericana. Panoramas 1920-1980* (1982). (Nota da **IHU On-Line**)

autores, obras e público, esconde a materialidade do livro, como se os mecanismos de publicação e de distribuição não precisassem existir, mas mesmo o famoso *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez¹³, teve a sua primeira edição publicada em Buenos Aires. Com esse nível de dependência entre escritor e obra colombianos e editora e público argentinos, não parece ser possível falar de uma literatura colombiana nos termos de Candido. Além do Brasil, quantos países no Novo Mundo podem se considerar literariamente autossustentáveis? Os Estados Unidos? O México? A própria Argentina?

Em terceiro lugar, o modelo de Candido é baseado não apenas na separação entre as literaturas do Novo Mundo e do Velho, mas na capacidade de abrir mão do próprio passado literário da língua. Enquanto Bloom, por exemplo, procura absorver a tradição britânica (e ocidental) dentro da tradição estadunidense, Candido se coloca no ângulo dos românticos fluminenses e aceita a rejeição e a irrelevância de Portugal. Nessa visão, quando Machado de Assis lê e debate os romances de Eça de Queiroz¹⁴, é como se Eça fosse um estrangeiro qualquer, e não um romancista trabalhando com os recursos linguísticos do mesmo idioma.

Um dos motivos para essa diferença entre Candido e Bloom pode ser puramente numérica. Para São Paulo, ser a principal cidade do Brasil é a mesma coisa que ser a princi-

pal cidade do mundo lusófono. Na metade do século XX, quando ela alcançou essa posição, já fazia um século que o Rio de Janeiro havia superado Lisboa. Nova York, por sua vez, é o centro da vida cultural dos Estados Unidos desde o século XVIII, mas mesmo hoje tem uma população e uma relevância mundial muito parecida com a de Londres. Para Candido, as vantagens de colocar São Paulo no centro de uma tradição apenas brasileira parecem muito maiores que os custos de abrir mão de Camões¹⁵, Eça e Fernando Pessoa¹⁶. Para Bloom, a perda de Shakespeare, Milton¹⁷, Austen¹⁸ e Woolf¹⁹ seria incalculável, e ele não quer Nova York como o centro de uma tradição meramente americana.

15 **Luís de Camões** (1524-1579 ou 1580): poeta português, considerado uma das maiores figuras da literatura lusófona e um dos grandes poetas da tradição ocidental. Há dados pouco precisos sobre sua vida. Aparentemente nasceu em Lisboa, de uma família da pequena nobreza. Pode ter estudado na Universidade de Coimbra, mas a sua passagem pela escola não é documentada. Frequentou a corte de D. João III, iniciou a sua carreira como poeta lírico e envolveu-se, como narra a tradição, em amores com damas da nobreza e possivelmente plebeias, além de levar uma vida boêmia e turbulenta. Diz-se que, por conta de um amor frustrado, autoexilou-se na África, alistado como militar, onde perdeu um olho em batalha. Voltando a Portugal, feriu um servo do Paço e foi preso. Perdoado, partiu para o Oriente. Passando lá vários anos, enfrentou uma série de adversidades, foi preso várias vezes, combateu ao lado das forças portuguesas e escreveu a sua obra mais conhecida, a epopeia nacionalista *Os Lusíadas*. De volta à pátria, publicou *Os Lusíadas* e recebeu uma pequena pensão do rei D. Sebastião pelos serviços prestados à Coroa, mas nos seus anos finais parece ter enfrentado dificuldades para se manter. (Nota da IHU On-Line)

16 **Fernando Pessoa** (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde desdobrou-se em várias outras personalidades conhecidas como heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimentou grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além do fato de ser o maior autor da heteronímia. (Nota da IHU On-Line)

17 **John Milton** (1608-1674): poeta, polemista, intelectual e funcionário público nascido em Londres. Trabalhou como secretário de Línguas Estrangeiras da Comunidade da Inglaterra sob Oliver Cromwell. Escreveu em um momento de fluxo religioso e agitação política, e é mais conhecido por seu poema épico *Paraíso perdido* (1667). (Nota da IHU On-Line)

18 **Jane Austen** (1775-1817): escritora inglesa, considerada por alguns como a segunda figura mais importante da literatura inglesa depois de Shakespeare. Algumas de suas obras: *Orgulho e preconceito*, *Razão e sentimento* e *Persuasão*. (Nota da IHU On-Line)

19 **Virginia Woolf** (1882-1941): escritora, ensaísta e editora inglesa nascida em Kensington. Conhecida como uma das mais proeminentes figuras do modernismo. Era integrante do Grupo de Bloomsbury, círculo de intelectuais que, após a Primeira Guerra Mundial, se posicionou contra as tradições literárias, políticas e sociais da Era Vitoriana. Estreou na literatura em 1915 com o romance *A viagem*, que abriu o caminho para a sua carreira como escritora e uma série de obras notáveis. Seus trabalhos mais famosos incluem os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao Farol* (1927) e *Orlando* (1928), assim como o ensaio *Um teto todo seu* (1929), onde encontra-se a famosa citação "Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se ela quiser escrever ficção". Woolf apresentava crises de depressão. Em 1941, deixa um bilhete para seu marido, Leonard Woolf, e para a irmã, Vanessa Bell, despedindo-se das pessoas que mais amara na vida, e comete suicídio. (Nota da IHU On-Line)

13 **Gabriel José García Márquez** (1927-2014): escritor, jornalista, editor, ativista e político colombiano. Considerado um dos autores mais importantes do século XX, foi um dos escritores mais admirados e traduzidos no mundo, com mais de 40 milhões de livros vendidos em 36 idiomas. Laureado com o Prêmio Internacional Neustadt de Literatura em 1972 e o Nobel de Literatura de 1982 pelo conjunto de sua obra que, entre outros livros, inclui *Cem Anos de Solidão* (1967). Foi o maior representante do que ficou conhecido como realismo mágico na literatura latino-americana. Viajou muito pela Europa e viveu até a morte no México. Outras de suas obras: *Relato de um naufrago* (1955); *Ninguém escreve ao coronel* (1961); *A incrível e triste história de Cándida Eréndira e sua avó desalmada* (1972); *O outono do Patriarca* (1975); *Crônica de uma morte anunciada* (1981); *O Amor nos tempos do cólera* (1985); *O general em seu labirinto* (1989); *Do amor e outros demônios* (1994); *Notícia de um Sequestro* (1996); *Viver para contar* (2002); e *Memória de minhas putas tristes* (2004). (Nota da IHU On-Line)

14 **Eça de Queiroz** (1845-1900): escritor realista português, autor, entre outros, dos romances *Os maias* e *O crime do Padre Amaro*. (Nota da IHU On-Line)

Nas pesquisas do grupo Globalization and World Cities Research Network - GaWC, publicadas desde 1998, cidades são analisadas conforme seu nível de integração e de centralidade na economia mundial e classificadas como Alfa++, Alfa+, Alfa, Alfa-, Beta, Gama etc. Em todas as edições da pesquisa, Londres e Nova York são as únicas cidades no nível Alfa++, os dois centros da economia mundial. No mundo lusófono, São Paulo aparece sempre na faixa das cidades Alfa ou Alfa-, Lisboa às vezes como Alfa- e às vezes como Beta, e o Rio sempre como Beta. São Paulo é enormemente mais central no mundo lusófono que Nova York é no mundo anglófono. O mundo da língua espanhola, por sua vez, tem três centros de quase a mesma importância: Madrid está sempre na faixa Alfa, enquanto Buenos Aires e a Cidade do México ficam entre Alfa e Alfa-. O *Pierre Menard* de Borges²⁰ se dá o trabalho de reescrever o *Quixote*, mas seria difícil imaginar um Borges brasileiro prestando a mesma homenagem a uma obra portuguesa.

Na mesma época em que Candido estava descrevendo a literatura portuguesa como um arbusto de segunda ordem, e a brasileira como um galho secundário dela, o australiano Henry Green²¹ descreveu a literatura de língua inglesa como uma enorme figueira, que deixa fincar novas raízes em terras novas, produzindo

20 **Jorge Luis Borges** (1899-1986): escritor, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino. Em 1914, sua família mudou-se para Suíça, onde estudou e de onde viajou para a Espanha. Quando regressou à Argentina em 1921, começou a publicar os seus poemas e ensaios em revistas literárias surrealistas. Também trabalhou como bibliotecário e professor universitário. Em 1955, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e professor de literatura na Universidade de Buenos Aires. Em 1961, destacou-se no cenário internacional quando recebeu o primeiro prêmio internacional de editores, o Prêmio Formentor Internacional, repartindo o prêmio com o dramaturgo Samuel Beckett. No mesmo ano, recebeu a condecoração da Ordem do Comendador do presidente da Itália, Giovanni Gronchi. O seu trabalho foi traduzido e publicado extensamente nos Estados Unidos e na Europa. Borges era fluente em várias línguas. Os seus livros mais famosos, *Ficcões* (1944) e *O Aleph* (1949), são coletâneas de histórias curtas interligadas por temas comuns: sonhos, labirintos, bibliotecas, escritores e livros fictícios, religião, Deus. A sua fama internacional foi consolidada na década de 1960, ajudado pelo boom latino-americano e o sucesso de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. (Nota da IHU On-Line)

21 **Henry Green** (1905-1973): pseudônimo de Henry Vincent Yorke, escritor inglês mais lembrado pelos romances *Party Going* e *Living and Loving*. Publicou um total de nove romances entre 1926 e 1952. (Nota da IHU On-Line)

literaturas irlandesa, estadunidense, australiana etc., mas tudo ligado ao mesmo organismo. Na escala do GaWC, Sydney fica sempre entre as faixas Alfa+ e Alfa, um pouco mais alto que São Paulo, mas São Paulo é o pico do mundo lusófono, enquanto Sydney fica no segundo escalão do mundo anglófono, junto com Chicago, Toronto e Los Angeles. Um dos primeiros romances policiais foi escrito em Melbourne, publicado com grande sucesso em Londres, e influenciou Conan Doyle²² a escrever as

²² **Conan Doyle** (1859-1930): escritor e médico britânico, nascido na Escócia, mundialmente famoso por suas 60 histórias sobre o detetive Sherlock Holmes, consideradas uma grande inovação no campo da literatura criminal. Escritor prolífico, seus trabalhos incluem histórias de ficção

histórias de Sherlock Holmes. Os romances de Patrick White²³, australiano vencedor do Nobel de 1973, foram publicados sempre em Londres e em Nova York. Nenhum autor australiano vai virar as costas à possibilidade de ser lido em países de população muito maior que a sua terra natal.

Enfim, modelo de Candido pres-

científica, novelas históricas, peças e romances, poesias e obras de não ficção. Arthur Conan Doyle viveu e escreveu parte de suas obras em Southsea, um bairro elegante de Portsmouth. (Nota da **IHU On-Line**)

²³ **Patrick White** (1912-1990): escritor australiano. Recebeu o Nobel de Literatura de 1973. Descrito por muitos como um dos maiores romancistas da língua inglesa do século XX. De 1935 até sua morte, publicou 12 romances, duas coletâneas de contos e oito peças de teatro. Sua ficção frequentemente utiliza variações de ponto de vista de narração e a técnica literária fluxo de consciência. (Nota da **IHU On-Line**)

supõe um Brasil que é o centro do mundo lusófono, que não tem nenhum país vizinho que fale a mesma língua, e que contém apenas um sistema literário. Nenhum outro país no Novo Mundo pode gozar desse tipo de centralidade em relação a sua língua, então esse aspecto do modelo dificilmente se aplica a outros países. Para o modelo poder ser útil em casos como a relação entre a literatura uruguaia e a argentina, ou entre a literatura australiana e a estadunidense, ele também teria que se abrir à possibilidade de analisar um sistema pernambucano, ou um sistema sul-rio-grandense, articulados com os sistemas paulista e fluminense. ■

24 de setembro de 2018 (segunda-feira)

Conferências com Christian Laval

Université Paris Nanterre – França



14h30min às 16h – A Nova Razão do Mundo. Do neoliberalismo ao comum

17h30min às 18h30min – Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. Obra de Christian Laval e Pierre Dardot

19h30min às 22h – Crise do neoliberalismo e a emergência de movimentos emancipatórios

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Mais informações e inscrições em:
ihu.unisinos.br



Ecofeira

Todas as
quartas-feiras,
em frente ao IHU.

Das 10h às 18h

Com as lentes do Ocidente, a China é invisível

Para Martin Jacques, compreender a explosão do dragão asiático como potência mundial só é possível se esse país for observado desde o Oriente, com sua história, tradição e cosmovisão

João Vitor Santos e Ricardo Machado | Tradução: Isaque Gomes Correa

O jornalista Martin Jacques é um sujeito que foi passar as férias num lugar diferente e descobriu um mundo. “Fiquei completamente fascinado pelo que vi. Eu sabia dos números, das estatísticas, mas ver é crer. Esta experiência teve um impacto enorme sobre mim”, revela. Ele fala da China, o país que sai da categoria de grande fabricante de imitações e produtos de má qualidade para se transformar em líder em tecnologia, de economia forte e ainda capaz de ditar regras no cenário geopolítico. Jacques percebeu esses movimentos. “Desde essas férias, não tive mais o desejo, o apetite de trabalhar no Ocidente. Queria descobrir o que estava acontecendo na Ásia Oriental”, recorda.

Mais do que buscar o segredo chinês, foi percebendo que a receita do sucesso do grande dragão asiático passa pela própria história do país e sua visão de mundo. Para ele, enquanto o Ocidente não apreender que é preciso levar isso em conta, vai ficar observando a ascensão chinesa enquanto afunda em crises políticas, econômicas e sociais. “A razão pela qual o Ocidente vem tendo tanta dificuldade em entender a China é que a mentalidade ocidental é a de pensar o mundo em seus próprios termos, tentar encaixar as coisas neles. A China não se encaixa aí”, aponta, na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**.

O jornalista demonstra como nem sequer podemos considerar o país uma potência nos padrões que conhecemos. “A China é bem diferente do Ocidente, portanto será um tipo de potência bem diferente, por exemplo, dos Estados

Unidos ou, antes disso, da Inglaterra”, exemplifica. Assim, para ele, categorias e conceitos ocidentais não dão conta da complexidade da China. É o caso, por exemplo, de Estado-nação. “Portanto, a noção de Estado-civilização congrega e contém muitas diferenças dentro de si. É uma forma heterogênea, diferente de como costumam ser os Estados-nação ocidentais”, explica. “A China é a expressão mais importante de um fenômeno mais amplo, que é o crescimento em importância dos países em desenvolvimento, que formam o lar de aproximadamente 85% da população ao redor mundo”, conclui.

Martin Jacques é jornalista, pesquisador e analista político britânico. Graduado em Economia pela Universidade de Manchester, é também doutor pelo King’s College, em Cambridge. Seu interesse pela Ásia começou em 1993 e em 2009 publicou *When China Rules the World: The End of the Western World and the Birth of a New Global Order* (Penguin Books, 2012). Também é autor de *‘Implications of the Rise of China’, in Andrew Gamble and David Lane, eds, The European Union and World Politics* (London: Routledge, 2009) e *‘The Eight Differences That Define China’, in David Shambaugh, ed, The China Reader: Rising Power* Oxford: Oxford University Press, 2016), entre outras obras.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 12-10-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2MGSqGK>.

Confira a entrevista.

“O centro de gravidade da economia global está mudando em direção ao Oriente”

IHU On-Line – É possível afirmar que a crise financeira mundial, a partir de seus efeitos devastadores sobre o Ocidente, tem aberto caminho ao crescimento chinês? Por quê?

Martin Jacques – O crescimento chinês contou essencialmente com a ajuda da crise financeira no Ocidente, porque o crescimento da China, desta forma drástica, data, na verdade, do começo das reformas econômicas de 1978, e durante 30 anos o país cresceu cerca de 10% anuais. Claro que o drama da crise financeira ocidental basicamente foi o de entrar num modo de crescimento extremamente baixo. Na verdade, inicialmente estes países do Ocidente entraram numa situação negativa. Enquanto isso, o crescimento chinês continuou com o seu programa. Portanto, desde a última década, ou mais, até muito recentemente, isto significou que a China rapidamente se aproximou dos Estados Unidos.

IHU On-Line – Por mais de 200 anos, o mundo vive uma supremacia ocidental. Como compreender que, a partir do século XXI, esse protagonismo seja assumido por um país como a China, que se distingue até mesmo de seus vizinhos orientais?

Martin Jacques – É verdade que, no final do século XVIII, com a Revolução Industrial na Inglaterra, vimos uma rápida ascensão da Europa. Durante o século XIX, a Europa passou a ser, de longe, o continente mais avançado do mundo, resultan-

do, também por descobertas anteriores, na migração que se seguiu. E, de fato, por 200 anos o mundo, a economia mundial, a política e a cultura global foram dominadas pelo Ocidente.

Hoje, está absolutamente claro que este período chegou ao fim. A ascensão da China mudará este cenário, irá transformá-lo. O centro de gravidade da economia global está mudando em direção ao Oriente. É difícil imaginar que alguma coisa vá deter esse movimento, talvez uma guerra nuclear.

Portanto, estamos vendo, agora, a ascensão da China e, provavelmente, em grande parte da Eurásia¹. Podemos ver bem claramente na Europa o declínio progressivo do Ocidente. O principal problema é que o seu índice de crescimento está atualmente bastante baixo, e os Estados Unidos também, em comparação com a China, estão em declínio há bastante tempo.

IHU On-Line – O que significa, do ponto de vista cultural, a ascensão da China como grande potência mundial? Em que medida podemos falar em supressão de perspectivas ocidentais, como o humanismo?

Martin Jacques – Este fenômeno está sendo visto, primeiramente, como um desenvolvimento econômico. Mas as suas implicações, evi-

dentemente, são muito mais amplas do que aquelas ocorridas pelas ascensões do Ocidente, que foram conduzidas pela Revolução Industrial² e que alcançaram muitas áreas: política, moral, intelectual, cultural, e assim por diante.

Além disso, já estamos testemunhando o início de um impacto mais amplo da China além do simplesmente econômico. Este impacto ainda está nos estágios iniciais. Para o resto do mundo, a China esteve mais ou menos invisível até bem recentemente, nos últimos 200 anos, por causa da situação política, pela falta de desenvolvimento. Isso tem mudado. Em termos históricos, o mundo está se tornando cada vez mais familiarizado com a China e de forma muito rápida.

No momento, existe uma tendência muito forte, certamente no Ocidente, mas creio que se repete, em certo grau, nos países em desenvolvimento também, que é a de pensar a China em termos ocidentais, o que é um equívoco. A China é bem diferente do Ocidente, portanto será um tipo de potência bem diferente, por exemplo, dos Estados Unidos ou, antes disso, da Inglaterra.

IHU On-Line – Do ponto de vista político e econômico, que

¹ **Eurásia:** é o grande aglomerado de países europeus e asiáticos. Alguns consideram um continente e até um supercontinente, composto pelos continentes europeu e asiático, separados pela cordilheira dos Montes Urais. Alguns países como a Rússia e Turquia estão nos dois continentes. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Revolução Industrial:** foi a transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 a algum momento entre 1820 e 1840. Esta transformação incluiu a transição de métodos de produção artesanais para a produção por máquinas, a fabricação de novos produtos químicos, novos processos de produção de ferro, maior eficiência da energia da água, o uso crescente da energia a vapor e o desenvolvimento das máquinas-ferramentas, além da substituição da madeira e de outros biocombustíveis pelo carvão. A revolução teve início na Inglaterra e em poucas décadas se espalhou para a Europa Ocidental e os Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

transformações a ascensão chinesa pode provocar em escalas globais?

Martin Jacques – Durante os últimos 200 anos, o mundo esteve dominado e governado por uma pequena parcela da humanidade, que é a que compõe o Ocidente hoje, em particular, porque a proporção da população mundial diminuiu. Mas provavelmente estamos falando de cerca de 15% da população do mundo. Assim, a ordem global, nesse período ocidental, pode ser vista como uma ordem bastante autoritária. Hoje, a ascensão da China, que já, naturalmente, representa cerca de 1/5 da população mundial, precisa ser vista em termos mais amplos do que apenas a ascensão de um país. A China é a expressão mais importante de um fenômeno mais amplo, que é o crescimento em importância dos países em desenvolvimento, que formam o lar de aproximadamente 85% da população ao redor mundo.

Portanto, a grande mudança global que temos testemunhado é a de um mundo dominado por uma minoria extremamente pequena e privilegiada do Ocidente – e do Japão, se quisermos acrescentá-lo, mas essencialmente ocidental – para uma situação onde o mundo será, cada vez mais, dominado por fenômeno bastante diferente, a ascensão de países em desenvolvimento. E a China é o ator predominante dentro deste contexto, pois se olharmos do ponto de vista da autoridade, veremos que a realidade chinesa é muito diferente, por exemplo, da dos Estados Unidos. É diferente na sua política externa, na abordagem econômica etc., na maneira como estabelece relações com outros países em desenvolvimento. Em certo sentido, isto tem ajudado em seu próprio desenvolvimento e transformação.

Assim, vejo essa realidade como uma fonte de recursos abrangentes para o novo contexto. Mas também, quando se fala da China como uma potência global – ou uma potência global por vir, um país que tende a se tornar uma grande potência –, as pessoas projetam certas característi-

cas da história, por exemplo, dos Estados Unidos. Proceder assim é um grande erro, pois a China vem de um tipo de história e cultura bastante diferente. Esta história e cultura irá se refletir na maneira como o país se comporta e se expressa.

Imposição militar

Na história das potências ocidentais, por exemplo, é típico o emprego do poder militar. Mas, na história chinesa, essa não é uma característica, não é o seu modo de expressão, mesmo em seus – em termos históricos – momentos mais influentes. Portanto, precisamos pensar a influência da China no nível global mais em termos econômicos (o país irá se tornar extremamente influente, vai ser mais influente do que os Estados Unidos já foi alguma vez) e em sua influência cultural. Não creio que a China se apresentará ao mundo sob a forma militar ou que vai se envolver numa intervenção política, como é bem típico de países da Europa e dos Estados Unidos.

“A China é bem diferente do Ocidente, portanto será um tipo de potência bem diferente”

IHU On-Line – O senhor considera que a China não é um Estado-nação e sim um Estado-civilização. No que consiste essa diferença?

Martin Jacques – Quero fazer um esclarecimento aqui que é sobre a periodização histórica. No Ocidente, a história é datada no sentido moderno, em grande medida, a partir do século XVIII. E, claro, neste período ocorre uma mudança do Estado-

nação como uma nova forma de unidade política no mundo. Essa forma possui várias características: um Estado bastante centralizado, uma forte tendência no sentido de conjuntos dominantes (ou de um conjunto singular dominante) de etnias, certas concepções de soberania etc.

Se, hoje, quisermos ver o mundo em lentes chinesas, precisaremos ter uma periodização completamente diferente. Não se pode começar a história a partir do final do século XVIII. É preciso, provavelmente, começar por algo como o ano 211 antes de Cristo, com a primeira forma unificada da China, com a Dinastia Qin³. Portanto, estamos falando de um período de dois mil anos. Não estamos falando de um Estado-nação. Estamos falando de uma civilização, ou uma civilização que, em certo grau, se tornou mais ou menos o equivalente daquilo que se tornou o império chinês. Porque a China é, essencialmente, um continente multiétnico, multinacional. Na maior parte de sua existência, até o final do século XIX, a China não foi um Estado-nação; este é um desenvolvimento bastante recente, que tem um pouco mais de um século. Naquele longo período, a China foi predominantemente um Estado-civilização. Não possuía fronteiras claras. As fronteiras só vieram a se desenvolver claramente em 1949, e não havia a sensação de se estar nas mãos da raça dominante. Na verdade, existem muitas raças na China.

Portanto, a noção de Estado-civilização congrega e contém muitas diferenças dentro de si. É uma forma heterogênea, diferente de como costumam ser os Estados-nação ocidentais. A China percebeu que o final do século XIX começava a exigir as características de um Estado-nação. Assim, este país constitui uma mis-

³ **Dinastia Qin**: também conhecida como dinastia Chin, foi uma dinastia que governou a China entre 221 a.C. e 206 a.C., e que normalmente figura nos livros de História como a primeira dinastia burocrática ou protoburocrática da história da China. O período abrangido pelo governo da dinastia Qin pode, igualmente, corresponder a uma subdivisão da história chinesa. O primeiro rei dessa dinastia, Zheng, é reconhecido pela historiografia por seus grandes feitos, como a unificação violenta da China, e por seu governo cruel, tendo adotado o título de Shi Huangdi (“Primeiro Imperador”) após conquistar os estados de Zhao, Wei, Chu, Yan e Qi. (Nota da **IHU On-Line**)

tura de um Estado-civilização e um Estado-nação. Ele exige aquelas características do Estado-nação porque se viu forçado a se adaptar ao sistema internacional projetado pela Europa e, mais tarde, pelos Estados Unidos, pois estava vivendo num mundo essencialmente sob os termos dos valores e normas ocidentais.

Imposição do Estado-nação

A ascensão da China – e não só deste país, pois acho que devemos olhar para outros também, como a Índia e o Irã – não se enquadra nesta convicção de Estado-nação. Essa é uma forma tipicamente europeia que, depois, foi exportada com a migração para os Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, e assim por diante. Então, após a Segunda Guerra Mundial e com a descolonização, aquela forma, de uma maneira pouco apropriada, porém bastante compreensível, passou a ser uma exigência, por exemplo, dos países que recentemente haviam se tornado independentes na África. Nesses lugares, como na África, realmente, um Estado-nação na forma europeia foi completamente inapropriado.

Este tema suscita questões históricas profundas sobre o futuro, como: até que ponto a ascensão da China sinalizará uma nova forma de política, uma maior diversidade na maneira como os países se expressam, e assim por diante. Em geral, nos países ocidentais a atitude essencialmente tem sido: “Seja como nós, nós somos o formato que vocês precisam imitar”. Esta questão sobre a China como um Estado-civilização é extremamente interessante e é fundamental para entendê-la, mais até do que o fato de o país ter adquirido, ao longo do último século, algumas características do Estado-nação.

IHU On-Line – Como compreender essas lógicas chinesas, um país que assimila valores e perspectivas ocidentais, mas que mantém sua gênese, reforçando suas concepções de mundo?

Martin Jacques – Não creio que podemos compreender a China em

termos ocidentais. E a razão pela qual o Ocidente vem tendo tanta dificuldade em entender a China, há tanto tempo, é que a mentalidade ocidental é a de pensar o mundo em seus próprios termos, tentar encaixar as coisas neles. A China não se encaixa aí. Poderíamos dizer o mesmo sobre outros países, evidentemente, ainda que em graus diferentes, como a Índia, por exemplo.

Assim, nesse contexto, a China conta com duas características. Uma é bastante antiga e muito importante: o país nunca foi seriamente colonizado. Os portos que haviam participado de tratados internacionais foram colonizados desde meados do século XIX, mas a maior parte da China não foi colonizada. Então, o país permaneceu e reteve muitas de suas continuidades e características históricas, como um tipo muito, muito diferente de país.

É evidente que ela vive num mundo com o qual está em interação. Portanto, adquiriu certas características – ou compartilhou, pegou emprestado, adotou – de outros países, incluindo países ocidentais. Mas não podemos dizer que a China foi fundamentalmente ocidentalizada. E o meu argumento é, justamente, que a China é essencialmente um Estado-civilização antes de simplesmente ser um Estado-nação. Sem essa premissa, não podemos compreender este país.

Transformações e incompreensões

Por isso penso que a ascensão da China levará a mudanças fundamentais na maneira como o mundo está construído. E não estamos prontos para isso, pois não entendemos a China. Nós a subestimamos seriamente, nunca fomos capazes de compreender propriamente porque a ascensão econômica da China é tão drástica e tão bem-sucedida. Sempre ouvimos que o crescimento chinês “não é sustentável, chegará ao fim, haverá uma crise”. Subestimamos o sistema político chinês. Sempre se diz que este sistema político não se adequa ao seu propósito, que é dis-

funcional, que não é democrático – e por democrático se quer dizer que não é no estilo ocidental de democracia e, portanto, é insustentável.

Pelo contrário! Na verdade, o sistema político chinês é, a meu ver, muito funcional e muito bem-sucedido. É bastante diferente do que estamos acostumados nos países ocidentais, mas é um sistema de governo altamente consistente para aquele que é, convenhamos, um continente. Não devemos esperar que o sistema político chinês se ocidentalize de alguma forma. Na realidade, a crise que esperávamos para o sistema político chinês está essencialmente acontecendo no momento, só que no Ocidente.

O lar do Estado

Outra coisa que gostaria de enfatizar: embora a revolução de 1949 na China tenha marcado uma grande mudança, uma grande transformação histórica no país e em seu sistema de governo, está também claro que os governos chineses de hoje, no período moderno, ainda possuem linhas muito distintas de continuidade com uma história muito antiga, com o sistema imperial. A China é, provável e historicamente, o lar do Estado como o conhecemos, a origem do Estado moderno. É por isso que o sistema de governo chinês é tão competente, pois possui uma história muito longa.

IHU On-Line – O senhor trabalha com a ideia de modernidades concorrentes. No que consiste essa perspectiva e como ela pode explicar o crescimento chinês?

Martin Jacques – Os anos de predominância ocidental constituíram uma modernidade no singular, existe *uma* modernidade. E é uma modernidade ocidental. Evidente que existem diferenças, mas, a esta altura, empregamos uma generalização que tem a ver com a modernidade ocidental. Assim, o argumento é o de que existe uma potência para a modernidade e, por assim dizer, é a *nossa* potência, forçando todos os

países a segui-la. É um pouco como viver numa escada rolante, onde estamos todos em estágios diferentes da escada, mas cada um se dirige à mesma direção, e perto do topo da escada estão os Estados Unidos e outros países ocidentais.

É um erro completo, pois esta noção de modernidade reduz a questão essencialmente a um assunto de economia e tecnologia. Mas a história e a cultura são fundamentais para o caráter de modernidade de um país. Vejamos um país como o Japão, que é muito moderno, muito desenvolvido. A modernidade japonesa é muito diferente da modernidade ocidental. Na realidade, isto está claro há bastante tempo. Mas, de alguma maneira, esta ideia de uma modernidade singular prevaleceu no Ocidente. Desde o final do século XIX, a modernidade japonesa tem permanecido bastante diferente.

32 Civilização inclusiva

Vivemos num mundo com o declínio do Ocidente e com a ascensão dos países em desenvolvimento, com a ascensão da China e de muitos outros países. Assim, estamos vendo a ascensão de muitas modernidades. Existem modernidades múltiplas, não uma modernidade singular. O declínio dos Estados Unidos tem, na verdade, possibilitado este processo e, de certo modo, permitido este espaço que não existia tão facilmente antes.

A aptidão da China, por exemplo, para estas questões é bem diferente da do Ocidente. Uma das frases políticas dos chineses é “civilização inclusiva”, o que pode ser um outro modo de dizer que existem modernidades concorrentes. Há muitas civilizações diferentes. Precisamos aprender a nos darmos bem com cada uma e respeitar as diferenças, aprender com todas.

IHU On-Line – Até que ponto esse crescimento chinês está associado à figura de Xi

Jinping⁴? Como compreender sua influência geopolítica hoje?

Martin Jacques – Não acho que podemos reduzir o crescimento chinês a Xi Jinping, porque ele é presidente e secretário-geral [do Partido Comunista Chinês] apenas desde 2012. Então, ele ainda é uma figura muito recente no contexto de transformação da China. A transformação moderna chinesa começa em 1949 com a revolução, com Mao⁵, porque ela criou a estrutura, a possibilidade para o que se seguiu. Não foi um período bem-sucedido de crescimento econômico, manteve-se um índice de crescimento de 5 a 10%, mas sem muito sucesso e com graves equívocos. Mas com a saída de Deng Xiaoping⁶, em 1978, temos uma mudança fundamental.

Então, depois de Mao, a próxima transformação fundamental é Deng Xiaoping. É ele quem elabora um novo tipo de estratégia, quem redefine a noção de socialismo para incluir não apenas o planejamento central, mas o mercado

4 **Xi Jinping** (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, o presidente da China, o diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na província vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista Time. Em 2017, foi eleito pelo The Economist o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Mao Tsé-Tung** (1893-1976): ditador, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação, em 1949, até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo e suas estratégias militares e políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e, posteriormente, conduzindo o Partido Comunista Chinês até a vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Deng Xiaoping** (1904-1997): foi o secretário-geral do Partido Comunista Chinês, sendo, de fato, o líder político da República Popular da China entre 1978 e 1990. Criador do chamado socialismo de mercado, regime vigente na China moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

também. É ele quem rejeita a ideia de socialismo em um único país, o que fora predominante no pensamento socialista/comunista, e é ele quem sustenta que a China precisa se integrar com o mundo, em vez de viver isoladamente, ideia sustentada como sendo um valor. Tal estratégia não tinha funcionado no país antes; na verdade havia fracassado no caso da União Soviética também.

Isso me leva a Xi Jinping. Acho que, de fato, Xi Jinping marca uma transformação importante na política chinesa. Ela já havia sido antecipada, de várias maneiras, durante o período de Hu Jintao⁷. Não se pode pensar somente a partir de 2012, mas, por conveniência, podemos dizer que, por volta desse período, a China começou a conceber a sua tarefa, o seu desenvolvimento de um modo diferente. Mas, até que ponto diferente?

Em primeiro lugar, e isto certamente começou um pouco mais tarde, na possibilidade de desenvolver uma economia moderna e mais sofisticada, que fosse muito mais avançada tecnologicamente, e se valorizou isso. Em segundo lugar, a China não mais deveria ser vista simplesmente em termos econômicos, como aconteceu até aquele momento, tanto dentro da China quanto no resto do mundo. Mas a China desenvolveria um senso do seu próprio lugar no mundo, politicamente, culturalmente e em termos militares, e não só na esfera econômica. Em terceiro lugar, a China, em vez de apenas se adaptar ao sistema internacional, que herdou e que foi projetado essencialmente pelos Estados Unidos desde 1945, passou a se tornar proativa em relação à natureza e ao formato da ordem internacional. E, claro, desde então vimos duas de suas maiores iniciativas: o Banco Asi-

7 **Hu Jintao** (1942): é um político chinês, ex-Presidente da República Popular da China e ex-Secretário-Geral do Partido Comunista da China. Foi escolhido no dia 04 de novembro de 2010 pela revista Forbes como a pessoa mais poderosa do mundo, entrando no lugar do então presidente do Estados Unidos, Barack Obama, após a derrota para a oposição nas eleições intercalares. (Nota da **IHU On-Line**)

ático de Investimento em Infraestrutura⁸ e o projeto Um Cinturão, Uma Rota⁹, que são exemplos marcantes – em particular Um Cinturão, Uma Rota, que leva a China a desempenhar um papel muito diferente no mundo.

“A China é a expressão mais importante de um fenômeno mais amplo, que é o crescimento em importância dos países em desenvolvimento”

IHU On-Line – Como o senhor analisa as disputas entre China e Estados Unidos? É possível afirmar que os EUA podem orquestrar uma reação para que não percam sua centralidade geopolítica para a China?

Martin Jacques – Não creio que deveríamos nos surpreender com o que está acontecendo, mas

⁸ **Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura:** é uma instituição financeira internacional proposta pela China. É considerado como uma alternativa ao Banco Mundial. Em 25 de dezembro de 2015, 17 países (Austrália, Áustria, Brunei, China, Coreia do Sul, Geórgia, Alemanha, Jordânia, Luxemburgo, Mongólia, Mianmar, Países Baixos, Nova Zelândia, Noruega, Paquistão, Singapura e Reino Unido) juntos segurando 50,1% dos depósitos iniciais de capital autorizado determinados no instrumento de ratificação do acordo, formalmente se tornando membros fundadores e desencadeando a entrada em vigor do acordo. A Rússia aderiu mais tarde, trazendo a quantidade de Capital Autorizado dos membros do banco para 56,8%. O Brasil participará como membro fundador deste banco. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Iniciativa Um Cinturão, Uma Rota:** é considerada a maior façanha de infraestrutura da história da humanidade. Trata-se de um gigantesco programa de construção da China para recriar rotas comerciais da Ásia para a África e a Europa. Pretende ser um instrumento para acelerar o crescimento econômico da Eurásia, gerando milhões de empregos, o que possibilitaria o aumento da classe média asiática. Foi anunciada em 2013 e deu impulso a bilhões de dólares em investimentos em ferrovias, estradas, portos e usinas de energia. (Nota da **IHU On-Line**)

muitas pessoas se surpreenderam. As lideranças chinesas subestimam as possibilidades de seu desenvolvimento. Por que deveríamos ficar surpresos? Ora, os Estados Unidos há tempo se veem como o chefe do mundo e esperavam – e esperam – continuar nessa posição. Eles acreditavam em duas coisas: primeiro, que a China iria progressivamente se ocidentalizar, que a modernização chinesa iria fracassar a menos que se ocidentalizasse, essencialmente na economia e na política, por exemplo.

Em segundo, os Estados Unidos não acreditavam que a ascensão da China se sustentaria da forma como tem se sustentado e de maneira tão rápida. Portanto, os Estados Unidos, de um modo fundamental, interpretaram equivocadamente aquilo que a ascensão chinesa está representando, que este país era capaz de realizar esta transformação e que não se tornaria, neste processo, como os Estados Unidos.

Temos aqui um aspecto importante. Se pegarmos o discurso do “Estado da União” proferido por Barack Obama¹⁰, em 2010 ou 2011, veremos que foi dito que a ideia de um declínio americano era um engano completo. O que se vê é que os americanos claramente estão em declínio há um tempo significativo. Trump¹¹, nesse sentido, representa o primeiro líder americano que, de fato, acredita – ou reconhece – que os Estados Unidos estão em declínio. É claro que ele acha que pode reverter a situação.

Até Trump, os Estados Unidos negaram o seu próprio declínio.

¹⁰ **Barack Obama [Barack Hussein Obama II]** (1961): advogado e político estadunidense. Foi o 44º presidente dos Estados Unidos, tendo governado o país entre 2009 e 2017. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

De repente, no contexto do atual presidente, a China se torna não uma espécie de competidor, mas também um parceiro. A China é, hoje, vista como uma ameaça à hegemonia americana. Assim, começou a ser desenvolvido, no governo Trump, uma ideia de tentar fazer com que a ascensão da China fique mais difícil e, se possível, que seja contida. Daí a guerra comercial, mas mais que uma guerra comercial. O que se quer é tentar impedir que a China tome a liderança tecnológica em setores importantes, que é exatamente o que ela está, neste momento, começando a fazer. Através das empresas Alibaba¹² e Tencent¹³, por exemplo, podemos ver que a China já está à frente do Vale do Silício.

Tentativas de frear a China

Então, é uma espécie de tentativa por parte dos Estados Unidos de se manter em suas posições de hegemonia no mundo e impedir a ascensão da China. Realmente, não creio que conseguirão. As suas iniciativas podem ter efeitos negativos sobre aquele país, mas também terão efeitos negativos nos Estados Unidos. As ações, por exemplo, vão desvalorizar o contexto americano. A questão é: como ser um ator dinâmico no mundo, reduzindo a si próprio ao cortar a participação americana no mercado chinês, por exemplo? O mercado chinês já é do mesmo tamanho que o mercado americano. Em 2030, o mercado chinês provavelmente terá o dobro do tamanho do mercado americano.

Vejo esta contenda, esta guerra comercial como a tentativa dos Estados Unidos de impedir ou dificultar a ascensão chinesa. Isto

¹² **Grupo Alibaba:** é um grupo de empresas com sede em Hangzhou, China, de propriedade privada baseada em e-commerce na internet, incluindo sites online de business-to-business, serviços de varejo e pagamento online, um motor de busca para compras e serviços de computação na nuvem centrados em dados. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Tencent:** é o maior e mais utilizado portal de serviços de internet da China. Desde a sua criação, na última década, Tencent tem mantido um crescimento constante no âmbito das suas estratégias operacionais voltadas para o usuário. Se tornou a quinta maior empresa de Internet do mundo depois do Google, Amazon, Alibaba e Ebay a partir de outubro de 2011. (Nota da **IHU On-Line**)

terá consequências negativas para ambos os países e para o resto do mundo. Bem francamente, não consigo ver como algo assim poderia dar certo. E, de certo modo, provavelmente irá acelerar a ascensão da China e acelerar o declínio dos Estados Unidos.

IHU On-Line – A primeira edição de seu livro, *When China Rules the World: The End of the Western World and the Birth of a New Global Order*¹⁴, é de 2009. Recentemente, foi lançada uma edição revisada e ampliada. O que mudou no cenário global e na China desde a publicação da primeira edição e o que o forçou a pensar na necessidade de atualizar essa obra?

Martin Jacques – Concluí o livro em 2008, começo de 2009. Lembremos que ainda vivíamos o período da crise financeira. Eu, portanto, estava à espera de saber qual seria o impacto da crise. Vivíamos um momento muito importante da história ocidental contemporânea, com consequências profundas. Então, enquanto os desenvolvimentos ocidentais essencialmente estiveram estagnados economicamente, a ascensão da China continuou. A posição da China na economia global relativamente se acelerou. A economia tem duplicado de tamanho a cada sete anos. O padrão de vida tem se duplicado a cada sete anos.

Obviamente o resultado na China é uma transformação drástica tremenda. Achei que deveria trazer alguns destes desdobramentos na segunda edição. Eu o fiz em 2012 e foi essencialmente um processo de atualização, elaboração, desenvolvimento de certos argumentos. Então também escrevi um novo capítulo de abertura para a segunda edição chinesa em 2016, que buscou trazer a mudança da era Deng até a era Xi, na China.

Hoje, eu poderia reescrever o livro. O pensamento se move tão rapida-

mente. Mas, na verdade, no momento estou trabalhando num livro completamente novo. Vai levar alguns anos para eu apresentá-lo ao público.

“A crise que esperávamos para o sistema político chinês está essencialmente acontecendo no momento, só que no Ocidente”

IHU On-Line – Como vê a crise financeira internacional dez anos depois?

Martin Jacques – Foi claramente a crise mais importante, a mais séria desde 1931, dos países ocidentais. Ainda hoje as economias ocidentais não se recuperaram devidamente. As pontuações da taxa de juros estão extremamente baixas, ou próximas a zero, na Europa toda. A economia ocidental está ainda em tratamento intensivo. A dívida ainda é um problema nas economias ocidentais. Portanto, olhando hoje, vejo que a crise foi um evento singularmente importante. A instabilidade política que se pode ver hoje nos países ocidentais é um produto direto da crise financeira. Claro, como já mencionado, ela acelerou a ascensão da China, acelerou esta mudança global profunda do Ocidente para a China. Foi um evento de extrema importância.

IHU On-Line – O seu interesse pela China começou de forma inusitada. Gostaria que nos contasse o que despertou sua atenção para esse país.

Martin Jacques – Na verdade, eram minhas férias. Eu já era escritor e editor, um tanto conhecido em meu país e em outros países da Europa, mas nada muito além disso. Saí de férias em 1993. Hoje não parece tão radical, mas na época foi: eu passei pela China, Hong Kong, Malásia e Singapura. Fiquei completamente fascinado pelo que vi. Eu sabia dos números, das estatísticas, mas ver é crer. Essa experiência teve um impacto enorme sobre mim. Lembro de uma questão que me ocorrera naqueles dias: é tão moderno; estamos no Ocidente? E isso, evidentemente, se transformou na primeira parte do livro “*When China Rules the World: The End of the Western World and the Birth of a New Global Order*”¹⁵.

Desde essas férias, não tive mais o desejo, o apetite de trabalhar no Ocidente. Queria descobrir o que estava acontecendo na Ásia Oriental, não particularmente na China. A China fazia parte, apenas. Mas, na medida em que adentrei, que comecei a trabalhar, percebi que a China – naquela época eu tinha interesse na China antiga – claramente seria a história central. Então, o centro de gravidade do meu pensamento progressivamente se voltou para esse país.

Há uma segunda coisa que me aconteceu naqueles dias: pela primeira vez na vida, me apaixonei à primeira vista. Ela era da Malásia. A minha relação com essa pessoa muito me ensinou sobre as diferenças, sobre a importância das etnias, e assim por diante. Tragicamente, quando vivíamos em Hong Kong havia dois anos e meio, ela faleceu aos 33 anos, num hospital como resultado da discriminação racial. Os chineses de Hong Kong podem ser muito racistas. Acabou sendo uma tragédia horrível. A minha relação com ela me ensinou a ver o mundo de uma maneira muito mais complexa... Foi possível romper com a mentalidade ocidental, com a mentalidade branca a respeito do mundo. ■

¹⁴ Em tradução livre, *Quando a China governa o mundo: o fim do mundo ocidental e o nascimento de uma nova ordem global*. Penguin Books, 2009 (1 Edição), Penguin Books, 2012 (2 Edição)

¹⁵ Quando a China governa o mundo: o fim do mundo ocidental e o nascimento de uma nova ordem global, em tradução livre. (Nota da **IHU On-Line**)



As lógicas de uma civilização introvertida, mas conectada com o mundo

Para Gabriele Battaglia, a China emerge como potência mundial sem impor seu mundo ao resto do planeta

Vitor Necchi | Tradução: Moisés Sbardelotto | Edição: João Vitor Santos

Ascensão da China no cenário geopolítico e na economia global tem levado muitas pessoas a buscar incansavelmente “o segredo do sucesso chinês”. O problema é que enquanto os ocidentais escavam, a resposta pode estar bem mais aparente. Mas basta que se observe. É mais ou menos nessa linha que o jornalista Gabriele Battaglia analisa o grande dragão asiático quando se fala sobre um novo império global erguido pela China. “Não creio que a China, ao contrário dos Estados Unidos, queira impor seu próprio modelo ao mundo. É um país ou, melhor dizendo, uma civilização introvertida”, pontua. Para ele, o que o chinês faz é observar o outro e apreender o que de melhor esse outro pode dar não para transformá-lo, e sim para melhorar a sua própria realidade. “Quando a China fala de si mesma como ‘superpotência global’, ela quer que lhe seja reconhecido o papel que ela considera que lhe cabe: o de ‘centro do mundo’ ao qual se deve respeito, mas depois cada um escolhe o modelo político, econômico etc. que lhe parece melhor”, completa.

É por isso que Battaglia, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, diz que não acredita que a China vá impor, por exemplo, que o mundo siga o confucionismo. “No entanto, para defender os seus interesses, ela não terá escrúpulos em intervir também nos assuntos internos de outros países, ao contrário do que proclama.

Vemos isso claramente na Ásia Central e no Sudeste Asiático”, ressalva. Além disso, o cimento que torna a China coisa é o Partido Comunista. “Enquanto o Partido for capaz de movimentar o motor do desenvolvimento, haverá casos isolados de explosão de raiva mais do que de rebelião, que podem ser contidos”, analisa.

Sobre esse medo ocidental de que a China subverta suas lógicas e seus valores, o jornalista dispara: “O Ocidente traiu a si mesmo e ao mundo em duas datas: 2003, com a infame e pretensiosa invasão do Iraque, que ainda hoje está produzindo morte e desestabilização; e 2008, com a crise econômica global da qual a classe trabalhadora e parte da classe média pagaram a conta”. Por isso, nesse contexto, considera a China como uma “potência responsável”. “É o país que mais se beneficiou com o ‘livre mercado’, mas entendido à sua maneira”, avalia. “Ela não substituirá os Estados Unidos para se tornar a nova superpotência global. Em vez disso, vamos rumo a um mundo multipolar no qual ninguém poderá se dar ao luxo de impor uma agenda própria ou exportar uma ideologia própria, vendendo-a como universal”, completa.

Gabriele Battaglia é jornalista italiano que vive em Pequim, correspondente da Radiotelevisão Suíça e da Rádio Popolare, de Milão, na Itália.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que mais se discute em relação à China são questões estruturais e macros. Qual a realidade da população, no que se refere à qualidade de vida?

Gabriele Battaglia – Justamente nestes dias, estou fazendo uma viagem ao interior da China para gravar um documentário que percorre os mesmos lugares percorridos por

Michelangelo Antonioni¹ em *Chung*

¹ **Michelangelo Antonioni** (1912-2007): cineasta italiano. Graduou-se em Economia na Universidade de Bolonha, na Itália, e estudou no Centro Sperimentale di Cinematografia, na Cinecittà. Seu primeiro grande sucesso foi *A aventura*

*Kuo*², de 1972. Ainda outro dia, eu falei com dois velhos agricultores de Henan³, filiados desde sempre ao Partido Comunista; eram os líderes do seu vilarejo nos anos 1970. Um dos dois, de 71 anos, vive há cerca de um ano em um moderno apartamento construído em um prédio de 20 andares, justamente ao lado do velho vilarejo. Ele está contente, tem dois filhos que trabalham, um na construção, o outro no comércio de bicicletas elétricas. Pois bem, para ele, há uma continuidade de Mao Zedong⁴ e Xi Jinping⁵ no sinal do progresso. “Hoje, Mao não iria bem, mas naquela época ia bem”, respondeu. “E hoje temos o grande líder Xi Jinping.”

O outro ainda vive no antigo vilarejo e é mais velho, tem 81 anos, enxerga pouco e caminha mal. Sua primeira casa era de barro; aquela onde ele vive agora foi construída nos anos 1980 e é de tijolos e cimento. No início do ano que vem, ele irá ao encontro do seu amigo e companheiro no novo prédio de 20 andares. Do barro aos 150 metros quadrados no 20º andar. Pois bem, ele mede muito simplesmente assim as mudanças dos últimos 40-50 anos. Nenhum arrependimento, ele vê

um futuro potencialmente favorável também aos 81 anos.

É por isso que acredito que, enquanto o Partido conseguir garantir essa abertura para o futuro, a promessa da qualidade de vida, mais do que a própria qualidade, conseguirá gerir as contradições.

IHU On-Line – Parte do crescimento econômico chinês se sustenta no imenso contingente populacional que migrou das zonas rurais para as grandes cidades, o que gerou um exército de trabalhadores com baixos salários. A longo prazo, isso se mantém? O que pode gerar o fato de que milhões de pessoas vivem em condições adversas de trabalho, educação e saúde?

Gabriele Battaglia – Devemos nos entender bem sobre este ponto: é verdade que na China existe uma população de série A e de série B, há um *apartheid* estrutural, dado pelo fato de que a pessoa tem direitos e serviços somente em seu local de residência (é o mecanismo do Hukou⁶, isto é, a permissão de residência), razão pela qual os migrantes que vão para a cidade ou para outra província não têm os mesmos bens dos residentes (por exemplo, a escola para os filhos). E é verdade que, de acordo com o índice Gini⁷, a China é muito mais desigual do que a Europa e provavelmente também do que os Estados Unidos.

Mas, mais uma vez, enquanto o Partido for capaz de movimentar o motor

do desenvolvimento, haverá casos isolados de explosão de raiva mais do que de rebelião, que podem ser contidos. A pergunta então é: já que o modelo que funcionou até agora chegou ao fim, a China será capaz de continuar movimentando o motor? Quando falo de um modelo que chegou ao fim, refiro-me àquele baseado no alto nível dos investimentos, baixos salários, exportações etc.

Viu-se uma primeira contradição em Pequim há cerca de um ano, quando houve uma grande onda de expulsões de migrantes rurais. A cidade já se concebe como metrópole-vitrine da China, metrópole que deve atrair as excelências e não todos indiscriminadamente, metrópole controlada e ordenada, dividida em compartimentos estanques como agrada à nova classe média que quer ordem e o contínuo crescimento de valor das suas propriedades imobiliárias. Aqui se vê realmente como as diversas Chinas já têm interesses divergentes. Eu acredito que mesmo a virada mais autoritária do Partido, do qual a figura de Xi Jinping é o símbolo, é funcional para uma fase em que será cada vez mais difícil gerir as contradições. Manter a situação sob controle enquanto se prepara um novo salto tecnológico.

IHU On-Line – O Ocidente, ao se erigir como civilização, consagrou ideias como democracia e humanismo. Se a China seguir sua trajetória ascendente e virar o grande império mundial, o que deve acontecer com esses valores ocidentais?

Gabriele Battaglia – O Ocidente traiu a si mesmo e ao mundo em duas datas: 2003, com a infame e pretensiosa invasão do Iraque, que ainda hoje está produzindo morte e desestabilização; e 2008, com a crise econômica global da qual a classe trabalhadora e parte da classe média pagaram a conta, sem que se tocasse em um fio de cabelo dos verdadeiros culpados, revelando que o “livre mercado” e as suas promessas falharam. O Ocidente não é mais credível. Infelizmente, essa estrondosa queda do “pensamento único”, com a qual deveríamos apenas

(1960) seguido por *A noite* (1961) e *O eclipse* (1962), que compreendem uma trilogia sobre o tema da alienação. Os filmes mais notáveis de Antonioni mostravam a elite e a burguesia urbana, além de descrever personagens ricos como pessoas vazias e sem alma. Em 1985, sofreu um acidente vascular cerebral que o deixou parcialmente paralisado e impossibilitado de falar. Sua carreira terminou em 2004, aos 92 anos, com o filme *Eros*. (Nota da **IHU On-Line**)
2 **Chung Kuo, Cina**: documentário italiano de 1972 dirigido por Michelangelo Antonioni que narra as vidas dos chineses contemporâneos da classe trabalhadora. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Henan**: é uma província da República Popular da China. Na província, próximo à capital, Zhengzhou, localiza-se o famoso templo budista Shaolin. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Mao Zedong** (1893-1976): comumente conhecido como Presidente Mao, foi um revolucionário comunista chinês que se tornou o pai fundador da República Popular da China, que ele governou como o presidente do Partido Comunista da China desde a sua criação em 1949 até sua morte em 1976. Suas teorias, estratégias militares e políticas são coletivamente conhecidas como maoísmo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Xi Jinping** (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, o presidente da China, o diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na província vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista *Time*. Em 2017, foi eleito pelo *The Economist* o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Hukou**: é um sistema de registro doméstico na China continental e em Taiwan, embora o sistema em si seja mais propriamente chamado de “huji” e tenha origens na China antiga. Um registro domiciliar identifica oficialmente uma pessoa como residente de uma área e inclui informações de identificação como nome, país, conjugal e data de nascimento. Um hukou também pode referir-se a um registro familiar e geralmente inclui os nascimentos, óbitos, casamentos, divórcios e movimentos de todos os membros da família. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Coefficiente de Gini**: é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini, e publicada no documento “Variabilità e mutabilità” (“Variabilidade e mutabilidade” em italiano), em 1912. É comumente utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda mas pode ser usada para qualquer distribuição. Ele consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda (português brasileiro) ou rendimento (português europeu) (onde todos têm a mesma renda) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa tem toda a renda (português brasileiro) ou rendimento (português europeu), e as demais nada têm). O índice de Gini é o coeficiente expresso em pontos percentuais (é igual ao coeficiente multiplicado por 100). (Nota da **IHU On-Line**)

nos alegrar, não está, neste momento, dando lugar para uma ideia emancipatória, mas sim ao medo, às nostalgias retrospectivas das pequenas pátrias e, portanto, à potencial guerra de todos contra todos.

A China, nesse contexto, está desempenhando o papel de “potência responsável”, porque é o país que mais se beneficiou com o “livre mercado”, mas entendido à sua maneira, isto é, com “características chinesas”, ou seja, nem tão livre. Ela não substituirá os Estados Unidos para se tornar a nova superpotência global. Em vez disso, vamos rumo a um mundo multipolar no qual ninguém poderá se dar ao luxo de impor uma agenda própria ou exportar uma ideologia própria, vendendo-a como universal. Só podemos nos alegrar com isso.

Infelizmente, não me parece que a Europa seja capaz de competir nesse grande jogo, precisamente por causa da sua falta de unidade. A América do Sul era uma grande esperança até alguns anos atrás; agora parece-me mais terra de conquista, com grande pesar. Os valores ocidentais já não falam muito mais a boa parte do mundo, são atacados até em sua casa. Mas, aliás, o que se entende por “valores ocidentais”? Se entendermos a famosa tríade *liberté, fraternité, égalité*, eu digo que não existe nenhuma *liberté* sem *égalité*, nunca. Há muito tempo nos esquecemos disso, e isso está na raiz dos males que nos afligem hoje. É preciso mais igualdade por toda a parte, aí está a chave. Uma igualdade na diversidade. Quem encontrar a chave para manter unidas igualdade e diversidade sobre fortes bases materiais será o Marx do século XXI.

IHU On-Line – O fato de os Estados Unidos se autointitularem democráticos e defensores das liberdades individuais não impediram que, em plenos séculos XX e XXI, invadissem territórios

estrangeiros sob desculpas frágeis, interferissem na política de outros países e refutassem acordos de preservação ambiental, por exemplo. A situação deve se agravar se a China, que despreza valores como democracia, se tornar líder mundial?

Gabriele Battaglia – Não creio que a China, ao contrário dos Estados Unidos, queira impor seu próprio modelo ao mundo. Ela não tem uma intenção evangelizadora, ao contrário, quer continuar garantindo a si mesma estabilidade interna e, portanto, desenvolvimento. É um país ou, melhor dizendo, uma civilização introvertida. Quando a China fala de si mesma como “superpotência global”, ela quer que lhe seja reconhecido o papel que ela considera que lhe cabe: o de “centro do mundo” ao qual se deve respeito, mas depois cada um escolhe o modelo político, econômico etc. que lhe parece melhor.

Eu não acredito que os chineses estejam tão iludidos a ponto de pensar que o resto do mundo pode se tornar confuciano. No entanto, para defender os seus interesses, ela não terá escrúpulos em intervir também nos assuntos internos de outros países, ao contrário do que proclama. Vemos isso claramente na Ásia Central e no Sudeste Asiático, por exemplo. O instrumento principal, obviamente, é a moeda, os investimentos, mas as pressões políticas também não faltam.

IHU On-Line – O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump⁸,

⁸ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

evidencia descomprometimento em relação à aliança estratégica com a Europa. Por que isso ocorre? A China tem influência nesse reposicionamento?

Gabriele Battaglia – Não sou especialista em coisas estadunidenses, mas me parece que a intenção de Trump é precisamente a de evitar que a China dê o próximo salto tecnológico para minar os Estados Unidos como superpotência da inovação. E eis a guerra comercial que vai afetar justamente os setores do “Made in China 2025”, o grande programa de desenvolvimento dos setores-chave da inovação em torno do qual gira a grande aposta de Pequim para o futuro. Nisso, eu acredito que os chineses têm razão: Trump não quer concessões no comércio, Trump quer cortar as asas para a China, exercer a contenção.

IHU On-Line – O presidente Xi Jinping manifesta que, do Ocidente, interessa-se apenas pela ciência e pelo mercado, desconsiderando a cultura ocidental como um todo, em particular as ciências humanas. O que isso significa?

Gabriele Battaglia – É uma velha história. Mesmo quando a China, em boa parte, era colônia do Ocidente, havia correntes de pensamento dentro e fora da corte Qing⁹ que queriam a “caixa de ferramentas” ocidental, mantendo, porém, a filosofia chinesa. Também é legítimo, em certa medida, mas eu me pergunto como isso é possível no mundo globalizado. ■

⁹ **Dinastia Qing**: última dinastia imperial da China, governado por 268 anos (de 1644-1912) com uma breve restauração abortiva em 1917. Foi precedida pela dinastia Ming e sucedida pela República da China. Esta dinastia teve início quando os manchus invadiram o norte da China em 1644 e derrotaram a dinastia Ming. Desta região, os manchus expandiram a dinastia para a China propriamente dita e os territórios circundantes da Ásia central, estabelecendo o Império do Grande Qing (em pinyin: Dà Qīng Dìguó). A Qing foi a última dinastia imperial da China; os seus imperadores ocuparam a sua capital entre 1644 e 1912, quando, no seguimento da Revolução Xinhai, uma república foi estabelecida e o último imperador da China, Pūyí Xiānsheng, abdicou. (Nota da IHU On-Line)

Leia mais

- **China: outro modelo neoliberal ou outra forma de mercado?** Um debate entre Gaia Perini e Gabriele Battaglia, reproduzida nas Notícias do Dia de 10-8-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2w4LtJo>.

Da união do privado com o Estado, uma outra ideia de império

Para Elias Jabbour, a receita do sucesso da China está na soma de esforços que permite a socialização do investimento que constitui um império sem imposições imperialistas

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

O fato de a China ter passado pela crise econômica mundial de 2008 sem grandes problemas não se dá ao acaso. Para o professor e geógrafo Elias Marco Khalil Jabbour, um dos motivos é o país ter conseguido “todas as condições para que pacotes de estímulo fiscal e intervenções em massa do Estado na economia ocorram em paralelo com o setor privado”. Ou seja, houve uma soma de esforços entre Estado e iniciativa privada para manter a robustez chinesa, sem medo nem repulsa de um pelo outro. “No Ocidente, criou-se a falácia que opõe Estado e mercado, onde o Estado só pode comparecer para salvar instituições financeiras e não provocar políticas anexas ao Princípio da Demanda Efetiva”, contrapõe, ao demonstrar que o dragão asiático rompe com essa lógica e apresenta outra saída. “A sobrevivência chinesa deve-se também ao competente comando do Estado por um poderoso Partido Comunista que detém as chaves dos grandes bancos e de seus 149 conglomerados empresariais estatais”, acrescenta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Jabbour ainda enfatiza: “a China não é capitalista, nem imperialista”. Para ele, ocorre o chamado “Estado socialista hegemônico”, cujo ponto forte dessa homogeneidade é o Partido Comunista. Com relação à política externa, o professor diz que nem de perto se aproxima do conceito de imperialismo, como conhecemos a partir da lógica dos Estados Unidos. Para ele, é “um exemplo de comércio exterior como ente público, estatal e planejado”. Assim, por um lado, a China se fortalece como um grande império, mas, por outro, não está preocupada em impor suas lógicas a outros mundos. “Sua dinâmica de desenvolvimento é oposta ao do verdadeiro imperialismo (Estados Unidos). Chamar a China de imperialista é como colocar um sinal de igualdade entre ela e os Estados Unidos”, dispara.

Elias Marco Khalil Jabbour possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo - USP, e mestrado e doutorado em Geografia Humana também pela USP. É professor adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas. Ainda foi assessor econômico da Presidência da Câmara dos Deputados. É autor de *China Hoje: Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado* (São Paulo: Anita Garibaldi, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O senhor poderia descrever o que é o chamado “padrão asiático de desenvolvimento”?

Elias Marco Khalil Jabbour – Como não sou fã do termo “padrão” (faz parecer o desenvolvimento como algo estático, não dinâmico), vou

definir a dinâmica asiática de desenvolvimento como um processo marcado pelo alcance de uma completa mudança estrutural pela via da di-

“No Ocidente, criou-se a falácia que opõe Estado e mercado”

versificação industrial, estratégia de inserção internacional, substituição de importações e estímulo às exportações manufatureiras e amplo papel do Estado, em intimidade com o setor privado nacional, em planificar, gerir, coordenar a “grande estratégia” e criar todas as condições institucionais necessárias para que o desenvolvimento econômico ocorra com mudanças para servir de base às chamadas “soluções de continuidade”.

IHU On-Line – Passados 10 anos da crise financeira mundial, parece que a China foi o país que conseguiu sobreviver melhor aos impactos globais da recessão. É verdadeira essa impressão? A que se deve a melhor sobrevivência chinesa?

Elias Marco Khalil Jabbour – Se deve a inúmeros motivos. Um deles é o fato de ter conseguido criar, nos últimos 40 anos, todas as condições para que pacotes de estímulo fiscal e intervenções em massa do Estado na economia ocorram em paralelo com o setor privado. A ironia da história é que o único país do mundo capaz de colocar em prática o que Keynes¹ chamava de “socialização do investimento” é um estado de caráter socialista.

1 **John Maynard Keynes** (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não comunistas. Confira o **CADERNOS IHU ideias** nº 37, *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de Fernando Ferrari Filho, disponível em <http://bit.ly/ihuid37>. Leia, também, a edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 6-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, disponível para download em <http://bit.ly/ihun276>. (Nota da **IHU On-Line**)

A possibilidade de executar políticas intrínsecas à “socialização do investimento” demanda a existência de duas pernas na economia: o Estado e o setor privado. No Ocidente, criou-se a falácia que opõe Estado e mercado, onde o Estado só pode comparecer para salvar instituições financeiras e não provocar políticas anexas ao Princípio da Demanda Efetiva. O setor privado no Ocidente não tolera o Estado. Tem medo da presença do Estado na economia. A sobrevivência chinesa deve-se também ao competente comando do Estado por um poderoso Partido Comunista que detém as chaves dos grandes bancos e de seus 149 conglomerados empresariais estatais. Por fim, a inauguração, também, cíclica, de novas e superiores formas de planejamento ao longo do tempo é fundamental à dinâmica chinesa.

IHU On-Line – Como a China reorganizou sua posição no cenário geopolítico internacional nas últimas décadas?

Elias Marco Khalil Jabbour – Se reorganizou tendo como método seus interesses estratégicos de curto, médio e longo prazos. Desde uma posição defensiva no intento de atrair capital, tecnologia e métodos avançados de administração até uma postura mais ofensiva como vemos hoje: uma potência financeira que se dispõe a ligar – por terra e mar – o mundo sob o acicate do Projeto da Nova Rota da Seda².

2 **Nova Rota da Seda**: no dia 14 maio de 2017, o presidente da China, Xi Jinping, discursou no Fórum de abertura sobre a “Nova Rota da Seda”, por meio do qual anunciou o investimento de 70 bilhões de dólares no projeto.

IHU On-Line – Politicamente comunista e comercialmente capitalista, até que ponto a categoria do “imperialismo” é capaz de explicar a posição da China no cenário global?

Elias Marco Khalil Jabbour – A China não é capitalista, nem imperialista. Trata-se de um Estado socialista hegemônico pelo Partido Comunista e detentor dos meios estratégicos de produção. Sobre sua postura externa, eu caracterizo como um exemplo de comércio exterior como ente público, estatal e planejado. A China não exporta guerras, não exporta receitas econômicas destruidoras como as patrocinadas pelos Estados Unidos (neoliberalismo), não exporta fome. Sua dinâmica de desenvolvimento é oposta ao do verdadeiro imperialismo (Estados Unidos). Chamar a China de imperialista é como colocar um sinal de igualdade entre ela e os Estados Unidos.

IHU On-Line – Há uma questão muito sensível em relação à China, que é a sua dependência de outros países em relação aos insumos industriais primários. Como é possível o Brasil se desenvolver numa relação bilateral sendo fornecedor de commodities?

Elias Marco Khalil Jabbour – Não é possível se desenvolver dependendo de preços formados fora do

A ideia é reeditar a antiga rota formada ainda no Mundo Antigo, que interligava rotas comerciais através da Ásia do Sul, usadas no comércio da seda entre o Oriente e a Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

país, o que nos fragiliza diante das fases descendentes do ciclo econômico. O problema do Brasil não é a China. É a renúncia de ser uma nação por inteiro. É a renúncia ao gigantismo. É a fragilidade ideológica de uma burguesia e classe média que odeiam o nosso país e nosso povo. Semem vergonha de serem brasileiros.

IHU On-Line – Segundo algumas informações que podem ser apuradas pela imprensa e por pessoas que visitam a China, o Partido Comunista chinês está imerso em todos os espaços. De que forma podemos compreender a dinâmica do poder na China?

Elias Marco Khalil Jabbour – De forma simples, sem ser simplista: nem a lei da gravidade age naquele país sem a autorização do Partido Comunista. É a força política legitimada ao exercício do poder nacional. Sem o Partido Comunista, não existiria essa China a que assistimos hoje. É o chamado, na feliz expressão de Gramsci³,

o verdadeiro “Príncipe Moderno”.

IHU On-Line – Como o senhor caracteriza o interesse da China pelo Brasil?

Elias Marco Khalil Jabbour – Interesse político e estratégico com o maior país da América Latina, um país cheio de possibilidades e potencial de complementaridade à economia chinesa. Um grande destino de utilização de capacidades produtivas ociosas na China. Afora as matérias-primas e petróleo cujo governo entreguista de Michel Temer está oferecendo quase que de graça aos chineses, como no caso do setor elétrico.

IHU On-Line – Quais são as potencialidades e os limites de uma parceria entre Brasil e China?

Elias Marco Khalil Jabbour – As possibilidades estratégicas contra-hegemônicas são imensas, mas estão paralisadas diante do golpe de estado recente no Brasil. Daí o nosso

limite: lidar com um país com estratégia clara sem que tenhamos nosso próprio projeto nacional.

IHU On-Line – O senhor acredita que há qualquer possibilidade de transferência do processo produtivo da China para o Brasil ou América Latina?

Elias Marco Khalil Jabbour – De alguma forma já existe, como no caso do projeto de uma planta siderúrgica chinesa no Maranhão. Mas não saberia dizer qual a escala de uma possível transferência de plantas industriais para cá.

IHU On-Line – De que forma a China, de certa maneira, deu suporte aos governos progressistas latino-americanos?

Elias Marco Khalil Jabbour – Não diria que ela deu suporte, mas manteve os padrões de troca favoráveis à América Latina por muito tempo. Mas o mais importante foi a demonstração de que não existe modelo único de economia, a neoliberal. Esse foi o grande suporte chinês à América Latina. A demonstração da existência de alternativas à barbárie neoliberal. ■

³ **Antonio Gramsci** (1891-1937): filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano. Escreveu sobre teoria política, sociologia, antropologia e linguística. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do

proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da **IHU On-Line**, de 13-8-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/231>. (Nota da **IHU On-Line**)

Ciclo de debates
Desigualdades
 no contexto econômico brasileiro

De 20 de agosto a
 12 de novembro de 2018

Local: Sala Ignacio Ellacuría
 e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



Uma nova configuração geopolítica que supera a divisão Oriente X Ocidente

Para Andrea Fumagalli, divisões do momento da Guerra Fria já podem estar superadas. Agora, capitaneado pela China, o mundo pode se dividir na disputa entre Norte e Sul

João Vitor Santos | Tradução: Ramiro Mincato

São muitos os pesquisadores que questionam a divisão do mundo entre Oriente e Ocidente. Entretanto, do ponto de vista da economia, essa ainda era uma chave que vinha sendo importante para se compreender as lógicas que orientam perspectivas econômicas de um e de outro lado do globo. Mas a ascensão chinesa no cenário geopolítico e seu “capitalismo de Estado” tem tensionado um redesenho dessas lógicas. Para o professor de Economia, o italiano Andrea Fumagalli, é bem possível que o mundo possa ser visto desde a lógica de países do Norte versus as perspectivas de nações ao Sul. “As adulações entre a nova administração dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e a Rússia de Putin podem formar um eixo geoeconômico ao longo do hemisfério Norte”, explica. Para ele, esse novo alinhamento não significaria mais “um Norte desenvolvido e um subdesenvolvimento do Sul, mas entre áreas totalmente desenvolvidas com interesses conflitantes”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Fumagalli ainda explica que a saída dos Estados Unidos do Tratado Transpacífico também é mais um fator que facilitaria o estabelecimento de um outro eixo geopolítico. Este contemplaria “o fortalecimento de acordos comerciais entre a própria China, a Austrália e o Japão (agora órfão dos EUA), ao longo de um eixo austral do Trópico de Capricórnio, que vê como protagonistas, além da China, África do Sul, parte do continente sul-africano e os países da

América do Sul (Brasil principalmente)”. Além disso, combatida por crises econômicas e uma nova onda de nacionalismos que fragiliza sua unificação, a Europa tende a ficar à deriva entre os dois novos polos. “A Europa arrisca encontrar-se como o clássico pote de barro no meio de panelas de ferro. A principal razão é que a construção de uma Federação dos Estados Europeus ainda está completamente inacabada e longe de acontecer”, analisa.

Andrea Fumagalli é doutor em Economia Política pela Università Bocconi e Università Cattolica di Milano, Milão, graduado em Economia e Ciências Sociais pela mesma instituição e posteriormente desenvolveu atividades de pesquisa em parceria com a École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, e a New School for Social Research (Nova York). Professor no Departamento de Economia Política e Método Quantitativo da Faculdade de Economia e Comércio da Università di Pavia, Itália. Entre suas publicações, destacamos o artigo *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo*, publicado no Cadernos IHU ideias número 246, disponível em <http://bit.ly/2L13Ucs>. Em 2017, publicou *Economia politica del Comune. Sfruttamento e sussunzione nel capitalismo bio-cognitivo* [Economia política do Comum. Exploração e subsunção no capitalismo biocognitivo] (Roma: Derive Approdi, dezembro de 2017).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a China enfrentou a grande crise econômica de 2007-2008? De que modo sua posição foi diferente da tomada pelo Ocidente diante do problema?

Andrea Fumagalli – A China sofreu a crise financeira global de 2007-8 em menor escala devido à

menor internacionalização de seus mercados financeiros e devido à disponibilidade de grandes reservas cambiais e monetárias, graças a seu superávit comercial com o resto do mundo. Além disso ela pode contar com o apoio de uma política monetária complacente e intimamente ligada às políticas de investimento ditadas em nível de Estado pela programação econômica.

O risco China, se há, é de natureza oposta à dos países ocidentais, dos EUA e da Europa em particular, ou seja, excesso de liquidez que permite fácil acesso ao crédito e a criação de bolhas especulativas sobre os investimentos de médio prazo, como o dos imóveis. De fato, a China sofreu grave crise financeira com o colapso dos índices de ações de Xangai e Hong Kong, no verão de 2010, após o estouro da bolha imobiliária especulativa em Hong Kong e nas Filipinas. Isso ocorreu depois de um crescimento recorde das bolsas de valores chinesas, nos três anos anteriores, quando, em vez disso, os países do Ocidente viviam em plena tempestade financeira.

IHU On-Line – Em detrimento dos Estados Unidos e da Europa, a China procura sua supremacia econômica, tecnológica e logística. Que mundo se pode esperar deste cenário?

Andrea Fumagalli – Difícil de responder. Ter supremacia econômica, tecnológica e logística não é suficiente para definir as trajetórias globais de maneira unilateral. O capitalismo contemporâneo é um capitalismo em que a financeirização desempenha papel estratégico e os mercados financeiros, pelo menos por enquanto, são controlados por um punhado de multinacionais financeiras localizadas no Ocidente. Também nos setores estratégicos da coleta, manipulação e distribuição de *big data*, *le corporations* principais são ainda *made in USA*. Não é coincidência que os *big five* (Apple, Amazon, Alphabet-Google, Facebook, Microsoft) tenham atingido uma capitalização de mercado que

excede 3 trilhões de dólares. Mas o jogo ainda não terminou, e a China tem potencialidades acima dos EUA e da Europa, seja pela maior estabilidade cambial, seja pela maior baixa demográfica (elemento essencial para a coleta de dados).

“A Europa arrisca encontrar-se como o clássico pote de barro no meio de panelas de ferro”

IHU On-Line – Outra área em que a China pretende ultrapassar os Estados Unidos é a exploração dos *big data*. Em um mundo cada vez mais digitalizado, controlado e supervisionado, qual é o efeito dessa tensão chinesa?

Andrea Fumagalli – Como mencionado na resposta anterior, hoje, o setor de *big data* permanece solidamente nas mãos dos EUA. Mas a tecnologia contemporânea é caracterizada por um alto grau de cumulatividade, que permite a intercalação das corporações que estão na fronteira tecnológica. Se alguém é hoje, não significa que será amanhã.

Além disso, estamos assistindo a uma possível difusão de um novo paradigma tecnológico, que tem a ver não apenas com dados, mas, cada vez mais, com a vida humana. Isso pode significar que corpo e mente, e não apenas o comportamento, tornam-se cada vez mais a base para extração de dados. O desenvolvimento da biotecnologia, novas técnicas de procriação e manipulação artificial do genoma

são cada vez mais capazes de subverter a própria indústria dos *big data*, e, nesta nova frente, a China poderia jogar papel importante.

IHU On-Line – Há alguns anos, a aproximação política entre Estados Unidos e Rússia seria impensável. No entanto, os dois países, além da Grã-Bretanha, estão cada vez mais alinhados. Isto seria uma resposta à China que se mobiliza em vista da construção de um eixo capitaneado por ela? E o que se pode esperar dessa tensão de forças?

Andrea Fumagalli – Creio que nunca antes EUA e Rússia foram tão semelhantes e potenciais aliados, como após a eleição de Trump¹ nos EUA. Do ponto de vista ideológico, nacionalismo e protecionismo econômico (isto é, políticas soberanas) são dois elementos centrais para ambos definirem suas políticas econômicas. Apesar das escaramuças no plano geopolítico internacional, e pela velha questão do controle de energia, os dois países têm interesses comuns, a saber, lutar contra o crescimento econômico, tecnológico e, no futuro, talvez, financeiro da China.

Se a globalização econômica atingiu seus limites, mesmo em termos de redistribuição de renda, tanto intranacional como entre países, a globalização política passa por profunda redefinição. É somente neste nível que se pode, talvez, falar de um processo de desglobalização política em curso, que não deve ser confundida com a econômica. Dizemos “talvez”, não só porque é cedo demais para definir com certeza as tendências dominantes em progresso,

¹ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

mas também, e sobretudo, porque o que parece delinear-se no horizonte, mais do que um retorno tradicional à soberania nacional (não mais possível, devido ao alto nível de interdependência em nível econômico e financeiro), é uma redefinição das configurações geopolíticas em nível internacional. A decisão de Trump de retirar-se do tratado do Transpacífico Livre (TTP, que não incluía a China entre seus membros), pode facilitar o estabelecimento de um novo eixo geopolítico, que contempla o fortalecimento de acordos comerciais entre a própria China, a Austrália e o Japão (agora órfão dos EUA), ao longo de um eixo austral do Trópico de Capricórnio, que vê como protagonistas, além da China, África do Sul, parte do continente sul-africano e os países da América do Sul (Brasil principalmente).

Por outro lado, as adulações entre a nova administração dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e a Rússia de Putin² podem formar um eixo geoeconômico ao longo do hemisfério norte. Desta forma, a configuração geopolítica poderia assumir aparência completamente nova. Não mais a clássica divisão entre Oriente e Ocidente, legado da Guerra Fria e do século passado, mas entre Norte e Sul do mundo, de maneira completamente nova: não mais entre um Norte desenvolvido e um subdesenvolvimento do Sul, mas entre áreas totalmente desenvolvidas com interesses conflitantes.

O ingrediente instabilidade econômica

À consequente instabilidade política, juntamente com os teatros de guerra em curso, acrescenta-se a instabilidade estrutural no plano econômico. Trata-se de uma instabilidade econômica que, longe de ter efeitos negativos na valorização capitalista, permite sua perpetuação. Tal instabilidade política é também exa-

cerbada pelo pedido, levado adiante pelo governo chinês, de poder pagar o petróleo (de acordo com a Arábia Saudita) em *Yuan* em vez de dólar. Consequentemente a primazia do dólar como moeda de referência internacional pode ser questionada.

No entanto, é prematuro pensar (embora não impossível) que os petrodólares podem transformar-se progressivamente em petroyuan³. É um sinal, no entanto, de que as novas economias capitalistas do Sul, a reboque da China, depois de conquistar autonomia econômica e tecnológica, estejam minando a supremacia financeira das bolsas norte-americanas e ocidentais.

IHU On-Line – A ideia de uma Europa próspera e estratégica enfraqueceu ante a reconfiguração política e econômica em curso? Por quê?

Andrea Fumagalli – A Europa arrisca encontrar-se como o clássico pote de barro no meio de panelas de ferro. A principal razão é que a construção de uma Federação dos Estados Europeus ainda está completamente inacabada e longe de acontecer. A união monetária não é suficiente, ao contrário. A história nos ensinou que o processo de unificação de territórios historicamente diferentes requer, antes de tudo, um processo de convergência para um modelo único de governança, de políticas sociais, fiscais, ocupacionais, tecnológicas e industriais. E só depois, a homogeneização das políticas monetária e cambiais.

Na Europa, decidiu-se fazer o contrário, usando a moeda única e a política monetária como chave para impor a ordem econômica neoliberal, sabendo muito bem que a União Monetária Europeia sozinha não seria capaz de promover um equânime crescimento econômico. A estabele-

dade da moeda, e assim da inflação, redefiniu uma hierarquia econômica capitalista que, no eixo Paris-Berlim, implementou aquela reestruturação social que consentiu no desmantelamento dos sistemas de proteção social e dos direitos trabalhistas, no agravamento da distribuição de renda, na pilhagem da natureza e dos bens comuns. Nesse contexto, a Europa não possui uma autonomia geopolítica em escala global. Não possui uma política tecnológica senão aquela imposta pelas Cadeias Globais de Valor, não possui uma política social enquanto subordinada às restrições do pacto de estabilidade, e não tem uma política monetária em nome da ideologia do livre comércio global.

Efeitos da crise econômica

No período pós-crise de 2007-8, tal carência de autonomia política aumentou, com efeitos negativos sobre o papel da Europa na gestão de uma política externa unitária e de uma política econômica credível. De fato, as escolhas estratégicas no tabuleiro de xadrez global ainda são decididas em nível de Estado-nação. A gestão dos fluxos migratórios é emblemática nesse sentido. Neste contexto, para além de algumas exceções, a Europa corre o risco de se tornar uma terra de colonização da China (por exemplo, o setor de logística e controle dos principais portos do Pireu a Rotterdam) e dos EUA (biotecnologia e *big data*).

IHU On-Line – O crescente poder econômico chinês acarreta riscos ou benefícios para o resto do mundo? De que natureza?

Andrea Fumagalli – Do ponto de vista capitalista, acredito, o poder econômico da China tem perspectiva de médio a longo prazo mais eficaz do que a dos EUA. E, consequentemente, é necessário analisar a evolução da economia chinesa, não com um olhar sobre a tradição capitalista ocidental, mas com olhos completamente novos e desencantados, tentando entender o espírito chinês. Deste ponto de vista, acredi-

² **Vladimir Putin** (1952): presidente da Rússia. Também é ex-agente do KGB no departamento exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB, respectivamente. Putin exerceu a presidência entre 2000 e 2008, além de ter sido primeiro-ministro em duas oportunidades, a primeira entre 1999 e 2000, e a segunda entre 2008 e 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Petroyuán:** yuan é a unidade básica do renminbi, moeda chinesa. Petroyuán é um yuan que o governo chinês anunciou em setembro de 2017 com o apoio da Rússia para ser implementado como petrodívida, a fim de arrancar o posto do petrodólar americano como principal moeda em transações de petróleo, cuja hegemonia nessa área vem da década de 1970. Em 26 de março de 2018, o governo chinês começou a emití-lo como futuros contratos de petróleo. (Nota da **IHU On-Line**)

to, a análise de Martin Jacques⁴, no livro *When China Rules the World*⁵, está correta. Em particular, além das possíveis divergências, é interessante lembrar que o sistema capitalista funciona melhor sem democracia ou quando há apenas uma democracia formal.

A acumulação capitalista, de fato, requer ordem, disciplina e hierarquia, ao invés de livre comércio e igualdade de oportunidades. E,

4 **Martin Jacques** (1945): jornalista britânico, editor, acadêmico, comentarista político e escritor. O interesse de Jacques no leste da Ásia começou em 1993 durante as férias lá, e daí em diante “encontrou todas as razões ou desculpas que ele podia” para visitar a região e escrever artigos de jornais e revistas sobre o assunto. Em 2009 ele publicou *When China Rules the World: O Fim do Mundo Ocidental e o Nascimento de uma Nova Ordem Global*, que em sua edição no Reino Unido foi subtítuloado *A Ascensão do Reino do Meio e o Fim do Mundo Ocidental*. Com o PIB da China projetado para ultrapassar o dos EUA em 2027, ele argumentou que, longe de a China se tornar como o Ocidente, ela permaneceria altamente distinta. Ele sugeriu, de fato, que não havia uma modernidade, mas muitas modernidades, e que havíamos entrado agora na era das modernidades concorrentes. Ele é um dos entrevistados desta edição da **IHU On-Line**. (Nota da **IHU On-Line**)
5 Penguin Books, 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

desse ponto de vista, a China representa uma boa mistura de autoritarismo, livre iniciativa privada e programação das grandes empresas, combinada com a capacidade do modelo chinês de gerar hegemonia cultural, ou a capacidade de criar consenso, também através de manipulação dos meios de comunicação de massa. É um modelo que só recentemente os EUA e a Europa estão começando a seguir, mas com atraso.

Em nível mais micro, o crescimento econômico chinês ainda é força motriz para o crescimento econômico mundial, conveniente também para as outras economias. Além disso, o alto superávit comercial permite que a China tenha grandes somas de liquidez, que também podem ser usadas para financiar dívidas públicas e/ou estrangeiras de outros países, reforçando assim o

papel da moeda chinesa (Renminbi⁶ ou Yuan).

Itália

Um caso interessante, ainda que pequeno, diz respeito à Itália. Nestes dias, o ministro da Economia italiano, Tria⁷, foi a Pequim e assinou acordos não apenas comerciais, mas sobretudo da gestão da dívida pública italiana. O Banco Central da China está disposto a comprar títulos do governo italiano e, portanto, a sustentar a dívida pública, em troca da inclusão, nas reservas cambiais italianas, de uma determinada parcela de Renminbi. ■

6 **Renminbi**: é a moeda oficial da República Popular da China e é distribuída pelo Banco Popular da China. O yuan ou, na sua forma portuguesa, iuane é a unidade básica do renminbi mas o termo é também usado para designar a moeda chinesa em geral, especialmente em contextos internacionais. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Giovanni Tria** (1948): é um economista italiano e professor universitário, atualmente ministro da Economia e Finanças da Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **A potência da concepção de uma economia para além dos números.** Entrevista com Andrea Fumagalli, publicada na revista IHU On-Line número 525, de 30-7-2018, disponível em <http://bit.ly/2NNtkHA>.

- **O biopoder e os mercados financeiros.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 13-5-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2A2R4VN>.

- **Os impactos da financeirização sobre o sujeito.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 10-9-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2LvtDsQ>.

- **A morte da democracia e a farsa neoliberal da neutralidade da moeda.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 20-9-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2A1cDWN>.

- **O comando bioeconômico do trabalho vivo.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 30-4-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2LiULvV>.

- **A esquerda e a “política dos dois tempos” na era da financeirização.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 13-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2JNqjEo>.

- **“Os mercados financeiros são o coração pulsante do capitalismo cognitivo”.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 2-8-2009, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2LyRbgm>.

- **Do Welfare State para o Workfare e a necessidade de novos sistemas financeiros autônomos.** Entrevista especial com Andrea Fumagalli, publicada nas Notícias do dia de 2-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2LunRaW>.



II Ciclo de Palestras
**Trajatória da Política Econômica
Brasileira 2003-2017.
Crescimento, crise e novas possibilidades**

PROGRAMAÇÃO

08 de outubro de 2018 (segunda-feira)

19h30min às 22h – Uma avaliação das políticas públicas na trajetória macroeconômica brasileira de 2003-2017

Profa. Dra. Lena Lavinas – UFRJ

18 de outubro de 2018 (quinta-feira)

17h30min às 19h – Dinâmica macroeconômica brasileira 2003-2017.

Crise e perspectivas

Prof. Dr. Fernando Maccari Lara – Unisinos

24 de outubro de 2018 (quarta-feira)

19h30min às 22h – Política fiscal e trajetória macroeconômica brasileira no período de 2003 a 2017

Prof. Dr. Manuel Pires – IBRE/FGV

29 de outubro de 2018 (segunda-feira)

19h30min às 22h – Trajetória macroeconômica brasileira 2003-2017 e as políticas de ciência, tecnologia e inovação

Prof. Dr. João Alberto de Negri – IPEA

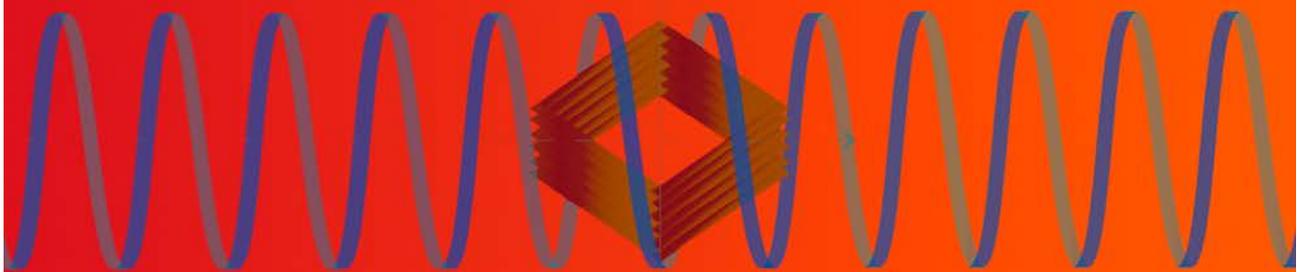
06 de novembro de 2018 (terça-feira)

19h30min às 22h – Um balanço crítico da trajetória macroeconômica brasileira no período 2003-2017

Prof. Dr. Marcelo Carcanholo – UFF

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



O protagonismo chinês e o processo de redistribuição do poder

Júlio César Rodriguez diz que a China é um polo de atração global, mas isso não significa que está em curso uma reorganização geopolítica

Patricia Fachin

A pesar de algumas análises apostarem na inter-relação crescente entre China, Índia e Rússia, três dos cinco países que compõem o BRICS, Júlio César Rodriguez pondera que “a articulação entre estes três países é limitada”. Segundo ele, “o que ocorre na verdade é que a China torna-se cada vez mais um polo de atração global e isto faz com que a maioria dos países busque parcerias e aproximações com ela. Assim, os países que fazem parte do grupo têm oportunidades adicionais de aproximação com a China e, quando podem, fazem uso do grupo para aproximarem-se dela”.

Rodriguez contesta ainda a tese de que a China está desempenhando um papel central numa possível reorganização geopolítica. “Ainda é cedo para afirmarmos que está em curso uma reorganização geopolítica”, afirma na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. O que está em curso, ao contrário, frisa, é “um processo de redistribuição de

poder”. Ele explica: “As potências ocidentais perdem espaço frente aos atores da Ásia, em especial China e Índia. Esta redistribuição, por sua vez, pode resultar em novas dinâmicas regionais e mudanças nos relacionamentos estratégicos entre os países ao longo do século XXI. Contudo, ainda figuram como ator mais relevante geopoliticamente os Estados Unidos”.

Júlio César Cossio Rodriguez é professor de Relações Internacionais no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de Sergipe - UFS. Doutor em Ciência Política pela Universidade de Lisboa, também é mestre em Ciência Política e bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Nos anos 2000 foi criado o BRICS¹, um grupo político de cooperação que reuniu economias emergentes.

¹ **BRICS**: em economia, BRICS é um acrônimo que se refere aos países membros fundadores de um grupo político de cooperação: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Os membros estão todos em um estágio similar de mercado emergente, devido ao seu desenvolvimento econômico. Apesar do grupo ainda não ser um bloco econômico ou uma associação de comércio formal, como no caso da União Europeia, existem fortes indicadores de que os cinco países têm procurado formar uma aliança, e assim converter seu crescente poder econômico em uma maior influência geopolítica. Desde 2009, os líderes do grupo realizam cúpulas anuais. (Nota da **IHU On-Line**)

Que avaliação é possível fazer desse grupo 12 anos depois da sua constituição e qual é o saldo da participação brasileira nesse grupo?

Júlio César Rodriguez – O grupo inicialmente foi criado em 2009 por iniciativa dos líderes de quatro países, Brasil, Rússia, Índia e China - BRIC, e posteriormente foi convidada a fazer parte do grupo a África do Sul. No início dos anos 2000, um re-

latório do Goldman Sachs² mencionou que estas quatro economias seriam as mais pujantes em meados do século XXI. Consideravam que tais economias teriam recursos para se tornarem cada vez mais relevantes.

² Goldman Sachs é um dos maiores bancos de investimento do mundo. Fundado em 1869 por Marcus Goldman, a companhia está sediada atualmente em Nova York e mantém escritórios em muitos outros principais centros financeiros através do mundo. Goldman Sachs oferece consultivos de fusões e aquisições, serviços de subscrição financeiro e outros produtos financeiros aos seus clientes. É também um revendedor primário no mercado de valores mobiliários do Tesouro dos EUA. (Nota da **IHU On-Line**)

“A Rússia destaca-se por ser a herdeira principal das capacidades militares da ex-União Soviética. Possui, por exemplo, um arsenal nuclear superior ao dos Estados Unidos em número de ogivas nucleares”

Inicialmente o grupo foi derivado da atuação dos líderes dos seus países, com o propósito de criar um grupo de cooperação em que estes países distintos em diversas áreas pudessem conversar sobre temas estratégicos para seus desenvolvimentos.

O grupo rapidamente configurou-se para os países membros um ativo usual de suas políticas externas. Integrar o grupo conferiu algum prestígio aos integrantes que o utilizaram como mecanismo importante de suas ações externas. Entretanto, as diferenças entre os seus membros implicam em dificuldades de coordenação e de ampliação da cooperação, por isso torna-se atualmente em um Foro de encontro dos líderes dos países que fazem parte do grupo.

O saldo da participação brasileira no grupo, em geral, em termos diplomáticos é positivo, pois permitiu ao Brasil projetar sua inserção internacional para além de suas capacidades. Todavia, este tipo de grupos de países heterogêneos e com baixa ou nenhuma institucionalização, implica em uma limitação nos benefícios aos seus participantes. Contudo, cabe destacar que a possibilidade de anualmente o país se reunir com estes atores de relevo internacional é algo positivo, pois apesar de não resultar em posições conjuntas, as reuniões permitem aproximações em áreas específicas e a ampliação das relações bilaterais entre os seus membros.

Destaco que a cada nova cúpula dos BRICS novas parcerias são feitas e a cooperação entre os países se aprofunda. Entretanto, deve-se lembrar

que o grau de institucionalização de processos cooperativos é menor do que processos de integração, isto significa que oscilações políticas e/ou econômicas dos países afetam as relações entre eles. Como é o caso do Brasil nos últimos anos.

IHU On-Line - Ainda sobre o BRICS, qual é a relação do Brasil com os países do grupo hoje?

Júlio César Rodriguez – Como mencionei na resposta anterior, a atuação do Brasil junto ao grupo continua, porém as turbulências internas afetaram frontalmente a política externa do país, que se retraiu nos últimos anos. Isto implica que as relações exteriores do país tenham se retraído como um todo.

IHU On-Line – Alguns especialistas avaliam que Rússia, Índia e China são os três países que se sobressaem no BRICS, os quais estão se articulando entre si. Como avalia esse tipo de análise e qual é o significado da aproximação desses três países e, em especial, da China nessa aproximação?

Júlio César Rodriguez – Esta afirmação é complicada. Como já mencionado, trata-se de um grupo com países heterogêneos. A Rússia destaca-se por ser a herdeira principal das capacidades militares da ex-União Soviética. Possui, por exemplo, um arsenal nuclear superior ao dos Estados Unidos em número de ogivas nucleares. Por outro lado, configura-se como uma autocracia

ou semidemocracia a depender do critério utilizado, e tem um regime semipresidencial, que nos últimos anos concentrou poderes no presidente. A China, por sua vez, caracteriza-se por ser economicamente mais importante que todos os outros membros, seu PIB é quase o dobro da Índia e três vezes e meia o de Rússia e Brasil. Por seu turno, a Índia apresenta nos últimos anos altos índices de crescimento econômico. Estes países também se diferem por seus regimes políticos distintos: enquanto a Índia pode ser considerada uma democracia longeva, a China, a depender dos critérios, pode ser considerada não democrática ou uma autocracia. Assim, cada um dos três pode destacar-se por alguma de suas características.

A articulação entre estes três países é limitada. O que ocorre na verdade é que a China torna-se cada vez mais um polo de atração global e isto faz com que a maioria dos países busque parcerias e aproximações com ela. Assim, os países que fazem parte do grupo têm oportunidades adicionais de aproximação com a China e, quando podem, fazem uso do grupo para aproximarem-se dela.

IHU On-Line – Alguns especialistas também avaliam que está em curso uma reorganização geopolítica no mundo por conta da ascensão da China. Concorda com esse tipo de análise? Quais são os fatores que demonstram essa reorganização geopolítica?

Júlio César Rodriguez – Ainda

é cedo para afirmarmos que está em curso uma reorganização geopolítica. O que é possível afirmar é que está em curso um processo de redistribuição de poder. As potências ocidentais perdem espaço frente aos atores da Ásia, em especial, China e Índia. Esta redistribuição, por sua vez, pode resultar em novas dinâmicas regionais e mudanças nos relacionamentos estratégicos entre os países ao longo do século XXI. Contudo, ainda figuram como ator mais relevante geopoliticamente os Estados Unidos.

IHU On-Line – Como fica o Brasil nesse cenário de reorganização geopolítica? Que papel o Brasil desempenharia nesse novo contexto geopolítico?

Júlio César Rodriguez – O Brasil, nesta redistribuição de poder global e possível alteração geopolítica futura, ainda não definiu o seu papel. O papel que o Brasil pode desempenhar dialoga frontalmente com a capacidade que terá de organizar e estabilizar politicamente seu entorno estratégico, especialmente a região sul-americana. Configurar-se como potência regional que lidere processos de estabilização das tensões regionais e promova o desenvolvimento econômico coletivo poderia ser o papel a ser desempenhado pelo Brasil. Entretanto, para isto necessitaria de amplo consenso social e político interno para garantir os recursos necessários para construir coletivamente com os vizinhos sua liderança.

IHU On-Line – De modo geral, qual é o papel dos países da Costa do Atlântico nessa reconfiguração geopolítica que teria a China como protagonista?

Júlio César Rodriguez – Como mencionado anteriormente, a reconfiguração geopolítica ainda está distante de se tornar realidade. Os países da Costa do Atlântico, quer na América Latina quer na África, continuarão a ter um papel relevante no comércio atlântico, especialmente

relacionados aos mercados Europeus e do Norte da América. A China torna-se paulatinamente o centro de gravidade da economia mundial, entretanto o papel das economias tradicionais, EUA e UE, não pode ser subestimado. Os dados das exportações brasileiras, por exemplo, mostram que a Ásia é o destino de cerca de 38% das exportações e América do Norte e Europa de 34%. O papel dos países Atlânticos seguirá relevante para os países que estão “virados” para ele e têm suas infraestruturas de comércio exterior voltadas ao Atlântico.

“O Brasil, nesta redistribuição de poder global e possível alteração geopolítica futura, ainda não definiu o seu papel”

IHU On-Line – O que as relações externas entre China e Brasil demonstram sobre o modo como a China vê o Brasil num possível reposicionamento geopolítico? Os recursos naturais e a exportação de commodities são os principais produtos que interessam à China hoje ou há outros interesses em relação ao Brasil?

Júlio César Rodriguez – Esta é uma questão relevante. O Brasil é um parceiro importante da China em termos econômicos e políticos. Têm atraído diversos investimentos chineses e desenvolve projetos conjuntos com a China em diferentes áreas de inovação tecnológica e científica. Entretanto, ao olharmos

para a balança comercial do Brasil com relação à China, vemos que há uma característica preocupante de aumento das exportações de commodities e de importações de produtos manufaturados. Isto implica em uma relação econômica desigual, na qual os benefícios da distribuição de renda derivada da industrialização ficam no lado chinês e os riscos da desindustrialização ficam para o lado brasileiro. Com relação aos interesses chineses no Brasil, há uma gama de setores que a atuação chinesa ocorre, mas posso destacar que os setores vinculados ao setor agroexportador e de mineração vêm ganhando espaço. Por outro lado, os investimentos chineses em setores estratégicos como o energético também vêm ganhando espaço no país.

IHU On-Line – Essa postura chinesa diante de um país como o Brasil se repete com outras nações?

Júlio César Rodriguez – A atuação chinesa na América do Sul é similar ao caso do Brasil, porém modificam os produtos de interesse. A China não costuma ter uma posição única para toda uma região, define prioridades e atua caso a caso.

IHU On-Line – Muitos economistas criticam a política econômica brasileira, em especial porque ela é centrada na exportação de commodities para países como a China. Entretanto, para além dessa política, o Brasil poderia ter feito uma política diferente? Em que sentido?

Júlio César Rodriguez – É fácil ao analista olhar para o passado, reconhecer os erros e receitar soluções. Contudo, as decisões econômicas tomadas ao longo do início do século XXI estiveram vinculadas à promoção do crescimento econômico do país, ancorado, em parte, na balança comercial favorável. Assim, as oportunidades aos setores exportadores de vender para o

mercado chinês em expansão foram decisivas para que este setor tivesse crescimento. Este crescimento afetou, não diretamente, a capacidade industrial do país, que por sua vez depende de outros fatores agregados da economia; todavia, a concorrência dos produtos industriais chineses importados a menor preço afetou a capacidade produtiva das indústrias nacionais. Por isso, o que poderia ser feito era uma política econômica específica para a China. Entretanto, como mencionado anteriormente, o processo decisório de cada momento histórico deve ser entendido em função do contexto. E naquele contexto o mercado chinês oferecia grandes oportunidades tanto aos exportadores de produtos agrícolas e minérios quanto aos importadores de produtos industrializados da China.

IHU On-Line – O senhor já afirmou em outras ocasiões que nas vezes em que o Brasil alcançou proeminência no cenário global, isso se deu por conta da permissão de outros países, como Alemanha, União Soviética e China. Pode nos dar um panorama geral de como isso aconteceu e que tipo de proeminência o Brasil alcançou nesses momentos?

Júlio César Rodriguez – Sim, o que ocorre, em geral, é que o Brasil ao longo do século XX teve momentos de maior protagonismo que outros. Minha tese demonstra empiricamente que tais momentos ocorrem quando coincidem três condições: (a) a redistribuição de poder ao nível do sistema internacional, (2) o crescimento no poder material do Brasil (econômico e militar, por exemplo) e (3) a emergência de um ator internacional com grande poder, que tenha duas características: (a) queira fazer frente ao ator predominante do período e (b) se aproxime da América Latina. Estas configurações ocorreram nos anos 30, nos anos 70 e agora nos anos 2000. A chamada Barganha Nacionalista do presidente

Getúlio Vargas³, a Política Externa Independente e a Política Externa do final do governo de Fernando Henrique Cardoso⁴ e as dos governos Lula⁵, se inserem nos períodos em que os fatores coincidiram. No primeiro momento o rearranjo de forças do entreguerras se caracteriza pelo crescimento no poder da Alemanha, que coincide com o início do processo de industrialização do Brasil e o início dos primeiros investimentos militares nacionais. Nesta ocasião a Alemanha, para fazer frente aos EUA, buscou aproximar-se da região e do Brasil, que

3 Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas] (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1na0ZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-8-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão – 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-8-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 6-9-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-8-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU ideias Getúlio, 50 anos depois**. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihu30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuem01>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Fernando Henrique Cardoso (1931): sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos, entre 1995 e 2003. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combater a inflação. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Luiz Inácio Lula da Silva (1945): trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como receptor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal, onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da **IHU On-Line**)

por sua vez soube aproveitar-se desta situação e barganhou seus interesses junto à potência de maior poder, os Estados Unidos.

“Ao Brasil não bastará ter a fortuna das oportunidades, é necessário que tenha a virtude de poder agir em política externa”

IHU On-Line – Alguns avaliam que o futuro do Brasil como potência mundial depende, entre outros fatores, de oportunidades globais. Mas quais são as oportunidades no cenário global de hoje?

Júlio César Rodriguez – A ascensão do Brasil a um patamar superior, como explicado anteriormente, depende de oportunidades estruturais. Redistribuições de poder, em especial, e a emergência de uma potência com potencial revisionista. Contudo, estas oportunidades estruturais só podem ser aproveitadas quando o Brasil também apresenta crescimento no seu poder. O atual momento da política externa brasileira, por exemplo, é emblemático disto. A redistribuição de poder estrutural está em curso, a China configura-se como potência com potencial revisionista, com aproximação da região, porém o Brasil está em crise econômica e política. O resultado é que apesar das oportunidades o que ocorre é uma grande retração na política externa do país. Portanto, ao Brasil não bastará ter a fortuna das oportunidades, é necessário que tenha a virtude de poder agir em política externa. ■

A ascensão da China, a disputa pela Eurásia e a Armadilha de Tucídides

José Eustáquio analisa a ascensão da China no cenário geopolítico e as consequências desse realinhamento de potências em escala global

Patricia Fachin e João Vitor Santos

Depois de ter se transformado na “fábrica do mundo” e de seu PIB ter superado o dos EUA, a China também se tornou o “banco do mundo” e “estimula o crescimento de todo o continente asiático” por meio da iniciativa “Um cinturão, uma rota”, resume José Eustáquio Diniz Alves, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Essa iniciativa, esclarece, “visa construir redes de comércio e infraestrutura conectando a Ásia com a Europa e a África ao longo dos antigos caminhos comerciais da Rota da Seda, objetivando o compartilhamento do desenvolvimento e da prosperidade”. Um exemplo dessa proposta, diz, é a inauguração da recente linha ferroviária que liga Londres à estação de Yiwu, no sul de Xangai. “Trata-se de uma interligação de Pequim e Xangai com o mundo”, pontua.

Segundo Alves, “a ascensão da China e dos países aliados do Oriente pode significar o fim do modelo econômico e político do liberalismo democrático burguês e o fim da ordem internacional fundada a partir da reunião de Bretton Woods, em 1944”. Em seu lugar, passará a vigorar o “Consenso de Beijing”, que aposta na “promoção das economias em que a propriedade estatal continua tendo um peso dominante, na promoção de câmbio competitivo, com mudanças graduais para evitar choques e controle cambial para escapar da especulação predatória, em políticas de promoção das

exportações com proteção da indústria local e dos setores estratégicos do país, em reformas de mercado, mas com controle das instituições políticas e culturais”.

Entretanto, essas mudanças podem não ser aceitas passivamente pelos Estados Unidos, já que “o avanço da China não ocorre apenas no comércio, pois o gigante asiático tem o plano ‘Made in China 2025’, para se tornar líder mundial em ciência e tecnologia”, alerta. Para ele, a disputa pode sim acabar em guerra, embora ainda haja alguma esperança desse quadro não se confirmar. “Se a governança global não for capaz de apresentar soluções para o complexo quadro das relações internacionais e a deterioração das condições sociais e ambientais, pode ser que, de fato, ocorra o fim da história, em sua forma trágica, juntamente com o fim da civilização humana”, adverte.

José Eustáquio Diniz Alves é doutor em Demografia e professor titular do mestrado e doutorado em População, Território e Estatísticas Públicas da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence/IBGE.

A entrevista a seguir é uma atualização da versão original publicada nas Notícias do Dia de 21-7-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesse a primeira versão em <http://bit.ly/2NWICto>.

Confira a entrevista.

“O encontro entre Donald Trump e Kim Jong-un, em 12 de julho, em Singapura, foi importante para aliviar as tensões no leste da Ásia, mas teve poucos resultados práticos até aqui”

IHU On-Line – Depois do encontro entre Donald Trump¹ e Kim Jong-un², muitos analistas destacam que confrontos nucleares estavam ficando cada vez mais distantes³. Entretanto, fontes estadunidenses dão conta de que a Coreia do Norte não teria abandonado seus projetos. Significa que esse foi um encontro “pró-forma”? E além da questão nuclear, o que mais pode não ser cumprido da forma como foi dito à época do encontro? E como fica a China de Xi Jinping, que teve o papel de mediador desse encontro?

José Eustáquio Diniz Alves – O encontro entre Donald Trump e Kim Jong-un, em 12 de julho, em Singapura, foi importante para aliviar as tensões no leste da Ásia, mas teve poucos resultados práticos até aqui. Prevaleceu o lado midiático e o jogo de cena. Os Estados Unidos querem a desnuclearização da Coreia do Norte, enquanto a China quer a desnuclearização da Penín-

sula Coreana e a retirada das forças militares americanas da Coreia do Sul. Este imbróglcio não será resolvido rapidamente.

Por outro lado, houve um aumento da tensão entre os EUA e o Irã. No dia 22 de julho de 2018, o presidente iraniano, Hassan Rohani⁴, disse: “Os Estados Unidos deveriam saber... que guerra contra o Irã é a mãe de todas as guerras”. Ao que Trump respondeu: “Nunca ameace os Estados Unidos novamente ou você sofrerá consequências como poucos conheceram ao longo da história”. Palavras duras que podem gerar ações ainda mais duras. No dia 07 de agosto, em discordância com seus “aliados” europeus, os EUA retomaram as sanções unilaterais contra o Irã, que estavam suspensas desde o acordo nuclear entre Teerã e as principais potências econômicas, em 2015. Um conflito bélico dos EUA (e Israel) contra o Irã poderá ser mais grave que um conflito entre EUA e Coreia do Norte.

Com alta probabilidade, a retórica beligerante pode rapidamente se tornar uma ação militar de consequências catastróficas, pois o mundo está sentado em um “barril de pólvora”. O relatório de 2018 do Instituto Internacional para a Investigação da Paz de Estocolmo (SIPRI, na sigla em inglês) mostra que os gastos militares no mundo chegaram

à impressionante cifra de US\$ 1,74 trilhão, no ano passado. O total de gastos militares em 2017 subiu 1,1% em termos reais em relação a 2016.

IHU On-Line - Qual foi o papel dos EUA e de Trump em particular no acordo de paz entre as duas Coreias e, de outro lado, qual é o papel do chamado RIC (Rússia, China e Índia) nesse processo?

José Eustáquio Diniz Alves – A posição histórica dos EUA sempre foi por uma “desnuclearização completa, verificável e irreversível” da Coreia do Norte. Mas o acordo assinado foi pela “desnuclearização da península coreana”. Sem qualquer contrapartida, Trump ainda concordou em encerrar os “jogos de guerra” (exercícios militares conjuntos que os EUA realizam com a Coreia do Sul). Esta atitude surpreendeu o Japão e a Coreia do Sul, aliados dos EUA e das forças ocidentais, deixando embaraçado até mesmo o Pentágono. Evidentemente, a menor presença americana no leste asiático agrada fundamentalmente à China, em primeiro lugar, e à Rússia, em segundo lugar.

G7

Nos dias imediatamente anteriores ao encontro histórico de Singapura, houve duas cúpulas emblemáticas. Nos dias 8 e 9 de junho, o G7 (grupo formado pelas grandes economias capitalistas — Estados Unidos, Canadá, França, Reino Unido, Alemanha, Japão e Itália) se reuniu em Charlevoix, no Canadá, onde o destaque foi

1 **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

2 **Kim Jong-un**: também conhecido como Kim Jong-woon ou Kim Jung Woon é o líder da Coreia do Norte desde dezembro de 2011. É o terceiro e mais jovem filho de Kim Jong-il com sua última esposa Ko Yong-Hee. Kim Jong-un é general de quatro estrelas do Exército do Povo Coreano. (Nota da IHU On-Line)

3 O IHU, na seção Notícias do Dia, publicou inúmeros textos acerca do tema, entre eles *Quem ganha? Kim, Trump ou a China?*, disponível em <http://bit.ly/2PFo6hZ>. Leia mais em ihu.usinosis.br/maisnoticias/noticias. (Nota da IHU On-Line)

4 **Hassan Rohani** (1948): clérigo, político, diplomata e acadêmico iraniano, presidente de seu país desde 3 de agosto de 2013. Membro da Assembleia dos Peritos (desde 1999), do Conselho de Discernimento (desde 1991), do Conselho Supremo de Segurança Nacional (CSSN) (desde 1989) e presidente do Centro de Pesquisa Estratégica do Irã (desde 1992). Rohani foi eleito presidente em 15 de junho de 2013 e voltou a ser eleito em 20 de maio de 2017. (Nota da IHU On-Line)

o aumento da tensão entre os EUA e os outros seis membros, que estão insatisfeitos com a saída dos EUA da Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento - TTIP, do Acordo de Paris (do clima), do Acordo nuclear com o Irã, além das críticas à Otan e das medidas para o enfraquecimento do Nafta - Acordo de Livre Comércio da América do Norte. Trump chegou atrasado e saiu mais cedo do encontro, não assinou o comunicado conjunto da Cúpula de Charlevoix e ainda acusou o primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, de ser fraco e desonesto. A política de Trump, do “America first”, parece estar rompendo com a aliança ocidental e com a ordem internacional global pós-Segunda Guerra.

Cúpula de Qingdao

Enquanto os líderes da ordem liberal-burguesa se desentendiam no Canadá, os países asiáticos se encontravam na 18ª cúpula da Organização de Cooperação de Xangai - OCX, ocorrida nos dias 9 e 10 de junho, na cidade litorânea chinesa de Qingdao. Foi a primeira reunião de cúpula da OCX depois que a Índia e o Paquistão foram aceitos como membros plenos em junho do ano passado. Assim, os oito membros plenos da OCX são China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão, Índia e Paquistão. A OCX também tem quatro estados observadores e seis parceiros de diálogo. Os oito países membros respondem por mais de 60% do território eurasiático, quase metade da população global e cerca de 30% do PIB mundial (em poder de paridade de compra - ppp, na sigla em inglês). O PIB conjunto dos países da OCX é maior do que o PIB total do G7.

A cúpula de Qingdao foi a primeira a contar com os líderes do triângulo estratégico (RIC) e ainda teve a presença do presidente do Irã, Hassan Rohani. O presidente Xi Jinping resumiu tudo dizendo: “A cúpula de Qingdao é um novo ponto de partida para nós. Juntos, vamos içar a vela do Espírito de Xangai, quebrar ondas e iniciar uma nova viagem

para nossa organização”. Ficou subentendido que é a viagem rumo à ascensão do século asiático e rumo à hegemonia chinesa global. Uma península coreana desnuclearizada e com menor presença americana só fortalece Rússia, Índia e China, que são potências nucleares da Eurásia e aliados no âmbito da OCX.

IHU On-Line – Em artigo⁵, o senhor afirma que está se formando uma aliança entre Rússia, China e Índia - RIC, que fazem parte do BRICS, enquanto Brasil e África do Sul ficam de fora. Quais são os fatores que favorecem essa aliança, por que ela está sendo feita neste momento e qual dos três países tem mais poder de barganha nessa aliança?

José Eustáquio Diniz Alves – O termo BRIC foi inventado pelo economista Jim O’Neill⁶, do banco de investimento Goldman Sachs, em 2001, com o objetivo de indicar aos investidores globais as oportunidades de lucro nos grandes países “emergentes” do mundo: Brasil, Rússia, Índia, China. Posteriormente foi incluída a África do Sul (South Africa) e o termo BRIC se transformou em BRICS. Desde 2009, os líderes do grupo se encontram em cúpulas anuais. Porém, Brasil e África do Sul (o começo e o fim do acrônimo) sempre foram países menores em termos políticos, econômicos e militares e ficaram ainda menores depois da crise econômica e do imbróglho político que afastou seus líderes mais tarimbados, os ex-presidentes Lula e Jacob Zuma.

Fortalecimento do RIC

Mas os fatos que vieram fortalecer o grupo RIC ocorreram pela con-

junção de três fatores recentes. O primeiro aconteceu durante o 18º Congresso do Partido Comunista Chinês, em novembro de 2012, com a escolha de Xi Jinping para o cargo de presidente da China, que, em seguida, lançou a iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota” (One Belt One Road, ou OBOR), que é um gigantesco projeto de infraestrutura, com investimentos de mais de US\$ 1 trilhão, para unir, por terra e pelo mar, toda a Eurásia (incluindo partes da África).

O segundo fato foi a expulsão da Rússia do G8 — devido à anexação da região autônoma da Crimeia que aumentou as tensões entre os russos e a Ucrânia, e afastou o país da Europa e da aliança ocidental, forçando Vladimir Putin a buscar aliados no Oriente.

O terceiro fato foi a eleição, em maio de 2014, de Narendra Modi⁷, do Partido Bharatiya Janata - BJP, para primeiro-ministro da Índia, com uma plataforma que combina o nacionalismo hindu com os sonhos de desenvolvimento da Índia. Diante das medidas protecionistas de Donald Trump e do enfraquecimento da aliança ocidental, Modi, que já tinha uma boa relação com a Rússia, passou a se aproximar da China e teve uma reunião informal com Xi Jinping na cidade histórica de Wuhan, nos dias 27 e 28 de abril de 2018, onde os dois líderes acertaram os passos para os eventos ocorridos nos meses seguintes e para uma aliança de longo prazo.

Evidentemente, o país líder é a China devido ao seu tamanho econômico, demográfico, territorial e à capacidade de influência política. Em 2017, segundo dados do FMI, o Produto Interno Bruto - PIB chinês foi de US\$ 23,2 bilhões (em ppp), volume muito superior aos US\$ 9,5 bilhões da Índia, US\$ 4 trilhões da

⁵ O artigo, intitulado *Fraco B-RIC-S, forte RIC: o triângulo estratégico que desafia os EUA e o Ocidente*, foi publicado nas Notícias do Dia de 12-6-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e está disponível em <http://bit.ly/2CdPfq4>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Jim O’Neill**: economista inglês que ocupa atualmente o cargo de chefe de pesquisa em economia global do grupo financeiro Goldman Sachs desde 2001. Ele é mais conhecido por ter criado o termo BRIC para se referir às economias do Brasil, Índia, Rússia e China. Posteriormente, houve a adesão da África do Sul, e foi acrescentado um ‘S’ do inglês South Africa, mudando o nome BRIC para BRICS. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Shri Narendra Modi** (1950): é um político indiano e atual 14º primeiro-ministro do seu país. É membro do Partido Bharatiya Janata (BJP). Foi eleito primeiro-ministro da Índia em 16 de maio de 2014, com seu partido, conquistando 275 das 543 cadeiras do parlamento, maioria absoluta e a primeira vez desde 1984 que a população indiana entrega o poder a um único partido. Com a maioria absoluta no Congresso, Modi não precisará fazer alianças para realizar as completas mudanças econômicas pregadas pela oposição ao atual governo na Índia. (Nota da **IHU On-Line**)

Rússia, US\$ 3,2 trilhões do Brasil e dos US\$ 765 milhões da África do Sul. Além da dimensão da economia, a China tem mais de US\$ 3 trilhões em reservas internacionais, mega superávit na balança comercial e altas taxas de poupança, o que possibilita às empresas chinesas realizar grandes investimentos nacionais e globais.

IHU On-Line – Qual sua leitura da 10ª Cúpula do BRICS? A partir desse encontro, podemos afirmar que o grupo está mais fortalecido ou mais enfraquecido?

José Eustáquio Diniz Alves – A 10ª cúpula anual do BRICS, ocorrida em Joanesburgo, na África do Sul, ente 25 e 27 de julho de 2018, não trouxe nada de novo. Foi apenas uma oportunidade para esses países se contraporem ao discurso protecionista de Donald Trump e defenderem o multilateralismo. Este bloco ainda não criou nada que se assemelhe a uma nova ordem mundial, embora tenha a perspectiva de fortalecimento do “Sul Global”. Parece que o grupo BRICS só terá futuro se ampliar seu leque de representatividade nacional.

A principal atividade do presidente Michel Temer foi pedir ao presidente Xi Jinping a eliminação de sobretaxas sobre o frango brasileiro para o mercado chinês. Por “picuinhas internas”, Temer antecipou sua volta de Joanesburgo, para que o presidente do Senado, Eunício Oliveira (MDB), pudesse retornar ao Brasil sem correr o risco de se tornar inelegível. O atual governo brasileiro está perdido no cenário internacional.

IHU On-Line – Enquanto isso, Brasil e África do Sul ficam de fora dessa aliança RIC. Por quê? Como o RIC vê o Brasil e a África do Sul?

José Eustáquio Diniz Alves – O Brasil e a África do Sul são cabeças de ponte para o grupo RIC, especialmente a China, atuar na América Latina e na África. Rússia, Índia e

China são protagonistas, enquanto Brasil e África do Sul são coadjuvantes. Claro que são cinco nações soberanas, mas a relação da China com o Brasil e a África do Sul está mais para aquela do tipo que se costumava chamar centro-periferia, ou melhor, do “Império do Meio” para países periféricos dependentes. A China exporta mercadorias industrializadas e capital para ter domínio da relação bilateral e acesso aos bens primários e commodities.

IHU On-Line – Há disputas entre os países do RIC sobre o controle da Eurásia?

José Eustáquio Diniz Alves – A Eurásia é a faixa contínua de terra mais extensa do mundo. Ela é berço das mais antigas e importantes civilizações do passado. Sua extensão territorial é de 54,8 milhões de km² (mais de seis vezes o tamanho do Brasil) e possui cerca de dois terços da população e do PIB mundial. Quem controlar a Eurásia, controlará o mundo. Mas as alianças já passaram por muitas reviravoltas.

A China já esteve próxima da União Soviética - URSS, depois se afastou e se aproximou dos EUA, a partir da visita de Richard Nixon⁸ a Pequim, em 1972. Mais recentemente, China e Rússia se aproximaram bastante e a relação de Vladimir Putin⁹ com Xi Jinping é de grande coesão. A Índia sempre teve boa relação com a Rússia e grandes dificuldades com a China, especialmente devido às alianças e rivalidades com o Paquistão (envolvendo a disputa pela Caxemira). Mas depois dos diversos encontros

⁸ **Richard Milhous Nixon** (1913-1994): 37º presidente dos Estados Unidos (1969-1974) e o único presidente norte-americano a renunciar ao mandato. Ele foi também representante e senador pelo estado da Califórnia e 36º vice-presidente de seu país, durante o governo de Dwight Eisenhower. Renunciou em 9 de agosto de 1974, em virtude do escândalo Watergate, pouco antes da votação pelo Congresso da cassação de seu mandato - o impeachment. O trauma político causado pelo episódio foi grande (tanto que os americanos acabariam por escolher na eleição seguinte Jimmy Carter, um candidato religioso e apegado a valores morais). Nixon só retornaria à vida pública americana 20 anos depois do fiasco de Watergate. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Vladimir Putin** (1952): presidente da Rússia. Também é ex-agente do KGB no departamento exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB, respectivamente. Putin exerceu a presidência entre 2000 e 2008, além de ter sido primeiro-ministro em duas oportunidades, a primeira entre 1999 e 2000, e a segunda entre 2008 e 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

entre Putin, Xi e Modi e após a 18ª cúpula da OCX parece que o triângulo estratégico (RIC) vai caminhar mais lado a lado, buscando tornar viável a unidade de ação no território da Eurásia.

IHU On-Line – Em artigo publicado recentemente¹⁰, o senhor destaca que a Rússia sozinha não tem “poder de fogo” na economia mundial, mas que aliada à China se tornariam uma grande potência. Gostaria que o senhor detalhasse essa perspectiva e avaliasse as transformações que podem haver, tendo China e Rússia como grandes potências, capazes de ditarem suas regras no cenário geopolítico.

José Eustáquio Diniz Alves – A Rússia é o país de maior extensão territorial do mundo (quase duas vezes o tamanho do Brasil) e tem uma enorme riqueza natural, particularmente na área de combustíveis fósseis e água, dois produtos que a China tem escassez. Mas a Rússia tem uma população e uma economia em declínio, a primeira em termos absolutos e a segunda em termos relativos. O PIB da Rússia representava 3,4% do PIB mundial em 2001 e caiu para 3,1% em 2018. Falta escala para liderar a economia internacional.

Contudo, uma aliança Rússia-China se torna muito forte. Vejamos dois exemplos. O norte da China tem escassez de água, enquanto o lago Baikal, na Sibéria, possui quase 20% da água doce disponível no mundo. Uma “transposição” traria muitos benefícios para ambos os países (mas geraria vários problemas ambientais). O outro exemplo é o contrato para a Rússia fornecer 38 bilhões de metros cúbicos de gás a cada ano para a China, no valor de US\$ 400 bilhões, que foi assinado pelas empresas de gás estatais Gazprom da Rússia e CNPC (China National Petroleum Corporation).

¹⁰ O artigo, intitulado *Brasil e África do Sul são coadjuvantes no grupo B-RIC-S e na nova ordem mundial*, foi publicado nas Notícias do Dia de 27-7-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2MJwfvJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

Este acordo fornecerá divisas para a Rússia e reduzirá a dependência da China dos combustíveis fósseis do Oriente Médio.

IHU On-Line – Como os países do território eurasiático veem a hegemonia do RIC? Que tipos de disputas surgem na região por conta dessa hegemonia?

José Eustáquio Diniz Alves – Existem muitas rivalidades e disputas fronteiriças, culturais e étnicas, sendo que a ação das forças armadas de Mianmar contra os muçulmanos rohingya, na região noroeste do país, é um dos eventos mais dramáticos. O avanço militar chinês no Mar da China causa grandes atritos com os vizinhos do leste asiático (além de ameaçar a presença americana na região). Mas uma aliança do grupo RIC com o Irã e a Turquia é meio caminho andado para unificar os interesses e a logística da maior parte do território asiático da Eurásia. Neste sentido, a iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota”¹¹ (One Belt One Road, ou OBOR) joga um papel importante na interligação econômica da região.

IHU On-Line – De outro lado, como a Europa se posiciona diante do RIC e da Eurásia?

José Eustáquio Diniz Alves – A presença da China na Europa oriental é cada vez mais forte e a Rússia continua com laços fortes (especialmente no campo da energia) com esta região. Mas claro que a Europa ocidental vê o avanço da China e da Rússia com grande preocupação e até um certo medo, pois existe todo um antigo imaginário aterrorizante sobre os bárbaros orientais pouco democráticos e com outra cultura (outros hábitos, outras religiões etc.). A alternativa da Europa ocidental seria fortalecer os laços com

os EUA, o Canadá e o Japão, mas parece que Donald Trump não está ajudando muito no fortalecimento do G7 e a Europa ocidental vai ter que repensar o seu lugar no mundo ou aderir à onda oriental.

“Parece que o grupo BRICS só terá futuro se ampliar seu leque de representatividade nacional”

IHU On-Line – Quais têm sido as estratégias da China para garantir a sua hegemonia e fazer com que outros países dependam dela?

José Eustáquio Diniz Alves – Primeiro a China montou uma máquina azeitada de produção de bens de consumo de massa a preços baratos que invadiu todas as fronteiras e ocupou as prateleiras do planeta, tornando-se a fábrica do mundo. Em segundo lugar, com o dinheiro que acumulou no comércio internacional, fortaleceu suas instituições financeiras e passou a ser exportadora de capital, tornando-se, também, banco do mundo. Boa parte da rolagem da dívida americana depende do dinheiro de Pequim.

A Venezuela está totalmente “no bolso” dos chineses.

Na Europa, o frágil grupo PIGS (Portugal, Itália, Grécia e Espanha) depende cada vez mais dos investimentos chineses. Em terceiro lugar, a China pretende ser líder global da 4ª Revolução Industrial. Ela já está na liderança da produção de energia renovável e da transição da indústria automobilística do motor a combus-

tão interna para os carros elétricos, também lidera no uso de smartphone para as compras e pretende ser a líder isolada da Inteligência Artificial até 2025. Tem o super-computador mais rápido do mundo e o maior centro de pesquisa de computação quântica. Seu projeto de sistema de navegação por satélite competirá com o GPS dos EUA até 2020. No ano passado, a China ultrapassou os EUA e ocupou o primeiro lugar na produção mundial de artigos científicos.

IHU On-Line – Em que consiste a política chinesa chamada de “Um cinturão, uma rota”?

José Eustáquio Diniz Alves – A Iniciativa Um Cinturão, Uma Rota (One Belt One Road, ou OBOR) visa construir redes de comércio e infraestrutura conectando a Ásia com a Europa e a África ao longo dos antigos caminhos comerciais da Rota da Seda, objetivando o compartilhamento do desenvolvimento e da prosperidade. As estatísticas mostraram que os bancos chineses já participaram de mais de 2.600 projetos e inclui investimentos em uma ampla variedade de áreas, desde energia limpa até manufatura, tecnologia da informação e comunicações, transportes, portos e aeroportos, projetos hidráulicos, assim como desenvolvimento urbano e moradia, entre outras.

Por exemplo, o oleoduto de Kyaukpyu, em Myanmar, no valor de US\$ 1,5 bilhão, vai permitir que os suprimentos de petróleo do Oriente Médio e da África cheguem à China mais rapidamente. O porto de Gwadar e o corredor ferroviário, no Paquistão, permitirão ligar o oeste da China, através de uma ferrovia de 3 mil km e de um porto de águas profundas, ao Mar da Arábia. As conexões ferroviárias na região Ásia-Pacífico envolvem a ligação da região sudoeste de Yunnan a vários países da região, por meio de três rotas planejadas: uma central, que atravessa o Laos, a Tailândia e a Malásia para chegar a Singapura, uma rota ocidental que atravessa Myanmar

¹¹ **Iniciativa Um Cinturão, Uma rota:** é considerada a maior façanha de infraestrutura da história da humanidade. Trata-se de um gigantesco programa de construção da China para recriar rotas comerciais da Ásia para a África e a Europa. Pretende ser um instrumento para acelerar o crescimento econômico da Eurásia, gerando milhões de empregos, o que possibilitaria o aumento da classe média asiática. Foi anunciada em 2013 e deu impulso a bilhões de dólares em investimentos em ferrovias, estradas, portos e usinas de energia. (Nota da **IHU On-Line**)

e uma rota oriental que atravessa o Vietnã e Camboja. Existem projetos ferroviários no Quênia, Etiópia e Senegal. Foi inaugurada, recentemente, uma linha ferroviária ligando Londres à estação de Yiwu, cidade ao sul de Xangai. Ou seja, trata-se de uma interligação de Pequim e Xangai com o mundo.

IHU On-Line – Qual é a relação e a influência da China na Coreia do Norte?

José Eustáquio Diniz Alves – A influência é total. A Coreia do Norte só existe por conta do apoio da China e da URSS, que na guerra de 1950-53, garantiu a permanência no poder de Kim Il-Sung, avô de Kim Jong-un. Em 2016, o comércio da Coreia do Norte com o mundo totalizou cerca de US\$ 6 bilhões, sendo US\$ 5,5 bilhões (91,5%) com a China, US\$ 140 milhões com a Índia e US\$ 76 milhões com a Rússia. Os três maiores parceiros da Coreia do Norte são os países do grupo RIC.

Mas a influência da China é incalculável e antes do encontro da ilha de Sentosa em Singapura, Kim Jong-un se encontrou duas vezes com Xi Jinping, em território chinês. Outro exemplo, o voo de Kim para Singapura aconteceu em um avião do governo chinês e foi escoltado por caças chineses. Por fim, no dia 19 de junho, uma semana após a reunião de Singapura, Kim Jong-un viajou para Pequim para se encontrar com Xi Jinping e, provavelmente, comemorar os resultados do enfraquecimento dos EUA na península coreana. O incrível é que neste mesmo dia em que os dois “ditadores” orientais se encontravam na Praça da Paz Celestial, no lado ocidental, o “democrático” presidente dos EUA reforçou sua política de tolerância zero na migração ilegal (colocando crianças em “jaulas”) e anunciou a saída dos EUA do Conselho de Direitos Humanos da ONU.

IHU On-Line – Quais são os sinais que demonstram uma mudança na hegemonia no mundo, com o declínio dos EUA e do

Ocidente e ascensão da China e do Oriente?

José Eustáquio Diniz Alves – Durante toda a década de 1980, a economia dos EUA representava mais de 20% da economia mundial e a economia da China representava menos de 5%, segundo dados do FMI (em ppp). Nas décadas seguintes o quadro se inverteu. Em 2014, o PIB da China, representando 16,6% do PIB global, ultrapassou o PIB dos EUA, que ficou com 15,8% do PIB global. Em 2017, a China já levava uma vantagem de 18,3% sobre 15,3% dos EUA. Para 2022, as estimativas do FMI indicam que o PIB da China subirá para 20,4% do PIB global, enquanto o PIB dos EUA cairá para 14,1%. A China já ultrapassou os EUA em tamanho do PIB e agora estimula o crescimento de todo o continente asiático.

A hegemonia da China também ocorreu no comércio mundial. No final dos anos 1970 a participação das exportações chinesas estava abaixo de 1% do total mundial, contra 12% dos EUA, segundo dados da Organização Mundial do Comércio. No início dos anos 1990, as exportações chinesas subiram para 2% do total mundial e as exportações americanas permaneceram nos 12%. Mas o quadro mudou rapidamente nos anos seguintes. Em 2007, pela primeira vez, as exportações chinesas ultrapassaram as exportações americanas. Em 2017, as exportações da China somaram US\$ 2,26 trilhões (representando 13% do total global) e as exportações dos EUA foram de US\$ 1,55 trilhão (representando 9% do total global). Em 2017, o saldo comercial da China com o resto do mundo foi de US\$ 421 bilhões e o déficit comercial dos EUA foi de US\$ 863 bilhões.

IHU On-Line – Como o senhor observa as guerras comerciais entre China e Estados Unidos? Quais as consequências dessas disputas em nível global?

José Eustáquio Diniz Alves – Existe um desequilíbrio muito grande no comércio internacional.

A China, no primeiro quinquênio da década de 1980, exportava menos do que o Brasil. Em 2017, exportou 10 vezes mais do que a economia brasileira e obteve um superávit monstruoso com o resto do mundo de US\$ 421 bilhões. No comércio bilateral, o superávit chinês foi de US\$ 375 bilhões em 2017. Considerando apenas os seis primeiros meses, o superávit chinês no último ano do governo Obama¹² (2016) foi de US\$ 160,8 bilhões e, mesmo com todas as ameaças de Trump, o superávit semestral passou para US\$ 185,7 bilhões em 2018.

A China consegue este feito por meio de fatores louváveis como muito trabalho, juros baixos, alto nível de poupança interna e muita competência. Mas também há políticas mercantilistas e protecionismo de vários tipos para afastar a concorrência internacional. Por outro lado, os EUA possuem baixo nível de poupança e investimento, moeda mais valorizada e alto endividamento público e privado. A China é a fábrica e os EUA são o shopping center. Isto precisa mudar em ambos os lados.

O avanço da China não ocorre apenas no comércio, pois o gigante asiático tem o plano “Made in China 2025”, para se tornar líder mundial em ciência e tecnologia (inclusive líder em Inteligência Artificial), ameaçando a hegemonia americana no coração das vantagens comparativas. Portanto, é preciso caminhar para uma situação comercial mais equilibrada e estabelecer acordos tecnológicos e de propriedade intelectual, pois uma escalada de conflitos pode inviabilizar as negociações bilaterais e multilaterais. Partir para a guerra é o pior cenário, pois sabemos como começa, mas ninguém sabe como termina. Cair na “Armadilha de Tucídides” seria um pesadelo.

IHU On-Line – Que tipos de reconfigurações tendem a ocorrer no mundo caso a ascensão

¹² **Barack Obama** [Barack Hussein Obama II] (1961): advogado e político estadunidense. Foi o 44º presidente dos Estados Unidos, tendo governado o país entre 2009 e 2017. (Nota da IHU On-Line)

da China e do Oriente vigore?

José Eustáquio Diniz Alves – A ascensão da China e dos países aliados do Oriente pode significar o fim do modelo econômico e político do liberalismo democrático burguês e o fim da ordem internacional fundada a partir da reunião de Bretton Woods¹³, em 1944. O empresário Klaus Schwab¹⁴, criador do Fórum Econômico Mundial, em evento realizado em São Paulo no mês de março de 2018, disse que vê para breve um mundo em que a China assumirá a liderança econômica global. Muito tempo atrás, o secretário de Estado dos EUA, John Hay¹⁵, em 1900, já previa que haveria uma mudança geopolítica estratégica no mundo. Ele disse: “O Mediterrâneo é o oceano do passado. O Atlântico é o oceano do presente e o Pacífico o oceano do futuro”. Indubitavelmente, os Estados Unidos e a Europa estão em declínio relativo no contexto da economia global. Enquanto o governo Trump tenta construir um muro, separando fisicamente o México e a América Latina dos EUA, a Grã-Bre-

tanha implementa o Brexit e as forças da direita isolacionista crescem na Europa, a China, sob a liderança de Xi Jinping, implementa uma integração internacional por meio de uma globalização à moda chinesa.

Ocidente x Oriente

O modelo de Pequim não é exceção na Ásia, pois os Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong Kong) já tiveram sucesso neste tipo de estratégia de desenvolvimento. Atualmente, países como Tailândia, Malásia, Indonésia e Vietnã também emulam a China e se beneficiam dos investimentos regionais em infraestrutura. Desta forma, a despeito das especificidades, fica cada vez mais clara a diferenciação entre os modelos econômico e político do Oeste e do Leste.

No primeiro caso, o Ocidente pode ser definido pela somatória da economia de mercado e da democracia representativa, enquanto o Oriente é mais caracterizado pela presença estatal no mercado e pelo autoritarismo na política. O sucesso de Singapura, de Lee Kuan Yew¹⁶ (1923-2015), tem servido de inspiração para os outros países asiáticos. A China, por exemplo, governada por um partido único, costuma ser definida pelos oximoros “socialismo de mercado” ou “capitalismo de Estado” e não tem se comprometido com os valores da democracia, próprios dos países liberais.

IHU On-Line – Na sua avaliação a mudança geopolítica significará uma mudança na globalização: sairá de cena uma globalização neoliberal do Consenso de Washington e entrará em cena uma globalização liderada pela China e o Consenso de Beijing. Quais são as diferenças entre esses dois tipos de glo-

balização e o que preconizam o Consenso de Washington e o de Beijing, e qual é a diferença distintiva entre ambos?

José Eustáquio Diniz Alves – A queda do Muro de Berlim (1989), a reunificação da Alemanha (1990) e a dissolução da União Soviética (1991) marcaram o fim de 40 anos de Guerra Fria. Teve início um período de hegemonia unipolar dos EUA e dos valores econômicos e políticos do Ocidente. Para o cientista político Francis Fukuyama¹⁷, estes acontecimentos marcaram a vitória do capitalismo liberal sobre os regimes de forte intervenção estatal. Utilizando uma linha teórica desenvolvida por Hegel¹⁸ (1770-1831), Fukuyama escreveu o artigo “O fim da história” (1989)¹⁹, onde defendeu a ideia de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento do progresso civilizatório. Na concepção de Fukuyama, não se trata do fim da história em termos cronológicos, mas sim da derrocada do “socialismo real” e da vitória da democracia liberal, que com todas as suas imperfeições, passou a ser a solução final e mais avançada de governo da história da humanidade.

Aproveitando a conjuntura favorável da ideologia do neoliberalismo, algumas instituições sediadas em Washington (FMI, Banco Mundial, Departamento do Tesouro dos Esta-

13 **Conferência de Bretton Woods**: nome com que ficou conhecida a Conferência Monetária Internacional, realizada em Bretton Woods, no estado de New Hampshire, nos EUA, em julho de 1944. Representantes de 44 países participaram da conferência. Nela foi planejada a recuperação do comércio internacional depois da Segunda Guerra Mundial e a expansão do comércio através da concessão de empréstimos e utilização de fundos. Os representantes dos países participantes concordaram em simplificar a transferência de dinheiro entre as nações, de forma a reparar os prejuízos da guerra e prevenir as depressões e o desemprego. Concordaram também em estabilizar as moedas nacionais, de forma que um país sempre soubesse o preço dos bens importados. A Conferência de Bretton Woods traçou os planos de dois organismos das Nações Unidas – o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. O fundo ajuda a manter constantes as taxas de câmbio, além de socorrer países com crises nas suas reservas cambiais, como no caso do Brasil e da Rússia, em 1998. O banco realiza empréstimos internacionais a longo prazo e dá garantia aos empréstimos feitos através de outros bancos. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Klaus Schwab** (1938): engenheiro e economista nascido na Alemanha, é fundador e presidente executivo do Fórum Econômico Mundial. Escreveu o livro *A Quarta Revolução Industrial*, lançado no Brasil pela editora Edipro. Em 1971, Schwab lecionava Universidade de Genebra, Suíça, quando convidou 44 executivos de empresas da Europa Ocidental para o primeiro Simpósio Europeu de Gestão. O evento foi realizado no Centro de Convenções de Davos, então recentemente construído. O encontro teve patrocínio da Comissão Europeia e das associações industriais do continente. O objetivo de Schwab era introduzir as empresas europeias nas práticas de gestão dos Estados Unidos. Para tanto, fundou o Fórum de Gestão Europeu, organização sem fins lucrativos localizada em Genebra, convocando todos os meses de janeiro anualmente, líderes empresariais europeus para Davos. O nome do fórum mudou para World Economic Forum em 1987. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **John Milton Hay** (1838-1905): estadista, diplomata, escritor e jornalista estadunidense, além de ter sido assistente e secretário particular de Abraham Lincoln. Foi o 37º Secretário de Estado dos Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Lee Kuan Yew** (1923-2015): foi o primeiro-ministro de Singapura de 1959 a 1990. Cofundador e secretário-geral do Partido da Ação Popular (PAP), Lee levou o partido a uma vitória esmagadora nas eleições de 1959, coordenou a separação de Singapura da Federação da Malásia em 1965 e foi o líder nacional durante a transformação de Singapura, que passou de um entreposto colonial subdesenvolvido para ser um dos Tigres Asiáticos, com uma economia típica de Primeiro Mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Francis Fukuyama** (1952): professor americano de economia política internacional da Paul H. Nitze School of Advanced International Studies, na Johns Hopkins University, nos EUA. Seu primeiro livro, *O fim da história e o último homem* (1992), figurou nas listas de mais vendidos de diversos países, como EUA, França, Japão e Chile, tendo ganhado o Los Angeles Times Book Critics Award e o Prêmio Capri (Itália). Outros livros representativos de sua obra são *Confiança* (1995), *A grande ruptura* (1999) e *Nosso futuro pós-humano* (2002), todos publicados pela Editora Rocco, de São Paulo. Especialista em questões políticas e militares da Europa e do Oriente Médio, Fukuyama já integrou o Conselho de Planejamento Político do Departamento de Estado norte-americano. Atualmente, ele é membro do Conselho Presidencial de Ética em Biotecnologia, dentre diversos outros títulos e cargos de prestígio internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0Fjnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UAtD> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/lldAkV>. (Nota da **IHU On-Line**)

dos Unidos etc.), buscando aprofundar a influência do capitalismo liberal, apresentaram, em dezembro de 1989, uma lista de dez pontos com recomendações de política econômica para os diversos países do mundo. A elaboração do receituário, conhecido como “Consenso de Washington” ficou a cargo do economista John Williamson e pode ser resumida no decálogo seguinte:

1. Disciplina fiscal e baixo déficit público;
2. Focalização dos gastos públicos em educação, saúde e infraestrutura;
3. Reforma tributária;
4. Liberalização financeira;
5. Taxa de câmbio competitiva;
6. Liberalização do comércio exterior;
7. Eliminação de restrições ao capital externo;
8. Privatização e venda de empresas estatais;
9. Desregulação das relações trabalhistas;
10. Defesa da propriedade intelectual. Sem dúvida, a globalização neoliberal, estimulada pelo Consenso de Washington, foi claramente hegemônica no mundo entre 1989 e 2008 (quando houve a quebra do banco Lehman Brothers e a grande recessão internacional de 2009).

Mas como mostram os dados já apresentados, os países do grupo RIC tiveram um melhor desempenho econômico na retomada da crise e devem ultrapassar o G7, em tamanho do PIB, até 2020. O sucesso, especialmente da China, foi adotar um outro caminho diferente do Consenso de Washington, que o economista Joshua Ramo definiu como “The Beijing Consensus”, em 2004.

O “Consenso de Beijing” reúne as seguintes características:

1. Promoção das economias em que a propriedade estatal continua tendo um peso dominante;
2. Promoção de câmbio competitivo,

com mudanças graduais para evitar choques e controle cambial para escapar da especulação predatória;

3. Políticas de promoção das exportações (“Export-led growth”) com proteção da indústria local e dos setores estratégicos do país;
4. Reformas de mercado, mas com controle das instituições políticas e culturais;
5. Centralização das decisões políticas e das estratégias de projeção nacional.

Desta forma, o Consenso de Beijing tem sido referência não só para a China, mas também para a Rússia, a Turquia, o Cazaquistão, as Filipinas etc.

A Índia, de Narendra Modi, embora seja considerada a maior democracia do mundo, também flerta com vários aspectos do modelo de Beijing.

“A China é a fábrica e os EUA são o shopping center. Isto precisa mudar em ambos os lados”

IHU On-Line – O que mudaria na globalização com a ascensão do Consenso de Beijing? O que o mundo ganha ou perde com essa mudança?

José Eustáquio Diniz Alves – A ascensão da China, desde as reformas de Deng Xiaoping²⁰, no final da década de 1970, viabilizou a retirada de 1 bilhão de chineses da situação de

extrema pobreza. Os outros países da região buscam repetir o sucesso chinês nesta área e para isto contam com o avanço do comércio internacional. Todavia, com a saída da Parceria Transpacífico, a adoção de medidas protecionistas e a utilização de tarifas, o governo Trump tem irritado os países asiáticos e tem perdido espaço na sua esfera de influência.

Em contrapartida, a China trabalha agressivamente para preencher o vácuo. A iniciativa “Um Cinturão, Uma rota” (One Belt One Road, ou OBOR) – que é considerada a maior façanha de infraestrutura da história da humanidade – pretende ser um instrumento para acelerar o crescimento econômico da Eurásia, gerando milhões de empregos, o que possibilitaria o aumento da classe média asiática. A China busca interligar a Eurásia de uma forma nunca vista e com oportunidade de negócios que deslumbra as diversas nações. Os cerca de 5 bilhões de habitantes da região sairiam ganhando economicamente.

Impacto ecológico do modelo chinês

Contudo, o impacto ecológico será enorme e, com toda certeza, o meio ambiente sairá perdendo. O Presidente Xi Jinping tem feito um discurso tentando minimizar os efeitos ambientalmente negativos da iniciativa “Um Cinturão, Uma rota” (One Belt One Road, ou OBOR) e, em várias ocasiões, tem repetido: “devemos buscar a nova visão do desenvolvimento verde e um modo de vida e trabalho que seja verde, de baixo carbono, circular e sustentável. Devem ser feitos esforços para fortalecer a cooperação em proteção ecológica e ambiental e construir um ecossistema sólido, de modo a atingir as metas estabelecidas pela Agenda 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável”.

Mas os críticos consideram que as melhores práticas ambientais não serão adotadas, devido à falta de transparência e ao baixo compromisso democrático dos desenvolvedores dos projetos. Na China é comum se adotar o conceito “poluir primeiro, controlar depois”. O maior

risco de uma iniciativa tão grandiosa é a proliferação de tecnologias sujas e destrutivas, como carvão, grandes hidrelétricas, desmatamento florestal, uso de recursos hídricos escassos, fragmentação das paisagens naturais, perda de biodiversidade etc. Devem aumentar os conflitos socioambientais.

IHU On-Line – Acerca da ascensão do Oriente, o senhor já disse que existem oportunidades e riscos nesse processo. Poderia nos dar alguns exemplos tanto das oportunidades quanto dos riscos?

José Eustáquio Diniz Alves – Existem oportunidades advindas do processo de desenvolvimento e da melhoria das condições de vida dos cerca de 5 bilhões de habitantes da Eurásia e existem os riscos ecológicos e socioambientais.

Conflito bélico

Mas as maiores ameaças surgem da possibilidade de um conflito bélico entre as superpotências. O escritor e professor da Universidade de Harvard, Graham T. Allison²¹, no livro, “Destined for War: Can America and China Escape Thucydides’s Trap?”²², aponta para a possibilidade de uma guerra entre os EUA e a China. O motivo é a “Armadilha de Tucídides”, que se refere a um padrão de estresse estrutural que resulta do movimento provocado pelo choque entre um poder ascendente e o poder hegemônico descendente. Para o professor, esse fenômeno é tão antigo quanto a própria história. Ele explica que na Guerra do Peloponeso²³ (que devastou a Grécia

antiga entre os anos de 431 e 404 a.C.) foi a ascensão de Atenas e o medo que isso incutiu em Esparta que tornou a guerra inevitável. Nos últimos séculos, essas condições de mudanças de hegemonia ocorreram dezesseis vezes, sendo que, em doze delas, estourou uma guerra. Para o autor, as condições atuais estão dadas para gerar um conflito bélico entre os EUA e a China.

Embora, o encontro entre Donald Trump e Kim Jong-un em Singapura tenha contribuído para aliviar as tensões nucleares, os EUA continuam uma potência militar dominante no mundo e tiveram despesa militar de US\$ 611 bilhões em 2016, enquanto a China é o país que apresenta as maiores taxas de aumento nos investimentos bélicos, internos e externos, tendo contabilizado despesas militares de US\$ 215 bilhões em 2016. Em terceiro lugar vem a Rússia com despesas de US\$ 69 bilhões, segundo o Stockholm International Peace Research Institute. Estes três países foram responsáveis por 53% do gasto militar mundial. Se houvesse desarmamento, o mundo seria outro caso estes recursos fossem usados para a guerra contra a pobreza e pela regeneração ecológica, ao invés de aumentar os arsenais de destruição em massa de vidas humanas e não humanas.

Portanto, a ascensão da Ásia e a emergência do processo de Orientalização do mundo, sob liderança chinesa, pode não ocorrer de maneira pacífica diante do declínio relativo dos EUA e do Ocidente. Infelizmente, a Armadilha de Tucídides²⁴ é como uma espada de Dâmocles²⁵ suspensa sobre a ordem internacional e a possibilidade de paz mundial.

Helênicas. De acordo com Tucídides, a razão fundamental da guerra foi o crescimento do poder ateniense e o temor que tal despertava entre os espartanos. A cidade de Corinto foi especialmente atuante, pressionando Esparta a fim de que esta declarasse guerra contra Atenas. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁴ **Armadilha de Tucídides:** expressão popularizada por Graham Allison em 2012 e extraída de uma passagem da *História da Guerra do Peloponeso*, da autoria do próprio Tucídides. A “armadilha” fica caracterizada quando o crescimento do poder de uma potência emergente passa a ameaçar os interesses da potência hegemônica, a ponto de causar uma guerra. Atualmente, a expressão está sendo empregada para descrever a situação entre a China e os Estados Unidos, como potências emergente e hegemônica, respectivamente. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁵ **Dâmocles:** é protagonista de uma anedota moral que figurou originalmente na história perdida da Sicília por Tímeu de Taurômeno (356-260 a.C.). Cícero pode tê-la lido em Diodoro Sículo. Ele fez uso dela em suas *Tusculan Disputations* V.61-62. (Nota **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

José Eustáquio Diniz Alves – Apenas dizer que Francis Fukuyama estava errado, pois a ordem democrática liberal e de mercado parece não ser a forma de organização político-econômica mais evoluída e superior do mundo, nem representa o fim da história. A hegemonia ocidental que foi construída a partir da 1ª Revolução Industrial e Energética, há 250 anos, está cedendo espaço para uma hegemonia oriental menos liberal, menos democrática e menos apoiada no mercado.

Surpreendentemente, este processo está sendo acelerado pelas atitudes do atual presidente dos EUA, que passou a maior parte de seu período de ano e meio no poder rasgando acordos multilaterais, desestabilizando as organizações internacionais, impondo penalidades comerciais a aliados, fraquejando diante de antigos inimigos ditatoriais, ameaçando o relacionamento com a China construído desde os tempos do presidente Nixon e perturbando a ordem diplomática global construída, com muito esforço, sobre os escombros da Segunda Guerra. Para completar, a democracia liberal está em retrocesso em todo o mundo atualmente e ganham força líderes autocráticos com Vladimir Putin e Xi Jinping, enquanto Donald Trump aumenta os gastos militares dos EUA.

Existe alguma esperança de que a mudança de hegemonia entre o Ocidente e o Oriente possa ocorrer de forma mais ou menos pacífica, embora não seja improvável ocorrer a Armadilha de Tucídides, num contexto de conflito nuclear entre a potência emergente e a potência descendente. Se a governança global não for capaz de apresentar soluções para o complexo quadro das relações internacionais e a deterioração das condições sociais e ambientais, pode ser que, de fato, ocorra o fim da história, em sua forma trágica, juntamente com o fim da civilização humana. ■

Leia mais

- **"A Inteligência Artificial pode se transformar em um monstro incontrolável"**. Entrevista especial com José Eustáquio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 23-09-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Ot2tS8>.
- **O marxismo continua atual para a crítica do capitalismo e a denúncia das desigualdades**. Entrevista especial com José Eustáquio Diniz Alves, publicada nas Notícias do Dia de 27-07-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2PwexBE>.
- **"As perspectivas para o século XXI são de menor crescimento e de maior desigualdade"**. Entrevista especial com José Eustáquio Alves, publicada nas Notícias do Dia de 24-09-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2OqH7Vz>.
- **Censo 2010. Uma família plural, complexa e diversa**. Entrevista especial com José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi, publicada nas Notícias do Dia de 29-10-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2NWXGHA>.
- **As mulheres e o envelhecimento populacional no Brasil**. Artigo de José Eustáquio Diniz Alves, publicado nas Notícias do Dia de 21-01-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2NXrUu1>.
- **Demografia e Decrescimento**. Entrevista especial com José Eustáquio Diniz Alves, publicada nas Notícias do Dia de 15-03-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LCigAj>.

18 de setembro (terça-feira)



19h30min às 22h – A "iconomização" da vida e a mudança no projeto desenvolvimentista

Prof. Dr. Gilson Schwartz – USP

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



O avanço chinês sobre nações periféricas subverte lógica do imperialismo neoliberal

Valéria Ribeiro analisa que especialmente o crescimento da China em países da África tem de ser visto de forma muito particular a partir dos anos 1990

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

60

No mesmo ritmo em que a China foi se transformando em grande cliente de países em desenvolvimento, recentemente vem se tornando fornecedora de produtos tanto primários como industrializados. É nesse contexto que se dá seu grande avanço sobre países africanos. Mas esse dragão asiático domina comercialmente novos continentes de uma forma diferente da que temos observado em outras épocas e entre outros países. “A entrada da China, principalmente a partir do século XXI, deve ser vista como representando um elemento que se contrapõe àquele contexto de imperialismo neoliberal”, alerta a professora Valéria Lopes Ribeiro. “Trata-se de um fenômeno que se apresenta de forma contraditória. Ao aproximar-se de países com vasta disponibilidade de recursos primários, em muitos casos os chineses atuam de forma a estabelecer relações de troca vantajosas para si próprios, mas que são prejudiciais para os países exportadores”, explica, ainda lembrando que muito investimento chinês está apoiado em capital estatal.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Valéria detalha que a China pode ser vista como uma economia capitalista. Mas ressalva: “tem sua trajetória histórica e perspectivas futuras marcadas pelo socialismo. A construção do socialismo chinês enfrenta diversas contradições internas que agora também se projetam externamente”. Ou seja, o

fato de não seguirem uma lógica imperialista de cunho neoliberal não significa que estabeleçam relações mais iguais com países em desenvolvimento. Quanto à realidade africana, “o que se observou ao longo da década foi uma melhora no quadro macroeconômico que se refletiu em uma maior capacidade de ampliar investimentos e programas sociais, levando à melhora de alguns indicadores de pobreza e renda”. Mas acrescenta que, “no entanto, a África não passou por um processo de mudança estrutural, com a ampliação, por exemplo, da indústria ou do aumento de renda interna expressivo”.

Valéria Lopes Ribeiro é professora no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC - UFABC. Doutora em Economia Política Internacional pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, é mestra em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Uberlândia-MG. Entre suas publicações, destacamos *The Chinese expansion in Africa in the 21st century*. Livro *Reclaiming Africa Scramble and Resistance in the 21st Century* (Springer Singapore, 2017) e *A economia política dos Estados Unidos e da China pós crise de 2008: interdependência econômica e relações interestatais* (Geosul, v. 33, p. 11, 2018).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira o comércio externo se transformou em um dos principais pilares da economia chinesa

nos últimos 30 anos?

Valéria Lopes Ribeiro – Um dos pontos fundamentais para entender a importância do comércio

externo para a economia chinesa é a transição gradual que o país realizou da economia socialista para uma economia mais aberta. No fi-

“A China vai se tornando não apenas uma fronteira de exportação de empresas estrangeiras, mas principalmente vai passando a ter capacidade de modernizar sua própria indústria”

nal dos anos 1970 e início dos anos 1980, o Partido Comunista Chinês¹ passou a abrir sua economia na medida em que entendeu que esta política seria estratégica para atender os objetivos de desenvolvimento econômico, modernização e inclusão social. Utilizando a política de abertura gradual, o Estado permitiu a abertura da economia e liberalização do comércio externo apenas em algumas áreas que passariam a receber Investimentos Externos Diretos mediante diversas facilidades tarifárias.

Dentro dessa estratégia, foram fundamentais as condicionais impostas pelo Estado para essa abertura, como por exemplo a transferência de tecnologia de empresas estrangeiras para empresas chinesas e a criação de novas empresas. Essa política se aliou à continuidade da política de fortes investimentos estatais focados em indústria nacional, infraestrutura e modernização tecnológica. Assim, a China vai se tornando não apenas uma fronteira de exportação de empresas estrangeiras, mas principalmente vai passando a ter capacidade de modernizar sua própria indústria, que passa a ter alta capacidade de importar e exportar para o mundo todo.

¹ **Partido Comunista da China:** é o partido que governa a China desde 1948. O partido foi fundado em julho de 1921 em Xangai. O PC da China passou por momentos de dificuldades. Seus primeiros passos foram orientados pelo Komintern (Internacional Comunista sediada em Moscou que orientava os Partidos Comunistas do mundo inteiro). No final da Segunda Guerra Mundial o PC da China derrotou o KMT. Mao Tse Tung implantou a sua interpretação ortodoxa do marxismo-leninismo, durante as quase três décadas em que esteve no poder. Empreendeu a chamada “Revolução Cultural”, com que tentou laicizar todo o estado e população chinesa. Hoje o Partido Comunista da China é composto de mais de 87 milhões de militantes. (Nota da **IHU On-Line**)

Apesar da China ter se tornado a maior economia exportadora do mundo, o comércio exterior não pode ser entendido como o único motor do crescimento do país. O investimento, principalmente estatal, foi variável chave na capacidade do país de expandir seus índices de crescimento. Dentro desta capacidade de investir e exportar devemos destacar a capacidade que o Estado chinês tem de submeter interesses, como o financeiro, aos objetivos de expansão produtiva, crescimento e geração de empregos mediante a regulação de variáveis chave, como juros e câmbio.

IHU On-Line – Como se caracterizam os investimentos chineses no continente africano a partir dos anos 2000?

Valéria Lopes Ribeiro – Os investimentos chineses na África a partir dos anos 2000 caracterizam-se pela forte presença das empresas estatais em setores ligados à mineração. Apesar disso, os investimentos não se reduzem a esse setor, estendendo-se para o setor financeiro, construção, manufatura e outros. Outro aspecto importante é a presença também de empresas privadas chinesas na região. O que caracteriza essa aproximação chinesa é um movimento a partir do qual uma articulação interna chinesa orienta a ampliação das relações. Esta articulação une o governo chinês, as instituições financeiras, principalmente o Exim-Bank² e as empresas chinesas.

² **The Export-Import Bank of China** [Banco de Exportação e Importação da China]: é um dos três bancos institu-

Segundo Kiggundu (2008)³, os principais fluxos de Índices de Desenvolvimento Econômico chineses na África no ano de 2006, por exemplo, englobavam o setor de minérios, com 40.74% do total; serviços de negócios, com 21.58%; setor financeiro, com 16.4%; setor de transportes e telecomunicações, com 6.57%; comércio, 6.57%; artigos manufaturados com 4.33%.

De acordo com documento oficial do governo chinês (White Paper, 2010), os principais investimentos chineses na África eram relacionados a setores de exploração mineral, setor financeiro, manufatura, construção, turismo, florestas, agricultura e pesca. (White Paper/Gov. China, 2011). Segundo este documento, setores de mineração, manufatura e construção aparecem entre os setores mais contemplados com Investimento Direto estrangeiro – IDEs chineses na África (cerca de 67% somados). Além destes o setor financeiro também é representativo.

IHU On-Line – Quais são os países parceiros e como se distinguem os investimentos para cada grupo de países?

Valéria Lopes Ribeiro – Entre 2003 e 2010 África do Sul, Nigéria, Argélia e Zâmbia foram os principais

cionais na China com o objetivo de implementar o estado políticas na indústria, comércio exterior, diplomacia, economia, e fornecer apoio financeiro de política, a fim de promover a exportação de produtos e serviços chineses. Criado em 1994, o banco é subordinado ao Conselho de Estado. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Kiggundu, M. N. (2008). A profile of China's outward foreign direct investment. Proceedings of the American Society of Business and Behavioural Sciences, 15, 130-144. (Nota da **IHU On-Line**)

destinos dos investimentos chineses na África, segundo dados do *Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment*⁴. No entanto é possível afirmar que os chineses estão presentes em grande parte dos países africanos com investimentos em diversos setores.

No setor de energia e petróleo, por exemplo, até o ano 2000, a China restringia sua atuação na África ao Sudão, com a China National Petroleum Corporation CNPC⁵ liderando na exploração do petróleo. Mais recentemente as empresas chinesas operam em quase 20 países africanos tanto em setores de petróleo como derivados e vêm se posicionando de forma estratégica, disputando mercados até então ocupados por empresas ocidentais ou da própria região. A partir dos anos 2000 a China entrou em países como Angola e Nigéria e também em países menos explorados, como Chade, Mauritânia, Níger e Guiné Equatorial. À frente da política de expansão chinesa no setor petrolífero, como visto, estão as grandes estatais chinesas.

Em Angola, os investimentos chineses têm representado importante impulso para expansão das exportações do país. No caso da Nigéria, o impacto da entrada das empresas chinesas também é visível. O país é um dos maiores da África e um dos mais ricos, além de ter um papel político influente na região da África Ocidental. Para os chineses, é um local estratégico na região do Golfo da Guiné, além de ser um grande mercado consumidor de cerca de 130 milhões de pessoas e, principalmente, possui vastas reservas de petróleo. Vários contratos foram firmados entre as empresas chinesas e a Nigéria, incluindo exploração de pe-

tróleo, criação de *joint ventures* e exploração de mercados relacionados, como o de gás. Em 2005, por exemplo, a CNPC venceu quatro licenças de exploração de petróleo nigerianas depois de o governo chinês ter se oferecido para construir uma usina hidrelétrica em Mambila, localizada no estado nigeriano Plateau State. (Executive Research Associates - ERA, 2009). Em 2006, a Chinese Oil Company CNOOC Ltd.⁶ anunciou a compra de 2,3 bilhões de dólares de 45% da Nigéria OML em campos de petróleo em águas profundas.

Os casos relativos à entrada das empresas petrolíferas no continente africano demonstram a forma como a China vem se aproximando, amparada pelo governo e instituições financeiras.

Minérios

No setor de minérios, a China atua na região central e sul da África Subsaariana onde é possível encontrar vastas reservas de minérios como cobre, aço, ouro, manganês e outros, em países como África do Sul, Tanzânia, Moçambique e, principalmente, na Zâmbia, que dispõe de amplas reservas de cobre e ainda carvão e manganês. Além da Zâmbia, outro país onde o setor de mineração tem sido bastante contemplado pelos investimentos chineses é a República Democrática do Congo. O país foi cenário de um dos maiores acordos realizados até agora entre China e África envolvendo contratos de exploração de minérios. Chamado de “contrato do século” o acordo teve ampla repercussão em todo o mundo e despertou discussões e julgamentos sobre o papel que a China vem exercendo nos países africanos.

Outros casos relacionados ao setor de mineração podem ser apontados, como o caso da Guiné. Quando em

2008 o país começou a rever suas concessões de exploração de aço e bauxita, tradicionalmente nas mãos de grandes corporações ocidentais, como a Rio Tinto (Inglaterra/Austrália), a China chega ao país. Após uma série de conversas e visitas entre membros dos dois países, ofereceu-se uma série de apoios e investimentos que fazem a diferença na disputa pelas concessões e direitos de exploração.

Telefonia

Além das áreas de energia e mineração, a área de manufatura corresponde a boa parte do destino dos IDEs chineses na África. Um setor importante aqui é o de telecomunicações. A expansão nesse setor tem se dado mediante a expansão de empresas chinesas que buscam principalmente mercados consumidores para seus produtos, além de posições como fornecedoras de partes e componentes de outras firmas na África.

Empresas como a Huawei⁷, Alcatel Shanghai⁸, China Mobile⁹ e ZTE¹⁰ vêm se expandindo para países africanos, tanto como fornecedores de produtos finais (como celulares) como também fornecedores de partes e componentes. Os maiores mercados

7 **Huawei:** é uma empresa multinacional de equipamentos para redes e telecomunicações sediada na cidade de Shenzhen, localizada na província de Guangdong, na China. É a maior fornecedora de equipamentos para redes e telecomunicações do mundo, tendo ultrapassado a Ericsson em 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Alcatel:** é uma empresa global de telecomunicações sediada em Boulogne-Billancourt, França. A empresa foi formada em 1º de dezembro de 2006 a partir da fusão da empresa francesa Alcatel (Société Alsacienne de Constructions Atomiques, de Télécommunications et d'Électronique) com a americana Lucent Technologies. Apesar do nome, os telemóveis Alcatel One Touch não são fabricados pela Alcatel-Lucent, mas sim pela TCL Corporation. Empresa chinesa que está entre as seis maiores fabricantes de televisores do mundo após Samsung, LG, Sony, Panasonic e Sharp e entre as oito maiores fabricantes de celulares. A TCL fornece aparelhos celulares para a Alcatel, Thomson e RCA. Em 2016 foi concluída a compra da Alcatel-Lucent pela Nokia Corporation pelo valor equivalente a R\$54 bilhões. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **China Mobile Communications Corporation:** é uma empresa estatal chinesa de telecomunicações especializada em telefonia celular. É a maior do mundo, com cerca de 740 milhões de clientes (01/2014), além de deter 67,5% do mercado de telefonia celular chinês. É a maior empresa incorporada em Hong Kong, além de ser a mais capitalizada cotada na HKSE. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **ZTE:** é uma empresa de telecomunicações que fabrica e presta serviços em soluções de rede (GSM, CDMA, CDMA2000, W-CDMA, TD-SCDMA, FDD-LTE, TDD-LTE, IMS, NGN, PSTN, SDH, ADSL, IPTV e serviços agregados) e dispositivos móveis mundialmente com sede em Shenzhen, China. ZTE foi fundada em 1985. Suas ações estão cotadas na Bolsa de Hong Kong e na Bolsa de Shenzhen. É a segunda maior empresa de telecomunicações chinesa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Boletim Estatístico do Investimento Direto Estrangeiro Externo da China, em português. Investimento estrangeiro direto (IED) é o investimento feito para adquirir um interesse duradouro em empresas que operem fora da economia do investidor. A relação de IED compreende uma empresa matriz e uma filial estrangeira, as quais, em conjunto, formam uma empresa multinacional. Para ser considerado como IED, o investimento deve conferir à matriz o controle sobre a sua filial. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **China National Petroleum Corporation - CNPC:** é uma grande empresa nacional de petróleo e gás da China e um dos maiores grupos integrados de energia do mundo. Sua sede é no distrito de Dongcheng, Pequim. A CNPC ficou em quarto lugar em 2017, Fortune Global 500, um ranking global das maiores corporações por receita. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **China National Offshore Oil Corporation - CNOOC:** é uma empresa petrolífera chinesa, empresa de economia mista, com ações na Bolsa de Valores de Hong Kong (Hong Kong Stock Exchange). O acionista majoritário é o governo da China, que controla 70% da corporação. É a maior empresa de exploração petrolífera offshore em alto-mar da China. Cerca de 80% dos rendimentos da empresa vêm da exploração petrolífera direta. A empresa assume, sem custos, 51% de qualquer projeto de exploração em alto-mar realizado na China por empresas petrolíferas estrangeiras. (Nota da **IHU On-Line**)

africanos para as companhias chinesas da área de telecom são Argélia, Egito, Tunísia, Marrocos e África do Sul, os quais são responsáveis por 60% do total de ativos da área de telecom. Outros dois que estão crescendo em importância são a Nigéria e Angola.

Agricultura

A agricultura também se apresenta como uma área importante para o envolvimento chinês na África e o investimento direto chinês no exterior está crescendo nos últimos anos. Muitos projetos e fazendas são fundados nas últimas décadas em muitos países africanos, envolvendo firmas chinesas, produtores africanos e governos africanos. Ao longo das últimas décadas, os Ministérios Chineses de Comércio Exterior e Cooperação Econômica, Relações Exteriores e Agricultura começaram a promover uma série de atividades para anunciar a possibilidade da agricultura na África, com ênfase na vontade do governo de apoiar a expansão das empresas. Este apoio ocorre através da facilitação de empréstimos e assistência técnica.

Infraestrutura

Outro setor forte do investimento chinês é a infraestrutura. Projetos como a construção de aeroportos, hospitais, edifícios governamentais, escolas, hidrelétricas e barragens são comuns na África. Uma grande parcela desses investimentos foi viabilizada pelo apoio financeiro da EximBank, e a maioria dos projetos de infraestrutura é feita nos setores de geração de energia (hidrelétrica) e transportação (ferrovias).

IHU On-Line – Os investimentos chineses têm gerado crescimento no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH dos países africanos, com a geração de empregos para a população local, ou têm se baseado somente em uma economia extrativista de commodities?

Valéria Lopes Ribeiro – Na primeira década do século XXI e nos

anos seguintes, o continente africano como um todo apresentou uma melhora em termos de expansão econômica e situação macroeconômica. Muitos países apresentam taxas de crescimento altas, principalmente se comparado aos anos 1990. A situação do Balanço de Pagamentos também melhora, muito em função do aumento das exportações de produtos primários para a China e devido ao aumento dos preços provocado pela alta demanda chinesa. Este melhor desempenho econômico foi acompanhado de uma redução nos níveis de pobreza e de queda da mortalidade infantil em muitos países.

Ainda assim, apesar da melhora, principalmente ligada aos indicadores econômicos, existem fortes limitações para mudanças estruturais para o desenvolvimento africano. O que se observou ao longo da década foi uma melhora no quadro macroeconômico que se refletiu em uma maior capacidade de ampliar investimentos e programas sociais, levando à melhora de alguns indicadores de pobreza e renda. No entanto, a África não passou por um processo de mudança estrutural, com a ampliação, por exemplo, da indústria ou do aumento de renda interna expressivo. Em 2000, a participação da indústria no valor agregado total no continente africano como um todo era de 33%. Em 2014, essa parcela corresponde a 32%. As parcelas dos serviços e agricultura também permanecem praticamente as mesmas, de 51% e 15%. Com relação à África Subsaariana tem-se o mesmo quadro, com a indústria mantendo a mesma participação no valor agregado total de cerca de 30%.

Quando se observam os dados referentes à pauta exportadora dos países africanos, verifica-se a permanência dos artigos primários, com Angola em 2014 com 96% das exportações sendo de petróleo, ou a Nigéria, uma das maiores economias do continente com 91% da pauta correspondendo a petróleo. Mesmo economias mais diversificadas como a África do Sul mantêm quase 50% da pauta de exportações de produtos primários. (Atlas da Complexidade, 2016). Alguns casos servem como

exemplo para elucidar esta questão. No caso da África do Sul observa-se o aumento das exportações de bens primários, grande parte deles dirigidos à China, que por sua vez avança também a partir da entrada de investimentos externos no país, não apenas nas áreas de mineração, mas também na indústria manufatureira. O crescimento da década no país permitiu uma certa melhora da capacidade de atuação do governo, principalmente a partir de 2005, quando se ampliam os investimentos em infraestrutura, os gastos públicos e as despesas internas. Esse movimento repercutiu em alguma melhora em termos de emprego e redução da pobreza. Ainda assim, as taxas de desemprego continuam altas, assim como a pobreza da população. O fato com certeza mais alarmante é a manutenção de um quadro gravíssimo de concentração de renda, que faz com que o país continue como um dos mais desiguais do mundo.

Angola

No caso de Angola, país que sai dos anos 1990 devastado pela guerra civil, a inserção da conjuntura dos anos 2000 parece bem mais promissora, assim como a entrada dos fluxos financeiros e investimentos chineses no país. A expansão das exportações de petróleo e o aumento das rendas de exportação têm permitido a manutenção de um ritmo acelerado de crescimento econômico, assim como a entrada dos grandes volumes de empréstimos chineses direcionados para grandes projetos de infraestrutura tem sido fundamental na expansão do país. Mais uma vez, observa-se a ampliação dos gastos do governo, do consumo e dos investimentos como motores do crescimento no país.

A China tem tido papel fundamental desde o início dos anos 2000, contribuindo para reconstrução de Angola, através dos investimentos e da importação do petróleo. Os indicadores de pobreza e desigualdade apresentaram alguma melhora, embora as condições de pobreza permaneçam para grande maioria da população. No entanto não foram

observadas no país ao longo da década maiores mudanças estruturais.

IHU On-Line – Em contrapartida, qual tem sido o retorno da China para o continente africano? Há transferência tecnológica ou apenas exportação de bens? Que tipos de bens têm sido exportados?

Valéria Lopes Ribeiro – A principal questão a se destacar nesse ponto me parece ser a ajuda externa que a China realiza na África. Existe uma parcela do orçamento do Estado destinada a ajuda, a *external assistance*. Desde os anos 1990, a assistência externa chinesa para o mundo vem aumentando progressivamente e já em 2006 ultrapassa o 1 bilhão de dólares. Em 2009, este montante chega a 1.5 bilhão. Deste total, a assistência dirigida à África representou em 2009 cerca de 600 milhões de dólares. (National Bureau of Statistics of China).

Além desta parte do orçamento, também é preciso considerar como outro componente dos fluxos financeiros chineses (além dos *concessional loans* do EximBank e da Assistência externa): as dívidas canceladas (*debts relief*). Segundo estimativas, os valores relativos aos cancelamentos de dívida totais realizados pela China chegam a cerca de 400 milhões de dólares anuais a partir de 2000 até 2008. O volume total destinado à África da ajuda chinesa na última década que alcança quase 2,5 bilhões de dólares.

Com relação às exportações chinesas para a África, há uma certa diversificação com a China exportando para diversos países diversos produtos, mas principalmente ligados a bens industrializados. A China vem se tornando gradativamente um grande fornecedor de artigos manufaturados para a África, em detrimento da posição tradicionalmente ocupada pelas economias centrais. Desde bens de consumo leves, como os têxteis, partes e componentes e equipamentos de transporte até bens duráveis como máquinas, carros, vans, caminhões são hoje comuns em diversos países africanos.

“Os investimentos chineses na África a partir dos anos 2000 caracterizam-se pela forte presença das empresas estatais em setores ligados à mineração”

IHU On-Line – É possível fazer alguma comparação entre a política econômica da China-Brasil e China-continentes africano? Por quê?

Valéria Lopes Ribeiro – Acredito que tanto a África como a América Latina sejam locais estratégicos para os interesses chineses em dar continuidade ao seu crescimento. Seja pela disponibilidade de recursos primários, seja pelo vasto mercado consumidor.

No caso da África, me parece que existe uma política e uma institucionalidade mais bem desenhada, na medida em que os chineses veem o continente como uma possibilidade de ampliar não apenas relações econômicas, mas influência política e cultural. A África é vista como um continente parceiro com grandes possibilidades de aproximação, com governos mais abertos a acordos e fortalecimento de relações, até pelas carências que os países do continente têm em termos de infraestrutura e condições econômicas e sociais básicas.

No caso da América Latina, me parece que a China está construindo a melhor forma de se aproximar. Isso se dá, inclusive, pelos desafios im-

postos pela influência dos Estados Unidos na região.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Valéria Lopes Ribeiro – O impacto da China nos países em desenvolvimento deve ser entendido em um contexto a partir do qual países africanos vem, desde os anos 1990, enfrentando os efeitos da globalização e expansão do setor financeiro, além dos programas de ajuste estrutural impostos pelas organizações multilaterais que levaram à expansão das dívidas e condições macroeconômicas adversas aos países periféricos. Assim, a entrada da China, principalmente a partir do século XXI, deve ser vista como representando um elemento que se contrapõe àquele contexto de imperialismo neoliberal.

Apesar disso, claramente, trata-se de um fenômeno que se apresenta de forma contraditória. Ao aproximar-se de países com vasta disponibilidade de recursos primários, em muitos casos os chineses atuam de forma a estabelecer relações de troca vantajosas para si próprios, mas que são prejudiciais para os países exportadores. Por mais que a China não imponha condições e condicionalidades, tais como o modelo de financiamento do Banco Mundial ou Fundo Monetário Internacional - FMI, ela procura atender seus próprios objetivos quando estabelece relações com outros países. Além disso, o alto volume de empréstimos pode colocar os países periféricos reféns de uma nova forma de endividamento externo.

No entanto, entende-se que a expansão chinesa deve ser analisada com cautela antes de ser conceitualizada como imperialista, por exemplo. Principalmente pelo fato de que a China se apresenta como uma economia capitalista, mas tem sua trajetória histórica e perspectivas futuras marcadas pelo socialismo. A construção do socialismo chinês enfrenta diversas tradições internas que agora também se projetam externamente. ■



As ameaças que podem impedir a ascensão chinesa

Segundo o jesuíta Michael Kelly, a melhor maneira de tentar prever o futuro da China é olhar para sua história

Patricia Fachin | Tradução: Moisés Sbardelotto

A pesar de existir uma gama de respostas para explicar os fenômenos da expansão chinesa no mundo e sua influência geopolítica, “uma das questões de longo prazo que ainda precisa ser respondida é como a China mantém uma estrutura política centralista e autoritária quando a sua população está muito mais envolvida com o mundo não chinês”, enfatiza o jesuíta australiano Michael Kelly na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, embora os chineses estejam espalhados por todas as partes do mundo, “os chineses ricos estão fazendo de tudo para sair da China e para se estabelecer em outros países. Isso não vai parar”.

Observador das mudanças culturais, políticas e sociais do mundo chinês, Kelly garante que a “melhor abordagem” para tentar prever o que acontecerá na China no futuro “é olhar para o que aconteceu em circunstâncias semelhantes no passado”. Neste momento, menciona, “a melhor chave para entender a China é reconhecer a importância duradoura do período de mais de um século de ‘grande humilhação’ infligida pelas potências coloniais europeias desde as Guerras do Ópio até quando Mao anunciou que a China havia ‘se levantado’, em 1949”. Kelly frisa que “a China vê a si mesma como destinada a ser um grande poder”, mas o país “tem um longo caminho a percorrer para se

equiparar aos Estados Unidos (em termos econômicos e militares) e pode não chegar lá, devido ao envelhecimento de sua população e às suas complexidades econômicas”.

O próprio poder do atual presidente chinês, Xi Jinping, informa, está “sob ameaça” por conta de três fatores: a economia chinesa “está começando a mostrar os efeitos da falsa administração, das falsas estatísticas e de um período de crescimento massivamente financiado por dívidas; a guerra comercial com os Estados Unidos está ficando fora de controle e só pode significar problemas para a China; uma série de escândalos médicos e farmacêuticos que minam a confiança que os chineses depositam no governo fornecedor de tudo”.

Michael Kelly é um jesuíta australiano e atualmente vive na Tailândia, onde é diretor executivo do sítio uca-news.com. Antes de ser ordenado jesuíta em 1984, padre Kelly trabalhou como jornalista na Agência de Notícias Católica UCA em Hong Kong. Em 1989, fundou a Jesuit Publications e a Eureka Street.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 01-09-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2OsLQWk>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O senhor já declarou que a China de hoje é bastante diferente de qualquer

outro período da sua história. Por que e como a China mudou nos últimos anos?

Michael Kelly – Como em qualquer país ou região, há continuidades com o passado e diferenças

acentuadas. E o período atual tem vários paralelos na história da China. Quando eu fiz meu comentário, foi em referência aos 150 anos após a efetiva derrota da China nas Guerras do Ópio¹ e os Tratados Desiguais dos anos 1840² — a época à qual os chineses se referem como o período da “grande humilhação” nas mãos das potências imperiais europeias, especialmente os franceses, os ingleses e os alemães.

As continuidades são claras e facilmente identificáveis. A China é governada por uma ditadura impiedosa e imperialista, e Xi é o novo imperador. Ele desmantelou as pequenas concessões feitas às reformas de Deng Xiao Ping³ e devolveu o controle total de tudo no governo e na economia às mãos do Partido. O partido foi enormemente abalado pelos acontecimentos na Praça Tiananmen⁴ em 1989 e temeu que seu controle total estivesse prestes a desaparecer. Esse medo se intensificou à medida que aumentava a reação pública negativa à extensa corrupção no Partido e sob a administração do Partido das questões econômicas e políticas durante as duas décadas

após a Praça Tiananmen. Então, a queda da União Soviética foi uma história de advertência para a liderança do Partido Comunista sobre o que poderia estar vindo pela frente para eles.

No entanto, o que se restaurou recentemente foi uma aproximação mais estreita — reforçada por uma tecnologia de cibersegurança ainda mais intrusiva desenvolvida pela polícia da China — ao tipo de controle leninista que o fundador da República Popular da China exerceu a tal efeito destrutivo até a sua morte em 1976. Mas essa versão leninista do controle social e político era apenas uma versão rebatizada das mesmas estruturas e processos introduzidos durante a dinastia Manchu/Ching no século XVIII E.C.

O que diferencia o atual período na China é que ela é relativamente mais próspera do que foi desde o século XVIII e está muito mais envolvida com o resto do mundo do que no século XVIII, quando a entrada no Reino do Meio era cuidadosamente controlada, senão até completamente bloqueada. Uma das questões de longo prazo que ainda precisa ser respondida é como a China mantém uma estrutura política centralista e autoritária quando a sua população está muito mais envolvida com o mundo não chinês.

IHU On-Line – Quais são as principais características da China contemporânea e no que se diferem da “velha China”?

Michael Kelly – Mao procurou substituir o marxismo-leninismo pelo confucionismo como a “cola” que une a sociedade chinesa. Resta pouca confiança entre os chineses no marxismo-leninismo como uma força econômica e sempre houve ressentimento e frustração — expressada apenas ocasionalmente — para com a ditadura repressiva, autoritária e centralista do Partido Comunista. No entanto, a maioria dos chineses está pronta para viver com a repressão se tiverem trabalho, comida e liberdade para desfrutar de

suas famílias.

Mas o que se perdeu com o desaparecimento forçado do confucionismo “feudalista” que ligou a China por mais de dois milênios foi tudo, desde as civilidades comuns que regulavam a interação social até um sentimento de algo maior como o propósito social da China em vez da satisfação do imediato interesse próprio. Ao “Pensamento Marxista-Leninista de Mao Zedong”, somou-se recentemente a chegada do “Pensamento de Xi” como o mapa orientador para a realização do “Sonho Chinês” a ser entregue por um líder que tem controle total das alavancas políticas e militares do poder.

IHU On-Line – O que foi a Revolução Cultural Chinesa (1966-1975) e quais são as suas consequências na China nos dias de hoje?

Michael Kelly – Hoje, os chineses ficam constrangidos com os excessos da Revolução Cultural, mas não o dizem, porque isso leva diretamente ao reconhecimento de como Mao Tsé-tung era louco. A Revolução Cultural não foi nem cultural nem revolucionária. Foi uma disputa interna do Partido Comunista entre Mao e aqueles que achavam que ele se tornara desastroso para a China. Mao venceu.

As consequências hoje: a China vive em um mundo cultural onde a sua história real não é conhecida na China nem é a base dos próximos passos que o país precisa dar. Denúncias rituais da Revolução Cultural não são profundas, e a geração mais jovem parece não saber nada sobre isso. A repressão cultural nessa escala leva ou a uma repetição do que ocorreu ou à continuação de uma circunstância em que uma nação e seus líderes procedem em uma bolha histórica de mentiras e enganos.

IHU On-Line – Em artigo recente, o senhor citou uma frase de Philippe Paquet, segundo o qual “o conhecimento sobre o passado é a melhor maneira

1 **Guerras do Ópio**, ou Guerra Anglo-Chinesa: conflitos armados ocorridos entre a Grã-Bretanha e a China nos anos de 1839-1842 e 1856-1860. Em 1830, os ingleses haviam obtido a exclusividade das operações comerciais no porto de Cantão. Importador de seda, chá e porcelana, então em moda no continente europeu, a Inglaterra tinha uma grande dificuldade comercial em relação à China. Para compensar suas perdas, a Grã-Bretanha vendia ópio indiano para o Império do Meio. O governo de Pequim resolveu proibir a transação da droga. Isso levou Londres a declarar guerra à China. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Tratados Desiguais** ou **Tratados Iníquos**: foram uma série de tratados firmados entre a China durante a Dinastia Qing e o Japão Tokugawa com as potências industrializadas ocidentais entre meados do século XIX e o início do século XX após sofrer derrotas militares pelas potências estrangeiras ou na presença de uma ameaça de ação militar por essas potências. O termo também é aplicado aos tratados impostos durante a mesma época a Dinastia Joseon da Coreia e pelo Império do Japão pós-Restauração Meiji. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Deng Xiaoping** (1904-1997): foi o secretário-geral do Partido Comunista Chinês, sendo, de fato, o líder político da República Popular da China entre 1978 e 1990. Criador do chamado socialismo de mercado, regime vigente na China moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Praça da Paz Celestial**: também conhecida por Praça Tiananmen é uma grande praça no centro da cidade de Pequim, capital da República Popular da China. É a terceira maior praça pública do mundo, sendo superada apenas pela Praça Merdeka, localizada em Jacarta, na Indonésia, e pela Praça dos Girassóis, localizada em Palmas, no Brasil. Ampliada em 1949, a praça tem ao norte a Cidade Proibida, no centro contém o Monumento das Pessoas Heróis, de 38 metros, com inspiração do presidente Mao Zedong, onde está escrito os heróis do povo são imortais. A leste e oeste foram construídos importantes edifícios de estilo soviético. A avenida, usada para desfiles do governo da China. Tendo a praça também o Mausoléu de Mao Zedong. Para os chineses a praça é conhecida como o coração simbólico do país e para os estrangeiros é conhecida pelos protestos de estudantes em 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

para entender o presente da China”. Quais são os fatos passados mais relevantes para se entender a China hoje?

Michael Kelly – O povo chinês se refere constantemente à história para contextualizar quaisquer circunstâncias atuais, e os comentaristas chineses mais instruídos sempre invocam a literatura e a história de seu país para reforçar qualquer interpretação que desejam oferecer. Além disso, para um observador externo como eu, se você quiser imaginar o que o governo ou o povo chinês farão em quaisquer circunstâncias determinadas, a melhor abordagem é olhar para o que aconteceu em circunstâncias semelhantes no passado.

Exatamente agora, a melhor chave para entender a China é reconhecer a importância duradoura do período de mais de um século de “grande humilhação” infligida pelas potências coloniais europeias desde as Guerras do Ópio até quando Mao anunciou que a China havia “se levantado”, em 1949. A China vê a si mesma justamente como destinada a ser um grande poder e acredita que o mundo só precisa se acostumar com essa ideia. Mas, igualmente, há uma grosseira reação exagerada diante da assunção por parte da China de um novo lugar nas questões econômicas e políticas internacionais, por exemplo, nas reações a suas atividades no Mar do Sul da China. O que a República Popular da China está fazendo lá nada mais é do que afirmar a sua liderança na região. É um erro interpretar essa afirmação em termos europeus como uma apropriação colonial de terras.

IHU On-Line – Em artigo recente, no qual comenta o livro *A Call to Mission: A History of the Jesuits in China 1842-1954*⁵, do padre David Strong, o senhor afirma que de 1842 a 1954 ocorreram seis grandes eventos de agitação social e política que tiraram a antiga

civilização à força dos padrões culturais e políticos que prevaleceram por mais de dois milênios. Quais foram esses seis grandes eventos e quais foram suas implicações?

Michael Kelly – O primeiro já foi mencionado: as Guerras do Ópio e os Tratados Desiguais; depois, foi a Rebelião de Tai Ping, clamada como a revolução que, em termos relativos, custou mais vidas do que qualquer levante na história humana; depois veio a Rebelião dos Boxers, à qual os europeus responderam com uma eficiência implacável; a próxima revolta foi a revolução inspirada em Sun Yet Sem⁶, que acabou com a dinastia Ching; que foi seguida por um período de guerra civil que durou, de uma forma ou de outra, duas décadas — o governo versus os Senhores da Guerra; depois, seguiu-se a invasão japonesa, que só terminou com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, o que permitiu a retomada da guerra civil e que os comunistas tomassem Beijing e expulsassem os nacionalistas para Taiwan em 1949.

IHU On-Line – Quais são os três pontos fundamentais do livro *A Call to Mission: A History of the Jesuits in China 1842-1954*, do padre David Strong, para compreender a China?

Michael Kelly – David está em melhor posição para falar por si mesmo sobre isso. Mas eu acho que há mais do que três pontos fundamentais a serem tirados de um estudo de 1.000 páginas (e o meu resumo é necessariamente parcial e simplista de um trabalho tão vasto).

São eles: o livro é o registro de 1.200 europeus na China que demonstraram um monumental autossacri-

fício ao se entregarem a serviço de um povo que eles frequentemente não entendiam; essa auto-oferta está ligada ao DNA dos jesuítas; esse período de envolvimento jesuíta estava em forte contraste com o período anterior, do século XVI ao século XVIII, porque o período anterior foi algo desenvolvido nos termos estabelecidos pelo governo imperial chinês, enquanto o período a partir de 1842 foi facilitado pelas potências imperiais; os jesuítas vindos da Europa e dos Estados Unidos, muitas vezes, não estavam bem equipados para incorporar e incluir os católicos chineses naquilo que estavam desenvolvendo, considerando-os não aptos à tarefa; no entanto, o que permaneceu depois da sua partida foi aquilo sobre o qual a Igreja hoje foi construída.

IHU On-Line – Quais os maiores desafios e os maiores erros quando se busca compreender a China hoje?

Michael Kelly – O maior desafio é: como desenvolver uma missão que atue sobre pressupostos e recursos chineses, e não europeus ou americanos.

Os maiores erros: hoje nós já superamos a crença errônea de que os comunistas logo cairão por serem apenas um governo interino, mas isso abre caminho para desenvolver tanto uma noção romantizada de quanto bem e de quanto facilmente os católicos podem trabalhar com a China, quanto um cinismo enrijecido que acredita que nunca poderemos trabalhar com a China enquanto os comunistas estiverem no comando. O progresso será lento e só acontecerá em pequenos passos.

IHU On-Line – Por quais razões o Partido Comunista da China tem conseguido se manter no poder desde 1949?

Michael Kelly – Mao tem a resposta: o poder político cresce a partir do cano de uma arma. Controlar o Exército, a polícia e o crescente aparato de segurança e de inteli-

5 ATF Press, 2018. (Nota da IHU On-Line)

6 Sun Yat-sen (1866–1925): foi um estadista, político e líder revolucionário chinês. Como o principal pioneiro da China republicana, Sun é frequentemente referido como o Pai da Nação. Desempenhou um papel fundamental na derrubada da Dinastia Qing em outubro de 1911, a última dinastia imperial da China. Foi o primeiro provisório quando a República da China foi fundada em 1912 e mais tarde co-fundador do Kuomintang, onde atuou como seu primeiro líder. Sun foi uma figura de união na China pós-imperial e continua a ser o único entre os políticos chineses do século XX a ser amplamente reverenciado entre os povos de ambos os lados do Estreito de Taiwan. (Nota da IHU On-Line)

gência significam que o Partido, por meio de todos os seus instrumentos, mantém a gestão íntima, direta e micro de todo e qualquer cidadão, até mesmo daqueles que estão além das fronteiras geográficas da China.

Mas a outra coisa é que o Partido Comunista da China tem proporcionado prosperidade a muitos chineses, que há muito tempo caíram na armadilha da pobreza por causa da rígida dedicação a um modelo econômico (a economia marxista) que simplesmente não funciona.

IHU On-Line – Quais são as particularidades do comunismo na China? Quais suas principais diferenças em comparação com o comunismo que havia no Ocidente?

Michael Kelly – Uma pergunta estranha. Não há comparações com o comunismo chinês no Ocidente. Isso terminou em 1989. A única comparação possível é Cuba, e o seu governo se baseia nas mesmas coisas (controle político, militar e policial), junto com a aceitação da economia marxista, que simplesmente não funciona.

A China deixou de ser uma economia marxista com as reformas de Deng a partir de 1978. Politicamente, ela continua sendo um Estado leninista, que é apenas um exemplo nada notável de totalitarismo.

IHU On-Line – Alguns analistas chamam atenção para a aceitação do atual presidente chinês, Xi Jinping, no Partido Comunista da China - PCC, mas também advertem que isso pode mudar no 20º Congresso do PCC a ser realizado em 2022. Qual sua leitura de Xi Jinping, sua influência e aceitação no PCC e sua relação com o Ocidente e o Oriente?

Michael Kelly – Uma pergunta ampla ou uma série de perguntas às quais — neste contexto limitado — eu só posso apenas oferecer alguns breves comentários.

A ascensão de Xi foi facilitada pela

corrupção flagrante de alguns de seus principais concorrentes no Partido e, depois, pela repulsa geral dos chineses comuns ao alcance e à extensão da corrupção no Partido. Xi sabia que a limpeza do Partido era uma questão “ou vai ou racha” para a retenção de poder do Partido.

Xi tomou a iniciativa permitida por essa circunstância (concorrentes corruptos e desacreditados) de agarrar tanto poder quanto podia, culminando na concessão a si mesmo de um mandato sem fim à frente do Partido, que agora não tem nenhum limite de tempo e, na realidade, subsume o governo.

No entanto, três coisas estão levando muitos comentaristas a verem o seu domínio inquestionável sob ameaça: a economia chinesa está começando a mostrar os efeitos da falsa administração, das falsas estatísticas e de um período de crescimento massivamente financiado por dívidas; a guerra comercial com os Estados Unidos está ficando fora de controle e só pode significar problemas para a China; uma série de escândalos médicos e farmacêuticos que minam a confiança que os chineses depositam no governo fornecedor de tudo.

A estas coisas, eu acrescentaria mais uma: uma população envelhecida cuja composição está agora muito comprometida por causa da política do filho único.

IHU On-Line – Qual é o projeto deste novo governo para a China? Ainda nesse sentido, como o Partido Comunista Chinês vislumbra a inserção chinesa no mundo?

Michael Kelly – O governo de Xi é totalitário e, como todos os governos totalitários, espera interagir com o mundo em geral nos seus próprios termos. O plano *Belt and Road* é um exemplo clássico disso.

Política e militarmente, a China espera interagir com o mundo como uma grande potência respeitada, o que preocupa alguns de seus vizi-

nhos e a maior potência militar do mundo — os Estados Unidos.

IHU On-Line – Quais são hoje os principais parceiros da China e, de outro lado, quais são os principais países que se opõem à expansão chinesa?

Michael Kelly – A China tem uma política externa que busca se engajar com todos e neutralizar a oposição. Seus principais concorrentes são o Japão, os Estados Unidos, a Rússia e a Índia. Seus “amigos” se encontram principalmente na Ásia — Coreia do Norte, Camboja, Mianmar. Depois, há muitos outros com os quais a China tem fortes relações comerciais, mas pelos quais sente pouca simpatia — como Austrália, Malásia, Indonésia, Cingapura, Vietnã.

IHU On-Line – Muitos analistas têm chamado atenção para uma reorganização geopolítica no mundo a partir da ascensão chinesa. Como o senhor vê essa possibilidade e quais seriam as consequências políticas, econômicas e culturais disso para o mundo como um todo?

Michael Kelly – Estamos no fim do século estadunidense. A China tem um longo caminho a percorrer para se equiparar aos Estados Unidos (em termos econômicos e militares) e pode não chegar lá, devido ao envelhecimento de sua população e às suas complexidades econômicas.

O resto do mundo fará aquilo que o resto do mundo precisa fazer para acomodar uma China em crescimento. Mas nada está garantido sobre a ascensão da China, como mostra o exemplo do Japão. Depois de mais de duas décadas de crescimento econômico explosivo, o Japão definiu em estagnação econômica nos últimos 25 anos. Muitos preveem que esse é o destino ao qual a China está se dirigindo.

Os chineses estão por toda parte no mundo, e os chineses ricos estão fazendo de tudo para sair da China e para se estabelecer em outros

países. Isso não vai parar. De fato, é um padrão que tem centenas de anos em muitas partes do Sudeste Asiático. Agora, com o transporte e as comunicações como estão e a mobilidade do capital e do trabalho, isso só aumentará.

IHU On-Line – Como tem observado as relações entre o governo chinês e o Vaticano? Quais os avanços mais recentes na busca pelo estreitamento dos laços nessa relação? Ainda nesse sentido, quais são os principais impasses dessa relação?

Michael Kelly – O Vaticano e Pequim chegaram à proposta de reaproximação a partir de lugares muito diferentes. O interesse do Vaticano é garantir a vida ordenada e protegida da Igreja na China. O governo chinês está interessado em assegurar a participação ordenada e controlada dos católicos na China. Mas a recente re-

abertura das discussões — principalmente sobre a nomeação de bispos — chega em um momento de crescente assédio e ampliação do controle de todas as comunidades religiosas na China, porque o governo comunista da China vê as comunidades religiosas, assim como todos os governos chineses viram as comunidades religiosas ao longo da história chinesa, como centros de sedição.

As discussões podem continuar, mas eu espero que seja necessário que haja uma oscilação periódica no sentimento do governo chinês para que mais passos sejam dados e para que sejam feitos progressos reais.

IHU On-Line – Por que o senhor tem argumentado que um possível acordo do Vaticano com a China será um erro?

Michael Kelly – Neste estágio, seria um erro, porque uma grande oscilação está acontecendo contra as

religiões na China, e qualquer coisa que os negociadores chineses possam oferecer ao Vaticano seria agora inevitavelmente anulado na prática pelas autoridades pelo modo como a Frente Única, na realidade, administra o acordo.

IHU On-Line – Como observa as práticas religiosas na China? Há espaço e liberdade para manifestação religiosa?

Michael Kelly – A repressão está crescendo — crianças não podem ir à igreja para a missa; fiéis são pressionados e postos sob escrutínio; freiras católicas são impedidas de oferecer serviços; budistas tibetanos são perseguidos; muçulmanos são postos em campos de reeducação... e a lista continua.

Mas, embora as coisas estejam feias agora, elas não precisam e não devem continuar assim.■



medium.com/@_ihu

Giorgio Agamben

A força de um pensamento que percebeu o traço profano da racionalidade moderna

ihu.unisinos.br

Catolicismo: uma ponte para ligar a China ao mundo

Para Francesco Sisci, apesar do crescimento e da influência econômica, ainda há uma lacuna entre o gigante asiático e o Ocidente, mas que pode ser preenchida pela Igreja

João Vitor Santos e Ricardo Machado | Tradução: Isaque Gomes Correa

70

Acolhendo a ideia de que o mundo de hoje é predominantemente alicerçado em valores e lógicas ocidentais, só seria possível de fato conquistar esse mundo se estivesse em consonância com essas perspectivas. É olhando por essa perspectiva que se pode compreender porque a abertura da China em relação à Igreja Católica tem se dado de forma tão intensa nos últimos tempos. “Se a China quer se tornar uma grande potência, precisa se enquadrar neste mundo e, de novo, ganhar apoio. Neste processo de dar-se bem com a Igreja Católica, talvez a China possa aprender muito”, destaca Francesco Sisci. Para ele, pela primeira vez a China compreendeu a importância da influência da Santa Sé no mundo. “Do lado do Vaticano, penso na compreensão deste papa que vem da América Latina, uma compreensão não envolvida grandemente no pensamento romano”, completa, ao pontuar o grande interesse desse pontificado em acolher diversas formas de ‘ser católico’.

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Sisci observa os meandros dessa relação que parece servir para ambos os lados. “É claro que não existe nenhuma solução mecânica: você fica comigo um mês e, então, aprenderá a falar a minha língua. Não é assim”, complexifica. Além disso,

observa que essas relações não podem ser reduzidas a categorias imperialistas em uma tentativa de usar do outro para ganhar espaço. “Não penso haver uma estratégia chinesa de expansão. O que acontece é que, de fato, a China cresce economicamente e cresce também em sua pegada política, econômica e, evidentemente, cultural”, analisa. E completa: “O que eu diria é que na expansão chinesa — econômica, política e cultural (expansão da sua influência) —, a religião pode desempenhar uma função. Isto é, a China precisa do cristianismo, de novo, para preencher uma lacuna com o restante do mundo”.

Francesco Sisci é italiano, escritor e especialista na civilização e história chinesas. Atualmente é pesquisador sênior da People’s University da China e, desde o país asiático, escreve para diversas publicações sobre questões geopolíticas. Em 2016, o papa Francisco concedeu a ele a primeira entrevista sobre a China que teve grande repercussão no mundo todo¹. Entre seus livros publicados, destacamos *China: in the Name of Law. A New Global Order* (goWare, 2016), *La Cina cambia. Piccola antropologia culturale dei grandi mutamenti a Pechino* (goWare, 2015) e *Chi ha paura della Cina* (Ponte alle Grazie, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual a sua avaliação sobre a atual relação entre a China e a Santa Sé?¹

Francesco Sisci – Essa questão é extremamente importante, porque a China é a potência emergente no mundo. E, pela sua ascensão, tem transfor-

mado muitos elementos geopolíticos também. No entanto há inúmeras questões, como o fato de a China, por vários motivos, ser muito diferente do resto do mundo, mas que tem adotado práticas ocidentais, queiramos ou não.

¹ Leia sobre a entrevista, reproduzida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em <http://bit.ly/2CnEIZH>. (Nota da

IHU On-Line)

“A Santa Sé pode desempenhar um enorme papel na tentativa de preencher a lacuna de compreensão entre esse país e o mundo”

Por outro lado, a grande questão é que não se pode simplesmente desejar que a China vá embora. A China veio para ficar e terá um impacto. Mas também devemos evitar um choque entre a China e o restante do mundo. Nesse sentido, a Santa Sé pode desempenhar um enorme papel na tentativa de preencher a lacuna de compreensão entre esse país e o mundo, pois o Vaticano, a Santa Sé, tem interesse na paz. Portanto, nesse sentido, a normalização das relações poderia ser extremamente importante para todos.

IHU On-Line – Que mudanças, numa perspectiva histórica, esse pontificado tem trazido à relação Santa Sé e China?

Francesco Sisci – Vejo mudanças mais intensas, por vários motivos. Do lado chinês, a razão é que a China, pela primeira vez, percebeu a importância da influência da Santa Sé. E, portanto, aqui há um interesse na normalização das relações. Pela primeira vez, o governo chinês está disposto a avançar nessa relação.

Do lado do Vaticano, penso na compreensão deste papa que vem da América Latina, uma compreensão não envolvida de forma mais profunda o pensamento romano. Penso também neste secretário de Estado, Parolin², quem tem grande experiência em lidar com os chineses. Aqui temos uma combinação de duas figuras que têm uma abordagem e

uma experiência novas ao lidar com a China. A química pode funcionar.

No entanto, há um problema. Isto é, nas últimas duas décadas, a atmosfera internacional em torno da China esteve positiva para a normalização das relações. E também essa atmosfera esteve positiva em torno da Igreja Católica. Hoje, há uma atmosfera em torno da China muito negativa. Uns pensam que existe uma guerra comercial, e há inúmeros choques geopolíticos com o país. Então, há elementos positivos, mas também elementos negativos. Devemos observar como as coisas vão se desdobrar.

IHU On-Line – Como está, hoje, a relação do episcopado chinês com o papa Francisco?

Francesco Sisci – Penso que existe um grande apreço pelo papa Francisco. Eles leem as homilias, os seus discursos e o Papa consegue, de algum modo — estes materiais também são traduzidos para o chinês — tocar a alma do povo. O Papa fala aos chineses por tratar de temas, eu diria, comuns. Ele é um pastor, consegue se fazer presente, o que o difere dos outros papas que, de fato, não conseguiram comunicar o que o povo chinês sentia.

IHU On-Line – Como é ser católico na China? Por outro lado, em que medida a China se abriu ao catolicismo?

Francesco Sisci – Eis um tema longo e complexo. Como é ser católico na China não é grande coisa. Quero dizer, vamos à igreja, vamos à missa. Não há restrições, a menos que se queira fazer

algo do tipo fora da lei. Mas se a pessoa quer se comportar — se a pessoa se comporta — dentro da lei, não há, de fato, nenhuma restrição.

O catolicismo na China tem uma história complexa, muito longa. Eu diria que ela foi muito importante no século XVII com os jesuítas³, mas que ficou confinada somente em Pequim, só dentro da corte do imperador. E então, depois que a ordem dos jesuítas foi dissolvida, seus membros foram mandados embora e alguns permaneceram na clandestinidade.

O catolicismo retornou no meio do século XIX com as tropas francesas, com a Segunda Guerra do Ópio⁴. Desde então, o catolicismo tem estado marcado por elementos do colonialismo. E este fator permaneceu por muitas e muitas décadas. Só recentemente eu diria que a Igreja Católica conseguiu rever estes elementos colonialistas e renascer na China.

IHU On-Line – Que associações podemos fazer entre o soft power chinês⁵ e a aproximação com o Vaticano?

³ O IHU publicou uma série de textos acerca do papel dos jesuítas na China. Entre eles *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, revista IHU On-Line número 347, de 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/2pgdJ90>; *A contribuição dos jesuítas no Oriente*, entrevista com John Witek, publicada na revista IHU On-Line número 196, de 18-10-2006, disponível em <http://bit.ly/2peOCU8>. Leia mais em ihu.unisinos.br (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Segunda Guerra do Ópio**: foi uma guerra do Império Britânico e do Segundo Império Francês contra a dinastia Qing da China entre 1856-1860. Esta guerra pode ser vista como uma extensão da Primeira Guerra do Ópio, daí o nome que lhe foi atribuído. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Soft power** (em português, poder brando, poder de convencimento ou poder suave): é uma expressão usada na teoria das relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político - um Estado, por exemplo - para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Pietro Parolin** (1955): é um cardeal italiano da Igreja Católica. Em 31 de agosto de 2013, o Papa Francisco o nomeou para substituir o cardeal Tarcisio Bertone como Secretário de Estado do Vaticano. (Nota da **IHU On-Line**)

Francesco Sisci – Em teoria, a China precisa do Vaticano. A China tem uma visão de mundo diferente, este país precisa de uma narrativa diferente. Nesse sentido, aprender com o Vaticano, permanecer com a Santa Sé, em teoria, pode ajudar o país. É claro que não existe nenhuma solução mecânica: você fica comigo um mês e, então, aprenderá a falar a minha língua. Não é assim. É mesmo uma oportunidade, mas esta oportunidade precisa ser explorada, e não sabemos, na verdade, no que irá resultar.

IHU On-Line – Essas aberturas da China a outras culturas seriam uma nova forma de se sobrepor e impor sua lógica ao diferente, o outro?

Francesco Sisci – Em teoria, sim, porque se exige dos católicos chineses que sejam tanto chineses quanto universais. Eles têm que se fundar na cultura chinesa, mas, ao mesmo tempo, têm de pertencer à Igreja universal. Isto é típico da fé católica. Como disse o papa Francisco, a Igreja Católica respira com dois pulmões: um é o pulmão local e o outro é o pulmão universal. São necessários dois pulmões para respirar adequadamente.

Isso pode não servir só para os católicos. O povo chinês também precisa ser, evidentemente, chinês e universal. Eles não podem se isolar do mundo, precisam pertencer ao restante do mundo. Então, de certa forma, os chineses — todos os chineses — precisam se tornar mais universais. Talvez a Igreja Católica tenha de se tornar mais chinesa na China, mas certamente o povo chinês precisa se tornar mais católico, universal, também.

IHU On-Line – Em que medida a ascensão da China como uma potência mundial pode impactar a cultura ocidental?

Francesco Sisci – A ascensão da China como potência mundial é uma grande incógnita. Há muitas questões, muitas preocupações. A China precisa abordá-las. Não é possível ascender a uma grande potência e assustar a todos. É pre-

ciso apoio do exterior assim como, evidentemente, dentro do próprio país. Não se pode ignorar a oposição que se tem fora dele. Portanto, se a China quer se tornar uma grande potência, precisa se enquadrar neste mundo e, de novo, ganhar apoio. Neste processo de dar-se bem com a Igreja Católica, talvez a China possa aprender muito.

IHU On-Line – A democracia, categoria tipicamente ocidental, poderia ser soterrada pelo soft power chinês?

Francesco Sisci – A democracia é uma ferramenta de governo, um instrumento de governo. Não é que o Ocidente sempre fez uso da democracia o tempo todo, pois houve épocas em que havia rei, havia imperadores. Quero dizer, durante a maior parte da história ocidental não houve democracia. No entanto, hoje, a democracia é o menor mal das ferramentas de governo. E de fato acredito que a China precisa de algumas reformas democráticas.

Dito isso, a aproximação com a Igreja Católica pode ajudar a China? Não sei. Espero que sim. Definitivamente, não acho que a Igreja esteja no negócio de difundir democracia. Claro que ela se preocupa com a liberdade de crença, com o bem-estar do povo, mas a Igreja não é uma espécie de instituição política que visa impor a democracia, ou o que quer que seja. Portanto, tenho certeza de que há alguma relação entre a Igreja Católica, a China e a democracia. Mas, de novo, não é uma relação mecânica.

IHU On-Line – Como avalia a relação do partido comunista chinês com outras religiões? Qual a questão de fundo presente quando de Xi Jinping?

6 Xi Jinping (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, o presidente da China, o diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na

fala sobre as religiões?

Francesco Sisci – Xi Jinping fala sobre religião e o seu antecessor, Hu Jintao⁷, falava também. Desde o 17^o Congresso do Partido⁸ em 2007, eles perceberam que a religião pode desempenhar um papel bastante positivo no que chamaram de harmonia social. Perceberam que a sociedade é complexa, que é difícil administrar e, nesta administração da sociedade, a religião pode ter uma boa função. E, na verdade, temos aqui um avanço importantíssimo no sentido de que a religião pode ter um papel bastante positivo na administração da sociedade. Mas também o Partido Comunista quer se certificar de que ele possui o comando, que possui o poder político. Então, aqui estamos num campo bastante delicado. É claro que a Igreja quer manter todos os seus poderes religiosos, e que o Partido Comunista, na China, quer manter todo o seu poder político.

No entanto, só por causa disso — um tem a ver com política, um tem a ver com religião — em teoria, é que pode haver espaço para um compromisso, porque as duas áreas, as duas esferas, teoricamente não se tocam. Uma tem a ver com política; a outra, com religião. Na prática, é claro, mas as coisas não são tão claras. Se os dois lados estiverem dispostos, em teoria essas questões podem ser superadas, de um jeito ou de outro.

provincia vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista Time. Em 2017, foi eleito pelo The Economist o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Hu Jintao (1942): é um político chinês, ex-Presidente da República Popular da China e ex-Secretário-Geral do Partido Comunista da China. Foi escolhido no dia 04 de Novembro de 2010 pela revista Forbes como a pessoa mais poderosa do mundo, entrando no lugar do então presidente do Estados Unidos, Barack Obama, após a derrota para a oposição nas eleições intercalares. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Partido Comunista da China: é o partido que governa a China desde 1948. O partido foi fundado em julho de 1921 em Xangai. O P.C. da China passou por momentos de dificuldades. Seus primeiros passos foram orientados pelo Komintern (Internacional Comunista sediada em Moscou que orientava os Partidos Comunistas do mundo inteiro). No final da Segunda Guerra Mundial o P.C. da China derrotou o KMT. Mao Tse Tung implantou a sua interpretação ortodoxa do marxismo-leninismo, durante as quase 3 décadas em que esteve no poder. Empreendeu a chamada "Revolução Cultural", com que tentou laicizar todo o estado e população chinesa. Hoje o Partido Comunista da China é composto de mais de 87 milhões de militantes. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – A mesma China que cresce e conquista mais espaço no cenário global, parecendo se abrir para as religiões, tem, hoje, segundo as Nações Unidas, mais de três milhões de muçulmanos uigures detidos em campos de “reeducação”. Como compreender essa realidade?

Francesco Sisci – A situação dos uigures é horrível, muito triste. Ao mesmo tempo, a questão [da Região Autônoma Uigur]⁹ de Xinjiang¹⁰ é também muito complexa. Havia fundamentalistas islâmicos em Xinjiang. Entretanto, é impossível achar que três milhões de pessoas, um milhão de pessoas ou centenas de milhares de pessoas estiveram envolvidas com o terrorismo ou fundamentalismo. O que aconteceu foi um erro grosseiro

⁹ **Uigures:** povo de origem turcomena que habita principalmente a Ásia Central. Os uigures são uma das 56 etnias oficialmente reconhecidas pela República Popular da China, consistindo de, aproximadamente, 8 680 000 pessoas, de acordo com o recenseamento chinês de 2004. Sua língua é o uigur. Na atualidade, os uigures vivem principalmente na região autônoma chinesa de Xinjiang, no extremo oeste do país. Há, também, grandes comunidades uigures no Paquistão, Cazaquistão, Quirguistão, Mongólia, Uzbequistão e Turquia, além de pequenas comunidades em bairros de grandes metrópoles como Pequim e Xangai, na República Popular da China e mesmo Toronto e Vancouver, no Canadá. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Xinjiang:** oficialmente Região Autônoma Uigur do Xinjiang, é uma região autônoma da República Popular da China (RPC). O Xinjiang limita-se ao sul com a região autônoma do Tibete e a sudeste com as províncias de Qinghai e de Gansu. Limita-se também com a Mongólia a leste, com a Rússia ao norte e com o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tajiquistão, o Afeganistão e as partes da Caxemira controladas pelo Paquistão e pela Índia a oeste. Xinjiang inclui a maior parte de Aksai Chin, uma região reivindicada pela Índia como a parte de seu estado de Jammu e Caxemira. (Nota da **IHU On-Line**)

de administração pelo poder chinês em Xinjiang durante, pelo menos, os últimos trinta anos, por motivos que são complexos demais para tratarmos aqui. O atrito entre os uigures e os hans¹¹, a maioria chinesa, ficou mais acirrada nestes trinta anos.

Na verdade, o atrito esteve relativamente contido, mas depois se acirrou. A China errou na administração destes conflitos. Aí, elementos do extremismo muçulmano revidaram. Nessa situação, o governo chinês reagiu conforme o seu sistema imperial, isto é, o de conter a população inteira. Não deixar ninguém do lado de fora. E daí, assim que todos estão contidos, permite-se soltar lentamente aqueles que são considerados seguros, por assim dizer.

A China poderia ter lidado com esta situação de uma forma diferente? Penso que sim. Mas, ao mesmo tempo, a China é a China. A China não é o Brasil, não é os Estados Unidos, não é a Itália. A China carrega a sua própria cultura, cultura que precisa mudar também na forma de lidar com temas complicados, como o terrorismo. No momento, a cultura chinesa de lidar com o terrorismo remonta aos tempos imperiais, isto é, isola-se um grupo e, depois, vê o que

¹¹ **Han:** é o maior grupo étnico da China (e de todo o mundo), representando quase 92% da população chinesa, ou seja, mais de 1,24 bilhão de pessoas (cerca de 18% da população mundial, equivalente à população da Índia). (Nota da **IHU On-Line**)

se faz. Infelizmente é assim.

IHU On-Line – Dentro desta estratégia da expansão chinesa, qual o espaço para a diversidade religiosa?

Francesco Sisci – Honestamente, não penso haver uma estratégia chinesa de expansão. O que acontece é que, de fato, a China cresce economicamente e cresce também em sua pegada política, econômica e, evidentemente, cultural. Mas é diferente, pensar algo em Pequim e mandar tropas para a Itália ou o Rio de Janeiro. É diferente. Então, eu não chamaria de uma estratégia de expansão. Não acho que seria uma avaliação justa.

Mas o que eu diria é que na expansão chinesa — econômica, política e cultural (expansão da sua influência) —, a religião pode desempenhar uma função. Isto é, a China precisa do cristianismo, de novo, para preencher uma lacuna com o restante do mundo. Na maior parte do mundo, os valores cristãos são muito importantes. E com os cristãos, tem consigo este espírito duplo de serem tanto locais quanto globais. Portanto, os cristãos chineses podem ajudar os demais chineses a se tornarem mais globais e, eu diria, os chineses poderiam se tornar mais globais na compreensão das questões que se levantam em seu país. ■

Leia mais

- **China-Vaticano: vigília de um possível acordo.** Artigo de Francesco Sisci, reproduzido nas Notícias do Dia de 25-2-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2wOf22e>.

- **China e Santa Sé. Como quebrar a confiança.** Artigo de Francesco Sisci e Francesco Strazzari, reproduzido nas Notícias do Dia de 18-2-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2NloVPI>.

- **Os mistérios chineses na guerra comercial com os Estados Unidos.** Artigo de Francesco Sisci, reproduzido nas Notícias do Dia de 18-8-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2MVOzd2>.

- **O papel de liderança do Partido da China sobre as religiões.** Entrevista com Francesco Sisci, reproduzido nas Notícias do Dia de 14-8-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2BSwMzm>.

- **Papa Francisco instiga o mundo a não temer a ascensão da China.** Entrevista com papa Francisco concedida a Francesco Sisci, reproduzida nas Notícias do Dia de 5-2-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2CnEIZH>.

Da vila de *Mr. Sun* à hiperurbanização chinesa

Guilherme Wisnik observa como a China vai transformando aldeias de pescadores em cidades gigantescas e as consequências desses empreendimentos para a cultura local e a saúde do planeta

João Vitor Santos

Quem tem interesse pelos temas da antropologia urbana já deve ter ouvido a história das pessoas que foram engolidas pelo “desenvolvimento” e pelo “progresso”, sendo forçadas a mudar de vida. Na China, o fenômeno é atualizado como hiperurbanização. Só que com uma diferença: “num espaço curto de tempo, no tempo de uma vida. São transições muito bruscas e muito traumáticas”, destaca o professor Guilherme Wisnik. Ele observa os efeitos dessa explosão pela história de *Mr. Sun*, que vê sua aldeia de pescadores se transformar numa cidade, sendo forçado a trocar seu lote por um terreno urbano. “Foi onde ele construiu um prédio de quatro andares, em que tinha a sua casa, andares que alugava, espécie de quartos para aluguel, como um hotel ou pensão, um cybercafé e, na cobertura, uma pequena horta em que ainda continuava plantando cenouras e beterrabas”, conta. Só que essa explosão urbana não para por aí e nos anos 1990 toda essa cidade é posta abaixo. “Depois, fazem grandes empreendimentos, como shopping centers com torres altas e outros edifícios altíssimos. E esse mesmo *Mr. Sun* tem que entregar o seu imóvel e trocá-lo por um apartamento minúsculo no 60º andar de um prédio”, pontua.

Na entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, Wisnik observa que as consequências vão além. Com um país com população imensa e com grandes recursos financeiros, as obras são em escala planetária, movem-se desertos e montanhas em nome de empreendimentos. “A Represa de Três Gargantas, que eles construíram para fazer a hidrelétrica que é a maior do mundo, deslocou tamanha quantidade de água que mudou o baricentro do planeta terra”, exemplifica.

Para o professor, a abertura da China a lógicas do consumo capitalista explica essa transformação urbana. “Hoje em dia, a China é claramente um país de economia capitalista e de um estilo de vida que vai se tornando cada vez mais capitalista. É um estilo de vida que não se adapta a uma vida rural e nem a uma vida de pequenas aldeias”, pontua.

Entretanto, se ao mesmo tempo uma cultura milenar é atravessada, a característica chinesa de cópia e adequações de padrões mundiais se fortalece. “Então, essa é uma tradição que podemos dizer que é chinesa. E, dentro disso, eles têm feito também cidades que são cópias de outras cidades do mundo”. Embora as novas cidades chinesas não se preocupem com a questão ambiental, também têm dado uma lição ao mundo sobre crescimento planejado. “É questionável, é feio, desumanizador de certa maneira, mas o país tem virtudes do ponto de vista de uma racionalidade de planejamento. Pode-se dizer que isso criou um novo paradigma”, sintetiza.

Guilherme Wisnik atua como professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP. É autor de livros como *Lucio Costa* (Cosac Naify, 2001), *Caetano Veloso* (Publifolha, 2005) e *Estado crítico: à deriva nas cidades* (Publifolha, 2009). Crítico de arte e arquitetura, foi curador do projeto de Arte Pública Margem (Itaú Cultural, 2008-10), e da 10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (2013), entre outros projetos.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 10-09-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2MFwE6n>.

Confira a entrevista.

“A China foi fazendo uma transição do socialismo para o capitalismo de uma forma não traumática”

IHU On-Line – No que consiste e como se dá o processo de hiperurbanização da China?

Guilherme Wisnik – A China é um país enorme, como todos sabem, é a maior população mundial; um terço ou um quarto da população mundial vive na China, e durante muito tempo o país teve uma política ostensiva de evitar a urbanização. Mao Tsé-Tung¹ era contra o inchaço urbano, contra as grandes cidades, industrializou o campo e tinha uma política explícita de impedir a migração do campo para a cidade. Assim, a China passou décadas, chegando até os anos 1990, com pouco movimento de urbanização, se comparado com os processos de urbanização no resto do mundo nesse período.

É preciso lembrar que São Paulo e Rio de Janeiro, as grandes cidades brasileiras, explodem a partir dos anos 1950, 1960, e nos anos 1970 as cidades já são um caos absoluto. Em outros países da Ásia, em cidades como Jacarta², ou Kuala Lumpur³, na Malásia, esse processo de

urbanização também aconteceu nos anos 1960, 1970. Hong Kong⁴, que é uma cidade que não pertence à China, foge dessa regra e cresceu muito. E, claro, Pequim⁵ e Xangai⁶ eram cidades grandes. Mas, hoje, quando falamos de hiperurbanização, significa que aquela política de Mao Tsé-Tung foi revertida, e se atualmente a China como regime comunista se abriu para a economia de mercado, ela se abriu também para o consumo absolutamente voraz de todos os objetos e produtos que compõem o capitalismo.

IHU On-Line – Então essa adesão a uma lógica similar ao capitalismo foi a grande responsável pela virada da organização urbana da China?

de habitantes em 2006. A Grande Kuala Lumpur, também conhecida como Vale Kelang, é uma aglomeração urbana com 7,2 milhões de pessoas. É a região metropolitana com o mais rápido crescimento do país, tanto em população quanto na economia. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Hong Kong** é uma das duas regiões administrativas especiais da República Popular da China, sendo a outra Macau. Uma Região Administrativa Especial da República Popular da China, situada na costa sul da China e delimitada pelo delta do Rio das Pérolas e pelo Mar da China Meridional, é conhecida por seu horizonte repleto de arranha-céus e por seu profundo porto natural. Com uma área de 1 104 km² e uma população de 7 milhões de pessoas, Hong Kong é uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. A população da cidade é composta por 95% de pessoas de etnia chinesa e 5% de outros grupos étnicos. A maioria chinesa Han da cidade é originária, principalmente, das cidades de Guangzhou e Taishan, na vizinha província de Guangdong. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Pequim**: é a capital da República Popular da China e uma das metrópoles mais populosas do mundo. Em 2013 a população da cidade foi estimada em 20.150.000 habitantes. A cidade, localizada no norte da China, é governada como uma municipalidade diretamente controlada pelo governo nacional, com 14 distritos urbanos e suburbanos e dois condados rurais. O município de Pequim é cercado pela província de Hebei, com exceção da municipalidade vizinha de Tianjin, ao sudeste. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Xangai**: é a maior cidade da República Popular da China e uma das maiores áreas metropolitanas do mundo, com mais de 24 milhões de habitantes. Localizada na costa central da China oriental, na foz do rio Yangtze, a cidade é administrada como um município chinês, com estatuto de nível de uma província. (Nota da **IHU On-Line**)

Guilherme Wisnik – Sim, isso se dá em grande medida devido a essa abertura da economia planificada para a economia de mercado. A China foi fazendo uma transição do socialismo para o capitalismo de uma forma não traumática, diferentemente dos países do bloco do leste europeu, que eram a cortina de ferro e, com a queda do Muro de Berlim, se deu uma transição traumática.

Agora, hoje em dia, a China é claramente um país de economia capitalista e de um estilo de vida que vai se tornando cada vez mais capitalista. É um estilo de vida que não se adapta a uma vida rural e nem a uma vida de pequenas aldeias. A própria inclusão na vida capitalista significa também a inclusão na lógica da especulação imobiliária, ou seja, construir cidades, demolir vilarejos e ter uma quantidade muito grande de obras de construção civil faz parte dessa dinâmica. Lembrando que o mercado imobiliário é responsável por grande parte da lucratividade da economia capitalista.

IHU On-Line – Podemos compreender essa hiperurbanização da China como uma ocidentalização pela via do capitalismo?

Guilherme Wisnik – Sim, é uma ocidentalização só que numa escala oriental, numa escala de uma população absurdamente grande, que é maior do que qualquer uma do Ocidente. Eu digo oriental porque não é só chinesa, a maior cidade do mundo é Tóquio, no Japão. A ideia de aglomeração, de multidão realmente im-

¹ **Mao Tsé-Tung** (1893-1976): ditador, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação, em 1949, até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo e suas estratégias militares e políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e, posteriormente, conduzindo o Partido Comunista Chinês até a vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Jacarta**: é a capital e maior cidade da Indonésia. Situa-se na ilha de Java e conta com cerca de 18,2 milhões de habitantes na sua área metropolitana. Foi fundada em 1619 pelos neerlandeses com o nome de Batávia, junto à aldeia javanesa de Jacarta. Foi ocupada pelos ingleses entre 1811 e 1814. Tomou o nome atual em 1949. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Kuala Lumpur**: é a capital e a maior cidade da Malásia. A cidade propriamente ocupa uma área de 244 quilômetros quadrados, tem uma população estimada de 1,6 milhão

pressionante é mais oriental do que ocidental. Mas, sim, é um dos efeitos da ação do Ocidente sobre a China.

IHU On-Line – O senhor destacou que, de modo geral, o mercado imobiliário é o grande impulsionador da hiperurbanização. Gostaria que o senhor detalhasse como isso se dá no contexto chinês.

Guilherme Wisnik – David Harvey⁷ explica bem como o mercado imobiliário tem papel central no capitalismo. Desde a reforma de Paris no século XIX⁸ se percebeu que grandes obras em escala urbana podem reverter crises econômicas, e isso tem sido feito ao longo dos tempos. Essa associação entre mercado imobiliário e capital financeiro é, ao mesmo tempo, responsável pelas grandes bolhas, pelos estouros recentes, mas também pela estabilização do sistema num momento de superprodução. É isso que entrou com força no caso chinês.

Tem um livro chamado *How the city moved to Mr. Sun: China's new megacities*⁹, de dois holandeses, Michiel Hulshof¹⁰ e Daan Roggeveen¹¹, que traz um caso emblemático que aconteceu com muita gente. Sun era um senhor, um agricultor de um vi-

larejo semirrural e, de repente, no final dos anos 1980, houve um processo de urbanização forçada desse lugar e o vilarejo se transformou numa cidade; com isso, Sun teve que entregar suas terras em troca de um terreno num lote na cidade. Foi onde ele construiu um prédio de quatro andares, em que tinha a sua casa, andares que alugava, espécie de quartos para aluguel, como um hotel ou pensão, um cybercafé e, na cobertura, uma pequena horta em que ainda continuava plantando cenouras e beterrabas. Eles chamam esse estágio de *village on the city* – a aldeia na cidade –, um estágio intermediário em que já se tem uma cidade, mas ainda se tem uma certa memória da cidade antiga e uma escala ainda humana em que o sujeito tem o lote dele.

Depois vem um novo momento, no fim dos anos 1990, no qual essa cidade que foi construída é toda demolida e vem o mercado imobiliário, através do governo central do Estado – essa é uma associação curiosa, o mercado imobiliário junto com o governo central –, e desapropria todo mundo. Depois, fazem grandes empreendimentos, como shopping centers com torres altas e outros edifícios altíssimos. E esse mesmo *Mr. Sun* tem que entregar o seu imóvel e trocá-lo por um apartamento minúsculo no 60º andar de um prédio. Isso acontece com muita gente lá, num espaço curto de tempo, no tempo de uma vida, de uma geração. São transições muito bruscas e muito traumáticas.

IHU On-Line – A partir disso, que tipo de cidade a China tem produzido?

Guilherme Wisnik – É o que o arquiteto holandês Rem Koolhaas¹² chama de cidade genérica; são

cidades muito novas, cidades sem nenhuma especificidade. A ideia de cidade genérica está ligada a outro conceito da antropologia urbana que se chama “não lugar”. “Não lugar” é um lugar que não tem nenhum sentido de apropriação real pela população, porque não tem um vínculo histórico, não tem usos realmente construídos e interação entre as pessoas e aqueles espaços, são coisas construídas muito de cima para baixo. Esse conceito também está muito ligado aos lugares de passagem, por exemplo, autoestradas, vias expressas ou centros de comércio, de compras em que você está sempre em trânsito. São lugares desertificados do ponto de vista da apropriação humana. E essas cidades que a China está construindo são como imensos “não lugares”, elas têm essa característica da cidade contemporânea.

IHU On-Line – Ou seja, deixa-se a tradição da cultura oriental sempre tão forte e se rende a lógicas globais genéricas de megametrópoles?

Guilherme Wisnik – Sim, tanto que há fotos impressionantes dos antigos bairros chineses sendo demolidos para a construção dessas cidades genéricas. Agora, é importante lembrar que a China tem também uma tradição de copiar tudo. São esses *made in China* que tanto conhecemos, feitos por eles sem pedir permissão, sem *royalties* de nada, eles simplesmente clonam as coisas e copiam. Então, essa é uma tradição que podemos dizer que é chinesa. E, dentro disso, eles têm feito também cidades que são cópias de outras cidades do mundo.

Em volta de Xangai, há um anel de cidades novas em que cada cidade é a cópia de algum lugar do mundo. Assim, tem a cidade que imita Londres, com seus ônibus vermelhos de dois andares, com telefones públicos característicos, os guardas que se vestem com aquelas roupas londrinas. Outra cidade imita a Holanda, onde há os canais como se fosse Amsterdã. E, ao mesmo tempo, eles têm os famosos parques de atração

⁷ David Harvey (1935): é um geógrafo marxista britânico, formado na Universidade de Cambridge. É professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Reformas de Paris: transformações de Paris no Segundo Império, também conhecidas como a Reforma Urbana de Paris ou a Renovação de Haussmann, foi um vasto programa de obras públicas de modernização da capital francesa promovida por Georges-Eugène Haussmann entre 1852 e 1870. Haussmann, o então prefeito do departamento do Sena, concentrou os esforços da renovação urbana no sentido de promover melhorias nas manobras militares, assim como na circulação e na higienização da capital da França. Para tal fim, demoliu inúmeras vias pequenas e estreitas residuais do período medieval, e criou imensos boulevards organizadores do espaço urbano, assim como jardins e parques. (Nota da IHU On-Line)

⁹ SUN Books, 2010. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Michiel Hulshof: é jornalista, pesquisador, atuou em vários meios de comunicação holandeses e estrangeiros. Em 2001, escreveu sua primeira história para a *Vrij Nederland*, quando passou a trabalhar na revista como editor político, correspondente da China. Em seu trabalho jornalístico, Michiel se concentra em descrever as tendências sociais - da ascensão das megacidades aos efeitos da robotização. Junto com o arquiteto Daan Roggeveen ele fundou o *Go West Project*, que pesquisa megacidades da Ásia, Europa e África. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Daan Roggeveen: arquiteto e sócio da MORE Architecture, empresa multidisciplinar que ele fundou com Robert Chen. Com sede em Xangai e Amsterdã, a MORE busca criar noções contemporâneas de coletividade nos projetos em que trabalham globalmente. Com o jornalista Michiel Hulshof, Roggeveen iniciou o *Go West Project*, um grupo de reflexão focado nas megacidades emergentes. (Nota da IHU On-Line)

¹² Remment Lucas “Rem” Koolhaas: arquiteto, urbanista e teórico da arquitetura neerlandês. É professor de arquitetura e desenho urbano na Universidade Harvard. Começou a chamar a atenção do público e da crítica a partir de 1975, quando, juntamente com os arquitetos Madelon Vriesendorp (sua esposa), Elia Zenghelis e Zoe Zenghelis fundou em Londres, o OMA - Office for Metropolitan Architecture e, posteriormente, a sua contraparte orientada para a pesquisa, a AMO, atualmente baseada em Rotterdam. Mais tarde, juntaram-se a eles Zaha Hadid, uma das alunas de Koolhaas, e outros parceiros como a Columbia Laboratory for Architectural Broadcasting. (Nota da IHU On-Line)

que são como o Epcot Center, na Disney, nos Estados Unidos, que são cópias dos monumentos do mundo. Há parques assim em Pequim e em Shenzhen¹³, como o parque *Window of the World* – a janela do mundo. Lá, é possível encontrar o Partenon, a Torre Eiffel, tem até o Congresso Nacional de Brasília. Trago essa ideia para contestar um pouco aquela ideia que trazia antes, pois essa perspectiva do genérico também é muito chinesa por esse sentido da tradição de fazer a cópia.

IHU On-Line – Pensando nessa perspectiva da cópia, quando a China quer construir uma grande cidade, para onde olha? Em que lugar busca inspiração?

Guilherme Wisnik – As referências são os Estados Unidos e as cidades mais tradicionais da Europa; no caso das cidades copiadas, a base são as cidades europeias. Mas o modelo da cidade genérica é a cidade norte-americana, a cidade de autopistas e de shoppings, como Los Angeles, Houston, Atlanta, Phoenix, nesse estilo.

IHU On-Line – Atualmente, quais as maiores e mais hiperurbanizadas cidades da China?

Guilherme Wisnik – Xangai e Pequim, com certeza, mas também Guangzhou¹⁴, no sul da China, Shenzhen e Chongqing¹⁵, estão en-

tre as principais. Na verdade, existe um grande polo de urbanização no sudeste da China que é o Delta do Rio Pérola¹⁶, que deságua em Hong Kong, e é onde estão Shenzhen, Guangzhou e outras grandes cidades. Ali foi a primeira região que chamaram de Zonas Econômicas Especiais; a abertura para o mercado capitalista começou ali por causa de Hong Kong.

Shenzhen é um caso muito impressionante, pois em 1980 era uma aldeia de pescadores e, hoje em dia, é uma cidade com quase 15 milhões de habitantes, onde é sede de uma das Bolsas de Valores da China (a outra fica em Xangai), tem os hotéis mais luxuosos do mundo, as principais empresas multinacionais. Isso é uma hiperurbanização, um crescimento muito rápido. Além dessa concentração do Delta do Rio Pérola, onde estão essas principais, tem ainda Chongqing, mais próximo ao centro da China, e Xangai e Pequim, mais perto da costa.

IHU On-Line – Ainda sobre o caso de Shenzhen, gostaria que o senhor detalhasse como se dá essa relação da cultura mais antiga, como de uma ilha de pescadores, com uma megacidade?

Guilherme Wisnik – Não se relaciona, é uma relação de apagamento. Eu visitei Shenzhen e percebi que ali há várias áreas que poderíamos chamar de favelas. Na verdade, são

aquelas construções de madeira ou tijolos que são mais precárias e poderiam ser pensadas como mais antigas. Eles têm ainda uma preservação da política de Mao Tsé-Tung. Na época de seu governo, por exemplo, o RG da pessoa, sua identidade, é da cidade em que ela nasceu e não se poderia trabalhar em outra cidade. Isso ocorria para manter as pessoas nos lugares e evitar migrações. Hoje, ainda se mantém algo dessa lei, mas de uma forma velada. As pessoas migram, chegam em outras cidades e conseguem trabalhar, mas são exploradas e não têm direito a nenhum benefício público, como hospitais, escolas. Assim, cria-se uma espécie de cidade informal dentro da cidade formal. São esses lugares que vemos e que podemos identificar como favelas. Isso seria uma certa sobrevivência da China antiga dentro da China atual.

IHU On-Line – Essa seria uma face das desigualdades que surgem dessa transformação da China camponesa para a urbana?

Guilherme Wisnik – Exatamente, se cria uma terrível desigualdade por causa dessas transformações. Mas, além desses casos, há também o caso de cidades fantasmas. No norte da China, por exemplo, tem uma cidade chamada Ordos Kangbashi¹⁷, na província da Mongólia Interior, que foi construída para um milhão de habitantes, e só tem cinco mil habitantes. É um grande paradoxo nesse processo de hiperurbanização, porque foi uma ação governamental e imobiliária que, de alguma maneira, fracassou, pois quis estimular um crescimento urbano naquela região que não aconteceu ainda. Essa cidade está nessa condição há mais de dez anos.

Curioso é que, quando você busca

13 **Shenzhen:** é uma das maiores e mais importantes cidades da China, localizada na província de Cantão (Guangdong), no sul do país, ao norte de Hong Kong. Foi a primeira cidade chinesa a abrigar uma zona econômica especial, implementada pelo governo chinês em 1979 e que transformou radicalmente a cidade, fazendo sua população crescer mais de 5000% nos últimos 33 anos, e sua economia, mais de 9000% desde então. De fato, o poderio econômico e influência populacional apresentados por Shenzhen – figurando hoje como um dos principais centros financeiros, urbanos, culturais e administrativos da China atual – é fruto do investimento estrangeiro, baseado na política da “abertura para o Ocidente”. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Cantão** ou **Guangzhou:** é uma cidade da República Popular da China, capital e maior cidade da província de Cantão (Guangdong). Localizada no sul do país, às margens do rio Zhu Jiang, e a cerca de 120 km ao norte de Hong Kong, a cidade é um importante centro portuário do país. Como uma das maiores cidades da China, possui o estatuto de subprovíncia administrativa. Com 12.780.800 habitantes (2010), a cidade figura como a terceira maior cidade da China, depois de Xangai e Pequim, e um dos maiores centros industriais, administrativos e financeiros do país. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Chongqing:** é o maior e mais populoso dos quatro municípios da República Popular da China que possuem o status de províncias, e o único deles que é localizado

no interior da China, que tem uma menor densidade populacional. Até 14 de março de 1997 apenas uma cidade dentro da província de Sichuan, o município de Chongqing tem uma população registrada de 5.402.721 (2005). (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Delta do Rio das Pérolas:** é um delta de rio e estuário no centro da Cantão, no sul da China. É formado por numerosos rios, e o rio das Pérolas é ele próprio parte do delta. A região do delta do rio das Pérolas inclui as cidades de Cantão, a capital provincial, e Shenzhen na fronteira com Hong Kong, que foi uma das primeiras áreas da China comunista a abrir-se ao comércio exterior, em grande medida na década de 1980. Hong Kong, no sul do delta, não pertence à planície deltaica e tem um estatuto político particular; esta cidade tem um papel chave na economia regional. O delta é uma das regiões mais desenvolvidas da China continental, com o delta do Yangtzé e a região de Pequim. Tem uma forte indústria de exportação. Na frente econômica, formou-se um «grande delta do rio das Pérolas», que ultrapassa os limites físicos do delta, para incluir as periferias próximas. Reagrupa Hong Kong e Macau, bem como as prefeituras de Guangzhou, Shenzhen Dongguan, Foshan, Zhongshan, Zhuhai e Jiangmen, e parte das de Huizhou e Zhaoqing. Esta área abarca aproximadamente 43.000 km² e tem cerca de 50 milhões de habitantes. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Ordos Kangbashi** ou **Distrito de Kangbashi:** também conhecido por seu nome mongol, o distrito de Hia Bagx ou distrito de Hia'bagx, é um distrito urbano da cidade de Ordos, no interior da Mongólia Interior, China. O distrito é internacionalmente conhecido por sua opulenta praça e monumentos cívicos e por ter poucos moradores em relação à grandezza do espaço construído que foi financiado pelo governo chinês. O número de residentes aumentou ligeiramente desde que o distrito foi construído pela primeira vez. (Nota da **IHU On-Line**)

as respostas para isso, observa que o governo diz sempre que não foi um problema, foi uma boa decisão porque a construção da cidade gerou emprego, movimentou a economia. É uma resposta bastante estranha. Entretanto, também encontrei um depoimento de um investidor imobiliário que mora em Pequim e que tem vários imóveis nessa cidade de Ordos e quando perguntaram se ele tinha feito um mau negócio, respondeu que não, que foi bom porque investiu numa cidade que não está sendo gasta, que vai ficar para sempre nova. Gostei muito dessa definição, porque ela me mostrou uma ideia perversa de que, através da China, podemos ver que a cidade contemporânea vai deixando de ter valor de uso e vai tendo apenas valor de troca, como se fosse um produto também que se pode comprar e vender conforme o desgaste.

IHU On-Line – Como toda essa explosão urbana da China tem impactado o meio ambiente?

Guilherme Wisnik – Essa é uma das maiores preocupações mundiais hoje, porque a China não tem políticas claras, nem progressistas, sobre a redução do impacto ambiental. Assim, as consequências são muito danosas, vemos muita emissão de poluentes. Em Pequim, por exemplo, o ar é preto, as pessoas andam com máscaras em função de tamanha poluição. Há uma combinação da questão atmosférica do lugar onde a cidade está e a poluição, a emissão de gás carbônico, que torna o lugar quase impossível de se viver.

Mas há, sobretudo, essa ideia de que sabemos que, se os padrões ocidentais de consumo forem realmente adotados pela população chinesa, o mundo não conseguirá suportar. Será gerado um desastre ambiental e de consumo de reservas fósseis, de água, que vai se tornar inviável. É um tema que tem preocupado muito, mas o problema é que estamos caminhando nessa direção, a China está se urbanizando e se adaptando ao consumo ocidental e num ritmo chinês.

IHU On-Line – No caso da construção das cidades, o senhor percebe essa falta de políticas ambientais? Para erguer um prédio, passa-se com uma retroescavadeira por cima de tudo? É isso que acontece?

Guilherme Wisnik – É isso mesmo e tamanha é a escala disso tudo que, às vezes, tem a revolta da natureza. Há cidades que foram construídas onde antes era um deserto; destruíram montanhas, afastaram desertos e quando ocorre uma tempestade de areia o deserto volta e toma a cidade. A urbanização chinesa demonstra uma luta insana da civilização contra a natureza, numa escala fáustica¹⁸, que é o pacto com o demônio.

IHU On-Line – O senhor percebe se dentro da China e na comunidade internacional há algum tipo de reação para tentar reverter esse quadro de extrema degradação ambiental?

Guilherme Wisnik – Na China não sei dizer, mas internacionalmente há muitas reações. O Greenpeace ataca muito essa política chinesa, e os congressos da Organização das Nações Unidas - ONU sobre questões ambientais também têm colocado essa questão.

IHU On-Line – Quais os riscos da hiperurbanização chinesa?

Guilherme Wisnik – É tudo isso que estamos tratando, a eliminação de um patrimônio cultural milenar, insustentabilidade de todos os pontos de vista, porque há consumo de água e de petróleo de forma desregulada, poluição do meio ambiente, mas não só dessas matérias-primas. A própria impermeabilização do solo fica comprometida com toda essa urbanização.

E vamos lembrar que quando falamos da China não estamos falando de qualquer lugar. A China construiu

a única obra humana que é visível da lua, que é a Muralha. A Represa de Três Gargantas¹⁹, que eles construíram para fazer a hidrelétrica que é a maior do mundo, deslocou tamanha quantidade de água que mudou o baricentro do planeta terra. É para esse tipo de situação que quero chamar atenção, pois quando falamos na China é nesse tipo de escala que as coisas acontecem. Esses problemas que são questões da urbanização em qualquer lugar do mundo, como emissão de gases, impermeabilização do solo, consumo de reservas fósseis, na China tudo isso ocorre numa escala muito maior.

IHU On-Line – E quais aspectos positivos poderiam ser destacados a partir dessa megaurbanização?

Guilherme Wisnik – Parece que não tem nada de positivo, mas tem sim. Como é uma organização movida por uma economia muito forte, mas com governo central, eles conseguem fazer tudo com muitas regras, com muita norma, com muito padrão. Quando a urbanização é feita só pelo mercado imobiliário você tem apenas a lei do lucro funcionando, a competição, e as coisas ocorrem de uma maneira. No caso da China, não, pois tem muito dinheiro, capacidade econômica para fazer as grandes obras, mas eles têm uma linha mais ou menos coerente por trás, que é o próprio governo.

Você visita, por exemplo, Shenzhen e percebe que tem um padrão de calçada, de tamanho das vias, de comércio nos terreos de prédios, de metrô, de infraestrutura pública, tudo isso é feito junto. Nesse aspecto

¹⁹ **Hidrelétrica ou Barragem das Três Gargantas:** é a central hidrelétrica com a segunda maior barragem e represa do mundo, construída no Rio Yang-tsé, o maior da China, e a segunda maior usina hidrelétrica do mundo em energia gerada, com 98,8 milhões de megawatts em 2014, perdendo somente para a Hidrelétrica de Itaipu, que gerou 103 milhões de megawatts em 2016. A obra das Três Gargantas tem como funções a prevenção de enchentes, a geração de energia e facilitar o transporte fluvial. Para se ter uma ideia da capacidade de armazenamento desta barragem, se estivesse cheio o seu lago artificial, com capacidade para cerca de 10 trilhões de galões (40 quilômetros cúbicos) de água, a duração de um dia na Terra seria prolongada em 0,06 microssegundos por conta do imenso deslocamento de massa causado. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁸ O entrevistado se refere a Fausto, de Goethe, em que aborda a problemática humana diante da natureza. (Nota da **IHU On-Line**)

é muito bom, muito melhor do que os crescimentos caóticos aqui no Brasil, onde vai se expandindo uma cidade sem ter nenhuma infraestrutura, sem ter nenhuma padronização de leito carroçável de via pública, sem ter metrô.

IHU On-Line – Dadas todas essas experiências da China, é possível afirmar que o país tem inspirado outros lugares do mundo na questão do crescimento e desenvolvimento urbano?

Guilherme Wisnik – Acredito que sim, pois os chineses estão dando um exemplo de um crescimento planejado. É um crescimento muito rápido, mas é planejado. É questionável, é feio, desumanizador de certa maneira, mas o país tem virtudes do ponto de vista de uma racionalidade de planejamento. Pode-se dizer que isso criou um novo paradigma.

IHU On-Line – É possível afirmar que o momento vivido pela China hoje, em termos de desenvolvimento urbano, não é vivido por nenhum outro lugar no mundo?

Guilherme Wisnik – Nessa escala sim, não tem comparação. A Índia vive uma situação semelhante; era uma população majoritariamente rural que está se urbanizando ao mesmo tempo, mas sem essas especificidades que comentamos.

IHU On-Line – Como o tema da China o tocou? O que o fez olhar com mais atenção para esse país?

Guilherme Wisnik – Sendo um arquiteto interessado nos fenômenos mundiais, necessariamente esse tema apareceria. Existe um livro que foi muito importante para mim cha-

mado *Great Leap Forward*²⁰, organizado por Rem Koolhaas, que coordena em Harvard um laboratório chamado *Project on the City* [projetos das cidades], onde fazem pesquisas urbanas. Esse livro é sobre a urbanização do Delta do Rio Pérola. É uma pesquisa muito importante, que conheci no início dos anos 2000 e me abriu a cabeça para esses fenômenos. Depois tive a oportunidade de ser convidado para participar da Bienal de Shenzhen. Fui até lá, mostrei uma instalação que tínhamos feito para a Bienal de Arquitetura de São Paulo, participei de debates e pude visitar a cidade, assim como Hong Kong, e fiquei muito impressionado. Na Bienal de Arquitetura de 2013, em São Paulo, em que fui curador, fizemos uma exposição importante sobre a China baseada em pesquisas que nossa equipe curatorial desenvolveu. ■

20 Taschen, 2002. (Nota da IHU On-Line)

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Ouse pensar

o que ninguém PENSOU

ihu.unisinos.br

China pode ultrapassar economia dos EUA nesta década

Irene Chan ressalta, no entanto, que o país asiático continua atrás em outras áreas, entre elas tecnologia militar e inovação tecnológica

Vitor Necchi | Tradução: Luisa Somavilla

A China soube aproveitar as circunstâncias da crise financeira mundial no final dos anos 2000. Ela resistiu melhor do que as economias desenvolvidas e ultrapassou o Japão como a segunda maior economia do mundo em 2010. “Muitas autoridades e estudiosos chineses salientaram também o declínio relativo dos Estados Unidos após a crise global de 2008/2009 como uma oportunidade de crescimento para a China, mas o fato é que a economia dos EUA demonstrou grande resistência ao longo da última década”, analisa Chan. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, observa que a “China pode ultrapassar os EUA como a maior economia do mundo ainda nesta década, mas continua atrás em outras áreas, particularmente tecnologia militar e inovação tecnológica”.

Ao analisar o desenvolvimento chinês, ela observa que o país não tem uma estratégia expansionista. “Embora a China não hesite em defender seus interesses nacionais, é pouco provável que se envolva em guerras dispendiosas por ideologia ou para defender os direitos universais”, afirma. “A compreensão cultural é um aspecto importante das relações diplomáticas, mas ter um entendimento melhor de que a China ainda está em desenvolvimento e não pode adotar valores ocidentais e métodos de venda por atacado é crucial para melhorar as relações com Pequim.”

Ao comparar a atuação do presidente Xi Jinping com o legado de Mao Tsé-Tung, ela afirma que o atual dirigente pode imitar algumas das perspectivas maoísta “para sustentar o partido e sua própria legitimidade política, mas é provável que ele inove com o tempo, devido às complexas circunstâncias geopolíticas em constante mutação”.

A voracidade econômica e os números gigantes no que se refere à China podem gerar especulações acerca de suas pretensões, mas Chan contemporiza essa questão. “A China ainda não é forte o suficiente para dominar o mundo, e a comunidade internacional não está disposta a aceitar a dominação chinesa”, diz. No entanto, observa: “Com ou sem um mecanismo eficaz de governo global e uma ordem internacional baseada em regras, o princípio de política externa não intervencionista da China pode cair com seu envolvimento crescente em aventuras dispendiosas ao redor do mundo”.

Irene Chan é pesquisadora associada do Programa China na Escola de Estudos Internacionais de S. Rajaratnam, no original em inglês, Rajaratnam School of International Studies – RSIS, de Singapura, Bacharel em História da Arte pela Universidade Tecnológica de Nanyang, de Singapura, e mestra em Ciências em Estudos Asiáticos pela RSIS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que momento a China se credenciou para provavelmente ser o país

mais poderoso? E como se constituíram as circunstâncias favoráveis para tanto?

Irene Chan – A China resistiu à crise financeira mundial de 2008/2009 muito melhor do que as

“A China resistiu à crise financeira mundial de 2008/2009 muito melhor do que as economias desenvolvidas e chegou a ultrapassar o Japão como a segunda maior economia do mundo em 2010”

economias desenvolvidas e chegou a ultrapassar o Japão como a segunda maior economia do mundo em 2010. No entanto, não há provas de que Pequim tenha oficialmente se considerado a principal potência, acima dos EUA, apesar de ter se discutido muito dentro da China sobre a abrangente força nacional diante dos EUA. Muitas autoridades e estudiosos chineses salientaram também o declínio relativo dos Estados Unidos após a crise global de 2008/2009 como uma oportunidade de crescimento para a China, mas o fato é que a economia dos EUA demonstrou grande resistência ao longo da última década. A China pode ultrapassar os EUA como a maior economia do mundo ainda nesta década, mas continua atrás em outras áreas, particularmente tecnologia militar e inovação tecnológica.

IHU On-Line – Existem projeções de que os chineses suplantarão o primado financeiro de Wall Street. Se isso acontecer, que nova ordem econômica mundial será estabelecida? Quais serão as consequências?

Irene Chan – Não sei de onde vêm tais projeções, mas a economia e o mercado de ações chinês têm muito menos abertura para investidores estrangeiros do que Wall Street. O renminbi¹ chinês não é tão usado internacionalmente como o dólar dos EUA e também é submetido a muita manipulação e controle por Pequim. Portanto, a comparação

é discutível. A China já está tentando estabelecer uma nova ordem econômica mundial através da iniciativa Um Cinturão, Uma rota². Talvez não seja o Plano Marshall³ da China, mas é certamente um empreendimento ambicioso de integração econômica global e aproximação de países subdesenvolvidos da órbita chinesa. As consequências não devem ser muito diferentes do que os EUA estão fazendo para outros países ao redor do mundo, se Pequim decidir ser assertivo e não consultivo.

IHU On-Line – A China está presente em vários países em desenvolvimento, principalmente no Hemisfério Sul, e sua ação econômica na região vem gerando conflitos locais. Qual a postura dos chineses em relação a esses países e seus problemas?

Irene Chan – Seria impreciso dizer que todos os conflitos locais são gerados por atividades econômicas chinesas nos países em desenvolvi-

mento. Para começar, lugares como Sudão, Líbia e Mianmar são instáveis. O público interno sente ao mesmo tempo orgulho e frustração pela ascensão da China. Eles sentem que o governo central está entrando em envolvimento estrangeiros caros no mundo todo com poucos resultados. Esta insatisfação fica particularmente evidente em tempos de crise e dificuldade econômica. Por exemplo, Pequim também enfrentou críticas quando perdeu bilhões de dólares em investimentos na Líbia logo após a Primavera Árabe⁴ em 2011 e não conseguiu evacuar os cidadãos que ficaram presos na guerra civil em tempo hábil. Os cidadãos chineses também criticaram as perdas de investimento de Pequim em Mianmar e na Venezuela. Essas questões geraram debates acalorados nos círculos acadêmicos.

IHU On-Line – Os ocidentais entendem muito pouco da cultura chinesa. Isso contribui para que eles tenham dificuldade em lidar com os efeitos dos planos expansionistas da China?

Irene Chan – A China não tem uma estratégia expansionista como a

² **Iniciativa Um Cinturão, Uma rota:** é considerada a maior façanha de infraestrutura da história da humanidade. Trata-se de um gigantesco programa de construção da China para recriar rotas comerciais da Ásia para a África e a Europa. Pretende ser um instrumento para acelerar o crescimento econômico da Eurásia, gerando milhões de empregos, o que possibilitaria o aumento da classe média asiática. Foi anunciada em 2013 e deu impulso a bilhões de dólares em investimentos em ferrovias, estradas, portos e usinas de energia. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Plano Marshall:** aprofundamento da Doutrina Truman, conhecido oficialmente como Programa de Recuperação Europeia, foi o principal plano dos Estados Unidos para a reconstrução dos países aliados da Europa nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. A iniciativa recebeu o nome do Secretário do Estado dos Estados Unidos, George Marshall. O plano de reconstrução foi desenvolvido em um encontro dos Estados europeus participantes em julho de 1947. A União Soviética e os países da Europa Oriental foram convidados, mas Josef Stalin viu o plano como uma ameaça e não permitiu a participação de nenhum país sob o controle soviético. O plano permaneceu em operação por quatro anos fiscais a partir de julho de 1947. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Renminbi:** moeda oficial da República Popular da China, distribuída pelo Banco Popular da China. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Primavera Árabe:** os protestos no mundo árabe ocorridos de 2010 a 2012 foram uma onda revolucionária de manifestações, compreendendo o Oriente Médio e o Norte da África. Houve revoluções na Tunísia e no Egito, uma guerra civil na Líbia e na Síria; grandes protestos na Argélia, em Bahrein, em Djibuti, no Iraque, na Jordânia, em Omã e no Iêmen e protestos menores no Kuwait, no Líbano, na Mauritânia, no Marrocos, na Arábia Saudita, no Sudão e no Saara Ocidental. Nos protestos, ocorriam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook, Twitter e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na internet por partes dos Estados. (Nota da **IHU On-Line**)

do Terceiro Reich de Hitler⁵. Embora a China não hesite em defender seus interesses nacionais, é pouco provável que se envolva em guerras dispendiosas por ideologia ou para defender os direitos universais. A compreensão cultural é um aspecto importante das relações diplomáticas, mas ter um entendimento melhor de que a China ainda está em desenvolvimento e não pode adotar valores ocidentais e métodos de venda por atacado é crucial para melhorar as relações com Pequim.

IHU On-Line – Qual é a situação das forças armadas chinesas? Seu poder cresce em paralelo ao boom econômico?

Irene Chan – Sim, o Exército Popular de Libertação ainda está em fase de modernização. O exército foi reduzido em termos de número de militares ativos, mas está investindo grande parte do orçamento para elevar os salários e o bem-estar, além de desenvolver as competências militares. Analisando os últimos orçamentos anuais da defesa, havia indícios de que uma parte cada vez maior era usada para reforçar a segurança interna.

IHU On-Line – Que papel a China tem no Mar da China Me-

⁵ **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer "condutor", "guia" ou "líder". Suas teses racistas e antissemitas, bem como seus objetivos para a Alemanha, ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf* (Minha luta). No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados "indesejados", como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da **IHU On-Line**, de 13-6-2005, comentou na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda – as últimas horas de Hitler*, disponível em <https://goo.gl/Diukrq>. A edição 265, intitulada *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, de 21-7-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder, disponível em <https://goo.gl/rhlz3l>. (Nota da **IHU On-Line**)

ridional e como ela se relaciona com os demais países da região?

Irene Chan – A China afirma ter a posse da maioria do mar do sul da China com a reivindicação da linha das nove raias⁶. As disputas do mar do sul da China, sem dúvida, afetaram as relações com países do sudeste asiático que afirmam ter a posse da região, bem como as relações com a Asean⁷ como um todo. No entanto, a China é o maior parceiro comercial dos Estados-membros da Asean, que defende uma solução pacífica e incentiva o diálogo entre todos esses países.

IHU On-Line – O presidente Xi Jinping continua, atualiza ou rompe com as perspectivas maoístas?

⁶ **Linha das nove raias**: também mencionada como "linha das dez raias" e "linha das onze raias", refere-se à linha demarcatória usada, inicialmente, pelo governo da República da China (RC/Taiwan) e, conseqüentemente, também pela República Popular da China (RPC) para suas reivindicações da maior parte do mar da China Meridional. A área disputada no mar da China Meridional incluem as Ilhas Paracel, as Ilhas Spratly e várias outras regiões, incluindo as Ilhas Dongsha, Ilhas Zhongsha e Ilha Huangyan. A reivindicação abrange a área de aterramento marítimo chinês conhecido como a "Grande Muralha de Areia". O primeiro mapa continha 11 linhas e foi publicado pela República da China em 1 de dezembro de 1947. Duas linhas no Golfo de Tonkin foram, posteriormente, removidas a pedido do primeiro-ministro Zhou Enlai, reduzindo para nove linhas. Edições posteriores adicionaram uma linha à extremidade superior direita do traçado, estendendo para o mar da China Oriental. Apesar de ter feito uma reivindicação pública em 1947, a China não apresentou uma solicitação formal e precisa da área a ser reivindicada. A China adicionou uma décima linha à leste da ilha de Taiwan em 2013, como parte da alegação de sua soberania aos territórios em disputa no mar da China Meridional. Em 12 de julho de 2016, o Tribunal Permanente de Arbitragem, em Haia, determinou que a China não tem base legal para reivindicar "direitos históricos" dentro da linha de nove raias, em um caso apresentado ao tribunal pelas Filipinas. O tribunal julgou que não havia nenhuma evidência de que a China havia, historicamente, exercido controle exclusivo sobre as águas ou recursos dentro da área reivindicada. A decisão foi rejeitada pelo governo chinês. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Associação de Nações do Sudeste Asiático**, em inglês Association of Southeast Asian Nations; ANSEA/ASEAN, é uma organização regional de Estados do Sudeste asiático instituída em 8 de agosto de 1967 através da Declaração de Bangkok. A ASEAN engloba 12 nações: dez delas são países-membros e duas são observadores em processo de adesão ao grupo. Em sua formação original, a organização era composta por Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia. Desde então, Brunei, Myanmar, Camboja, Laos e Vietnã uniram-se à organização. (Nota da **IHU On-Line**)

Irene Chan – Xi⁸ pode imitar algumas das perspectivas de Mao Tsé-Tung⁹ para sustentar o partido e sua própria legitimidade política, mas é provável que ele inove com o tempo, devido às complexas circunstâncias geopolíticas em constante mutação.

IHU On-Line – O que esperar de um mundo dominado pelo grande dragão do Oriente?

Irene Chan – Não tenho bola de cristal para prever o futuro. A China ainda não é forte o suficiente para dominar o mundo, e a comunidade internacional não está disposta a aceitar a dominação chinesa. Com ou sem um mecanismo eficaz de governo global e uma ordem internacional baseada em regras, o princípio de política externa não intervencionista da China pode cair com seu envolvimento crescente em aventuras dispendiosas ao redor do mundo. ■

⁸ **Xi Jinping** (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, o presidente da China, o diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na província vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista *Time*. Em 2017, foi eleito pelo *The Economist* o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Mao Tsé-Tung** (1893-1976): ditador, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação, em 1949, até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo e suas estratégias militares e políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e, posteriormente, conduzindo o Partido Comunista Chinês até a vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da **IHU On-Line**)



China é um Estado capitalista autoritário e paternalista com características socialistas

Eugenio Menegon afirma que o Partido Comunista teme discussão e discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos

João Vitor Santos | Tradução: Luisa Somavilla | Edição: Vitor Necchi

Mesmo que um verniz ideológico ainda seja ensinado e adotado pelos burocratas, a China cresceu a partir de um modelo nacionalista baseado no crescimento econômico. “O modelo político da República Popular da China é de um Estado capitalista autoritário e paternalista com características socialistas”, define Eugenio Menegon. “Na verdade, é um paradoxo apenas na superfície.” Na sua visão, o país “tem aproveitado as novas tecnologias para exercer controle sobre a dissidência e a população em geral, reprimindo as minorias étnicas”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele cita “o triste caso de Hong Kong”, que mostra o quanto o Partido Comunista teme, principalmente, “a discussão e a discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos da China”. Reconhece, no entanto, que “o nacionalismo, a ‘privatização’ da vida individual e a riqueza econômica são os elementos que os indivíduos, principalmente grande parte das novas gerações, estão dispostos a apoiar e a seguir”.

Menegon aponta que “o crescimento econômico tem sido fundamental para a ascensão da China”. Notadamente nos últimos 40 anos, “a liderança

chinesa conseguiu desencadear forças empresariais reprimidas na China e dar liberdade suficiente para permitir às pessoas ‘enriquecer’ e criar alguma ‘esfera privada’ para aproveitar a vida”. Ressalva ainda que nem todos venceram nesse processo, pois “ainda há regiões pobres e principalmente grupos étnicos como os uigures, em Xinjiang, e os tibetanos, que foram o lado perdedor da história (para não falar no meio ambiente)”.

Ao analisar as transformações mais significativas que o país vem vivendo desde o período imperial, Menegon afirma que “a distribuição de terras aos camponeses pelos comunistas, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950, é, sem dúvida, a mudança mais importante trazida pela revolução”. Com isso, “uma estrutura de classes antiga foi reformulada”.

Eugenio Menegon é graduado em Línguas e Literaturas Orientais pela Universidade de Veneza, na Itália, mestre em Estudos Asiáticos e doutor em História pela Universidade da Califórnia em Berkeley. É professor de História da China na Universidade de Boston.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Dentro do próprio Oriente, a China tem muitas especificidades. Quais as principais diferenças do modelo chinês na comparação com outros países? E como compreender o protagonismo que a China

vem assumindo na relação com outros países orientais?

Eugenio Menegon – O modelo político da República Popular da China - RPC é de um Estado capitalista autoritário e paternalista com

características socialistas. Na verdade, é um paradoxo apenas na superfície. Embora o verniz ideológico comunista ainda seja ensinado e usado por burocratas, o país desenvolveu-se no sentido de um modelo nacionalista alimentado pelo crescimento

econômico e tem aproveitado as novas tecnologias para exercer controle sobre a dissidência e a população em geral, reprimindo as minorias étnicas.

Um número relativamente pequeno de pessoas do Partido Comunista da China exercem controle sobre os mecanismos de poder, em conjunto com familiares e aliados políticos e com o apoio de grandes empresas. Isso faz com que o Estado chinês seja mais capaz de resistir a tempestades econômicas e políticas do que sociedades democráticas, mantendo o fetiche da “estabilidade” a todo custo. O principal significado é ter uma administração estável praticada pelo Partido Comunista, para sempre.

A recente concentração de poder nas mãos de Xi Jinping¹ representa uma involução no modelo de liderança coletiva e mudança geracional introduzido por Deng Xiaoping² em 1978 para remediar os excessos do maoísmo³. O tamanho e a economia do país, bem como suas despesas militares nos últimos tempos, tornam a RPC uma força formidável na Ásia Oriental. Mas este é um modelo político, não cultural. Sociedades chinesas como Taiwan evoluíram

pacificamente no sentido do pluralismo e da democracia. Ser chinês não impede que haja democracia. O triste caso de Hong Kong mostra que o que o Partido Comunista teme é principalmente a discussão e a discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos da China. No entanto, hoje, na China, o nacionalismo, a ‘privatização’ da vida individual e a riqueza econômica são os elementos que os indivíduos, principalmente grande parte das novas gerações, estão dispostos a apoiar e a seguir. Enquanto a economia vai bem, o Partido Comunista está bem, mesmo sem uma reforma política (que definitivamente não está em pauta).

IHU On-Line – A partir de uma perspectiva histórica, como compreender o protagonismo que a China vem assumindo no cenário global nos últimos anos?

Eugenio Menegon – Já ouvi o seguinte: “É a economia, tolinho!”. Certamente, o crescimento econômico tem sido fundamental para a ascensão da China. Nos últimos 40 anos, a liderança chinesa conseguiu desencadear forças empresariais reprimidas na China e dar liberdade suficiente para permitir às pessoas “enriquecer” e criar alguma “esfera privada” para aproveitar a vida. Nem todos venceram nesse processo, ainda há regiões pobres e principalmente grupos étnicos como os uigures, em Xinjiang, e os tibetanos, que foram o lado perdedor da história (para não falar no meio ambiente).

A tecnologia hoje oferece soluções para a China ser um verdadeiro líder global e tentar reduzir os problemas da rápida industrialização, corrigindo os danos ambientais e sociais com melhor infraestrutura e novas tecnologias. Mas não há nenhuma mudança política à vista. Sugiro procurar a fantástica série de Anuários da China para obter mais informações e também o comentário do grande especialista no assunto, Ge-

remie Barmé⁴, para ter uma melhor compreensão das raízes profundas de mudança e continuidade.

IHU On-Line – Quais as transformações mais significativas que o país vem vivendo desde o período imperial?

Eugenio Menegon – A distribuição de terras aos camponeses pelos comunistas, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950, é, sem dúvida, a mudança mais importante trazida pela revolução. Uma estrutura de classes antiga foi reformulada. As relações de gênero também se equalizaram, chegando à nova lei de casamento em 1950. Quando as coisas não davam certo, a pretensão do Estado era direcionar a economia ao centro e deixar a ideologia, e não a tecnologia e o conhecimento, determinar a política.

O desastre do Grande Salto para a Frente e a fome que aconteceu a seguir, assim como a Revolução Cultural⁵, foram tentativas de Mao de conservar o poder e implementar a “revolução contínua”. Isso impediu o avanço da China como uma nação moderna durante décadas. Os Es-

1 **Xi Jinping** (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na província vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista Time. Em 2017, foi eleito pelo The Economist o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Deng Xiaoping** (1904-1997): foi o secretário-geral do Partido Comunista da China, sendo, de fato, o líder político da República Popular da China entre 1978 e 1990. Criador do chamado socialismo de mercado, regime vigente na China moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Mao Tsé-Tung** (1893-1976): ditador, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação, em 1949, até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo e suas estratégias militares e políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e, posteriormente, conduzindo o Partido Comunista Chinês até a vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Geremie Barmé** (1954): australiano, doutor em Estudos Asiáticos, diretor do Australian Centre on China in the World, professor de História da China e cineasta. Também trabalhou como jornalista, tradutor e escritor. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Revolução Cultural Chinesa**: ou Grande Revolução Cultural Proletária, foi uma profunda campanha político-ideológica iniciada em 1966 na República Popular da China pelo então líder do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-Tung. O objetivo era neutralizar a crescente oposição que lhe faziam alguns setores menos radicais do partido, em decorrência do fracasso do plano econômico Grande Salto Adiante (1958-1960), cujos efeitos acarretaram a morte de milhões de pessoas em decorrência da fome generalizada, conhecida como a Grande Fome Chinesa. A campanha foi acompanhada por vários episódios de violência, instigada principalmente pela Guarda Vermelha, por grupos de jovens oriundos dos mais diversos setores (militares, camponeses, estudantes, elementos do partido, governo etc.) que, organizados nos chamados “comitês revolucionários”, atacavam suspeitos de deslealdade política ao regime, à figura de Mao e ao Maoísmo, a fim de consolidar (ou restabelecer) o poder do líder onde fosse necessário. Os alvos da revolução eram membros do partido mais alinhados com o Ocidente ou com a União Soviética, funcionários burocratas e, sobretudo, intelectuais. Como na intelectualidade se encontravam alguns dos potenciais inimigos da revolução, o ensino superior foi praticamente desativado no país. Foi neste período que se alavancou a produção e distribuição de *O Livro Vermelho*, coletânea de citações de Mao que exaltam sua ideologia e professam uma forma de culto à sua personalidade. O movimento acabou enfraquecendo os adversários de Mao e representou uma depuração partidária contra o revisionismo que se insinuava. O processo foi oficialmente terminado por Mao durante o 9º Congresso do Partido Comunista da China, em abril de 1969. Especialistas afirmam que ele durou, de fato, até a morte de Mao, em 1976, e a subida ao poder de Deng Xiaoping, então secretário-geral do partido, o qual, gradualmente, deu início às mudanças nos rumos políticos e econômicos do país. (Nota da **IHU On-Line**)

tados Unidos, o Ocidente e a União Soviética colaboraram para deixar a China sem saída ideologicamente. Desde 1978, a adoção do “capitalismo com características chinesas” impede os problemas do esquerdismo ideológico, mas deixa a verdadeira reforma política estagnada.

IHU On-Line – Como a China de hoje apreende o Ocidente, de questões culturais a econômicas?

Eugenio Menegon – A China é um país. Talvez seja melhor falar do que compõe a China em sua dimensão humana: seu povo, seus políticos e burocratas, acadêmicos... A China é tão grande quanto a Europa e muito mais populosa. É um lugar complicado e diversificado. A visão do governo sobre o “Ocidente” (que hoje já não existe: deve-se falar em Estados Unidos, União Europeia e assim por diante) também é um cenário complicado. Existem diferentes políticas em relação a diferentes atores: os Estados Unidos de Trump⁶ ainda fazem parte de um “Ocidente” monolítico? Xi Jinping abraçou o manto da globalização contra o protecionismo dos Estados Unidos e outros populismos europeus.

Em termos de cultura, em nível popular, as indústrias da cultura e do entretenimento dentro da China são tão grandes, e o mercado interno é tão grande, que o discurso interno pode se sustentar sem fazer referência ao “Ocidente”. Isso não significa que as formas culturais do mundo exterior não são adotadas (música pop sul-coreana, rap, filmes de Hollywood), mas são reinterpretadas e às vezes politicamente adaptadas na China. Alguns artistas ainda estão tentando resistir e ter consciência crítica, mas é difícil. Muitos deles são mais

conhecidos fora do que na própria China. Os acadêmicos ficam entre a linha política do Partido Comunista e sua própria integridade intelectual. Eles andam sobre um terreno difícil e poucos se atrevem a falar o que pensam. Porém, ainda há debates acadêmicos e artísticos, de maneiras mais prudentes e sigilosas.

IHU On-Line – A China é muito coesa no que diz respeito a questões culturais. A forma como os chineses protegem sua cultura de influências externas pode ser uma chave para também se compreender sua ascensão econômica e geopolítica? Como?

Eugenio Menegon – Não acredito que “proteger a cultura chinesa” seja uma questão. A cultura da China não corre o risco de extinção. Na verdade, minha esperança é que pessoas fora da China aprendam mais sobre seus povos e culturas, pelo menos tanto quanto muitos chineses sabem sobre as nossas culturas. As subculturas sociais e culturas étnicas dentro da China (uigures, tibetanos e outras minorias) correm o risco de ser destruídas pelo chauvinismo Han⁷ e a homologação tecnológica ou domesticadas pelo turismo e pelo exotismo.

IHU On-Line – O conceito de humanismo, como conhecemos no Ocidente, aparece de alguma forma na cultura chinesa? Quais as implicações sociais e políticas disso?

Eugenio Menegon – A China tem uma excelente tradição de humanismo, desde a Antiguidade. Ser alguém melhor era uma preocupação de muitos de seus filósofos, de Confúcio⁸ a Chuang-Tzu⁹ e toda a

tradição confucionista. O indivíduo muitas vezes era incorporado à coletividade (família, Estado), mas ainda há um profundo sentimento de que, no final, temos que enfrentar a eternidade como indivíduos também. Segundo o historiador Sima Qian¹⁰, da dinastia Han, “千人之諾諾不如一士之諤諤” – a condescendência da multidão não se compara à recusa de uma pessoa” (Sima Qian – 司馬遷, século I a.C.). Isso não mostra como o indivíduo chinês tem uma responsabilidade de enfrentar a injustiça, a subserviência e o populismo? Isto tem consequências importantes na política: imperativos éticos individuais, que também são as bases do bem comum, devem enfrentar as injustiças cometidas pelos poderosos, mesmo à custa da morte.

IHU On-Line – A relação econômica entre China e países do Ocidente pode implicar também em assimilação de valores culturais chineses?

Eugenio Menegon – Precisamos aprender sobre a China e sua cultura, cada vez mais. A cultura chinesa como um todo tem muito a oferecer ao mundo, e até agora nós compramos suas mercadorias, mas pouco compreendemos os valores culturais chineses. Aqui eu falo sobre o sólido material transmitido a partir da Antiguidade e os pensamentos inovadores de intelectuais e artistas de vanguarda, antes de serem assimilados e comercializados na China e no mercado internacional de ideias e artefatos. O artista Ai Weiwei¹¹ é um

⁶ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Han**: maior grupo étnico da China (e de todo o mundo), representando quase 92% da população chinesa, ou seja, mais de 1,24 bilhão de pessoas (cerca de 18% da população mundial). (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Confúcio** (551-479 a.C.): nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. É a figura histórica mais conhecida na China como filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência sobre toda a Ásia oriental. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Chuang Tzu**: influente filósofo taoísta (daoísta) chinês do século 4 a.C. Muitas vezes conhecido como Zhuangzi (“Mestre Zhuang”), viveu durante os Reinos Combatentes, período correspondente ao cume da filosofia chinesa, o

período das cem escolas de pensamento. Sua filosofia foi muito influente no desenvolvimento do budismo zen, que evoluiu incorporando seus ensinamentos. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Sima Qian** (145 a.C.-90 ou 85 a.C.): astrônomo, matemático e historiador chinês da dinastia Han do Oeste, considerado o primeiro grande historiador chinês. Filho de historiadores, Sima Qian fez várias viagens com seus pais e acabou conhecendo diferentes lugares, realizando um esforço de interpretação do que via. Quando adulto, foi promovido a funcionário da corte chinesa, escrevendo sua principal obra, o *Shiji*. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Ai Weiwei** (1957): nascido em Pequim, é artista plástico, designer arquitetônico, pintor, comentarista e ativista social. Foi assessor artístico na construção do Ninho de Pássaro (Estádio Nacional de Pequim), onde foram celebrados os Jogos Olímpicos de Pequim de 2008. Em 3 de abril de 2011, Ai Weiwei acabou preso pelas autoridades chinesas quando embarcava para Hong Kong. Poucas horas após sua detenção, seu estúdio em Pequim foi invadido por mais de 40 policiais, que confiscaram dezenas de itens e funcionários foram interrogados. Passou três meses detido num local secreto. Em 21 de novembro de 2011,

brilhante exemplo de integridade e genialidade, bem como de independência do poder. Eu não necessariamente incluíria entre os melhores exemplos da difusão cultural chinesa a versão higienizada e politizada difundida pelos Institutos Confúcio, embora acredite que mesmo essas instituições têm um papel positivo em despertar o mundo exterior para a importância e a beleza dos valores da cultura chinesa.

“A distribuição de terras aos camponeses pelos comunistas, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950, é, sem dúvida, a mudança mais importante trazida pela revolução”

IHU On-Line – A partir das alianças que a China vem estabelecendo com diversos países, tanto no Oriente como no Ocidente, podemos considerar que estamos diante de um outro processo de colonização? Por quê?

Eugenio Menegon – Essa onda de “colonização chinesa” é puramente econômica por enquanto.

foi divulgada uma foto em que Ai Weiwei e mais quatro mulheres aparecem nus. No dia 3 de agosto de 2018, o ateliê do artista, nos arredores de Pequim, foi destruído. Antes, várias pessoas retiraram obras do prédio. Ele se encontra em Berlim, onde vive desde 2015, depois que recuperou seu passaporte. (Nota da **IHU On-Line**)

Os países de terceiro mundo e particularmente seus líderes (que são corruptíveis) têm a responsabilidade de decidir se os acordos são justos ou coloniais. As organizações econômicas internacionais precisam prestar atenção e ajudar as economias pobres a andar com os próprios pés, sem se render a nenhum poder único (os Estados Unidos fizeram isso no passado, agora China e outros juntaram-se). Se a China ‘entrega as mercadorias’ sem os meios de produção, manipulando as finanças de um país e controlando a mão de obra local, respeitando as regras democráticas, permitindo que os países escolham seu próprio caminho de desenvolvimento, não vou ser eu o hipócrita a apontar o dedo para Beijing. Mas isso SE...

IHU On-Line – Tomando como exemplo o cristianismo na China, podemos falar que há no país um processo de inculturação da fé cristã e valores mais ocidentalizados? Por quê?

Eugenio Menegon – O cristianismo, relativamente falando, é uma nova fé na China. As raízes da Igreja Católica atual vêm dos anos 1580; das Igrejas Protestantes, dos anos 1850. O budismo chegou à China no ano 200 a.C. Por isso, obviamente, tem uma história mais longa como religião estrangeira. Deve haver 12 milhões de católicos e de 75 milhões a 100 milhões de protestantes na China hoje, todos sob a liderança chinesa. Os protestantes, principalmente os evangélicos, são a religião que mais cresce na China hoje, e é difícil contar e controlar as igrejas cristãs. Com igrejas nacionalmente reconhecidas ou com raízes locais, a inculturação está de fato acontecendo. A real questão é a repressão e o controle do governo: é uma longa tradição chinesa que não vai desaparecer tão cedo.

IHU On-Line – Como o senhor observa as relações entre a China e o Vaticano?

Eugenio Menegon – Acho que o Partido Comunista tem mais vantagens nessa relação, e o Vaticano está em uma posição mais fraca na negociação. Moldar seus princípios para se ajustar ao governo chinês não necessariamente será bom para os católicos na China. Estudei a história de um determinado lugar na China, onde a confrontação com o governo não é novidade. A sociedade está mudando, e para o catolicismo o verdadeiro desafio é a migração maciça do campo para a cidade: a base rural da igreja está desaparecendo, e os católicos não estão inovando nem se espalhando em cidades, como os evangélicos e outros protestantes. Acho que a urgência do Vaticano de se “resolver” com a República Popular da China e encontrar um lugar legítimo no país pode ser muito mais um sinal de ansiedade acerca destas mudanças sociorreligiosas do que qualquer outra coisa.

IHU On-Line – Qual a influência dos missionários cristãos, especialmente os jesuítas, na China a partir do século XVI?

Eugenio Menegon – A influência dos missionários jesuítas na China ficou mais visível em projetos de construção do Estado, na corte imperial, durante os séculos XVII e XVIII. O impacto dos métodos científicos europeus introduzidos pelos jesuítas, no entanto, fica circunscrito, já que permaneceram limitados principalmente ao governo dinástico para projetos de alta segurança (cartografia, balística). Algumas ideias (desde matemática e astronomia até a perspectiva geométrica na pintura) se espalharam entre os membros de um pequeno setor das elites intelectuais, mas eu diria que foi o impulso das missões do século XIX, depois de 1850 (principalmente protestantes e urbanas), que realmente exerceram uma influência duradoura na China (na medicina, na ciência, na engenharia, na educação), visível ainda hoje. ■



EAD Ciclo de Filmes e Debates

CRISE DO CAPITALISMO DEZ ANOS DEPOIS



Período:
03/09 a 23/11 de 2018

Ministrante:
Prof. MS. Gilberto Faggion - Unisinos

Local:
Plataforma Moodle | 3 horas semanais

Brasil entra em colapso econômico sem o mercado chinês

Andrés Malamud aponta que um quarto das exportações brasileiras vai para o país asiático

João Vitor Santos | Edição: Vitor Necchi

A China vem se tornando protagonista no cenário mundial porque tem impacto sistêmico e local. “O impacto sistêmico deve-se ao seu peso econômico que define o preço global de várias commodities, e o impacto local, ao seu investimento em diferentes regiões do mundo”, afirma o cientista social Andrés Malamud.

Ao analisar a importância da China na América do Sul, aponta que ela tem um peso superlativo, pois já é primeira parceira comercial de metade dos países. “O padrão de intercâmbio é igual para todos: vendem commodities e importam manufaturas”, detalha em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. A exceção é o Paraguai, que mantém relações diplomáticas com Taiwan.

Para Malamud, a turbulência política e econômica pela qual o Brasil passa não interfere em nada na relação com a China porque “o governo chinês não

se importa com os sistemas políticos dos outros, nem com a corrupção”. O pesquisador considera que o Brasil é um “satélite econômico” da China, pois um quarto das exportações brasileiras vai para o país asiático. “Com uma economia seis vezes maior, e que cresce muito mais rápido, a China tem mínima dependência do Brasil, enquanto o Brasil colapsaria economicamente sem o mercado chinês”, analisa.

Andrés Malamud é pesquisador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Licenciado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires, doutor em Ciências Sociais e Políticas pelo Instituto Universitário Europeu de Florença. É pesquisador visitante no Instituto Max Planck de Heidelberg e na Universidade de Maryland, College Park. Leciona em universidades da Argentina, do Brasil, da Espanha, da Itália, do México e de Portugal.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como tem observado a China no contexto geopolítico atual?

Andrés Malamud – A China tem se erigido como segundo polo de um sistema internacional crescentemente multipolar.

IHU On-Line – E dentro da Europa, como tem sido a recepção ao “avanço chinês”?

Andrés Malamud – Não há uma política unificada da União Europeia. A Alemanha aparece como o maior parceiro comercial, enquanto a China faz incursões (investimento e compra de empresas) na periferia, nomeadamente na Islândia, em Portugal e na Grécia.

IHU On-Line – De que forma a China vem construindo esse protagonismo no cenário mundial?

Andrés Malamud – A China tem impacto sistêmico e local. O impacto sistêmico deve-se ao seu peso econômico que define o preço global de várias commodities, e o impacto local, ao seu investimento em diferentes regiões do mundo.

IHU On-Line – Como é a relação de países da América do Sul com a China? A ligação América do Sul-China é apenas a recons-

“A China tem se erigido como segundo polo de um sistema internacional crescentemente multipolar”

trução da conexão centro-periferia clássica? Por quê?

Andrés Malamud – Com exceção do Paraguai, que tem relações diplomáticas com Taiwan, a China tem um peso superlativo na América do Sul, onde metade dos países já a tem como primeira parceira comercial. O padrão de intercâmbio é igual para todos: vendem commodities e importam manufaturas.

IHU On-Line – Nesse momento em que a China projeta novas rotas comerciais pela Eurásia, África e inclusive “reeditando” a antiga Rota da Seda, onde se insere a relação com os países latino-americanos, especialmente o Brasil?

Andrés Malamud – Na Belt and Road Initiative - BRI, a América Latina tem um papel menor, e a América Central conta mais do que a América do Sul.

IHU On-Line – O senhor considera o Brasil como “satélite econômico” da China. Gostaria que o senhor detalhasse essa

ideia e, a partir dela, refletisse sobre a relação Brasil X China.

Andrés Malamud – Um quarto das exportações brasileiras vai para a China, o que fomentou a reprimarização relativa da sua economia. Com uma economia seis vezes maior, e que cresce muito mais rápido, a China tem mínima dependência do Brasil, enquanto o Brasil colapsaria economicamente sem o mercado chinês.

IHU On-Line – Quais os limites na relação entre Brasil e China hoje? A turbulência política e econômica pela qual o Brasil tem passado pode impactar essa relação? De que forma?

Andrés Malamud – O governo chinês não se importa com os sistemas políticos dos outros, nem com a corrupção.

IHU On-Line – Muitos analistas têm considerado os Brics como um grupo que não tem mais força. Como o senhor observa os Brics hoje? E quais as influências desse grupo para a

“ascensão chinesa”?

Andrés Malamud – Os Brics são um foro, não uma organização. Cumprem funções de sinalização e coordenação. Servem a todos os seus membros, embora beneficiem mais aos mais poderosos.

IHU On-Line – O Brasil está inscrito num espectro de relações comerciais com a China, mas se coloca completamente fora de eixo quando a questão é poder e influência geopolítica? Por quê?

Andrés Malamud – Sim. O Brasil não tem recursos para projetar poder fora da sua área.

IHU On-Line – Quais as semelhanças e diferenças entre os regimes socialistas de países da América Latina com o regime chinês?

Andrés Malamud – Não existe semelhança, nem socialismo. O sistema chinês é um capitalismo de estado, enquanto a Venezuela, para dar um exemplo, é um estado colapsado. ■



As lutas pelo (des)controle biopolítico da Revolução 4.0 e seus impactos

Prof. Dr. Henrique Antoun – UFRJ

12 de novembro (segunda-feira) | 19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacurfa e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



Cheetahs, Hippos, Mugabe e as eleições gerais de 2018 no Zimbábue

Anselmo Otavio

“ País colonizado pela Inglaterra e marcado pela ascensão de um regime racista nos moldes da África do Sul durante os anos 1970, o Zimbábue, entre 1987 e 2017, esteve sob a administração de Mugabe. Durante a década de 1970, Mugabe e seus correligionários da Zimbabwe African National Union – Patriotic Front (ZANU-PF) foram fundamentais não apenas para o término do regime de Smith, mas também durante o acordo de Lancaster House, quando é aceita, por parte da Inglaterra, a independência do Zimbábue”, escreve Anselmo Otavio.

Anselmo Otavio é professor de Relações Internacionais da UNISINOS e Pesquisador do Centro Brasileiro de Estudos Africanos - CEBRAFRICA/UFRGS.

Eis o artigo.

Em *Africa Unchained: The Blueprint for Africa's Future*, livro de 2005 escrito pelo economista ganense George B. N. Ayittey, dois agrupamentos de estadistas ganham relevância. O primeiro refere-se aos *Hippos*, cuja alusão ao hipopótamo encontra-se caracterizado pelo conservadorismo, pela lentidão em acompanhar as mudanças no continente africano. Em contrapartida, os chamados *Cheetahs* simbolizam a mudança, o progresso, enfim, as marcas de um animal caracterizado pelo dinamismo. Evidentemente, quando analisado sob os agrupamentos desenvolvidos por Ayittey (2005), fica claro que Robert Mugabe se enquadra no primeiro grupo. É nesse sentido que o artigo buscará analisar o legado de Mugabe e os desafios da nova administração.

O legado da administração Mugabe (1987-2017)

País colonizado pela Inglaterra e marcado pela ascensão de um regime racista nos moldes da África do Sul durante os anos 1970, o Zimbábue, entre 1987 e 2017, esteve sob a administração de Mugabe. Em linhas gerais, a figura de Mugabe pode ser encontrada em três momentos distintos na história política do país. O primeiro diz respeito ao ativismo na luta contra o regime de segregação imposto por Ian Smith. Durante a década de 1970, Mugabe e seus correligionários da *Zimbabwe African National Union – Patriotic Front* (ZANU-PF) foram fundamentais não apenas para o término do regime de Smith, mas também durante o acordo de Lancaster House, quando é aceita, por parte da Inglaterra, a independência do Zimbábue.

Além de dar nome à Constituição do Zimbábue, Lancaster House traz como um dos pontos acordados a questão da reforma agrária. Neste caso, recomendava-se a venda de parte dos territórios que se encontravam sob o controle dos agricultores brancos ao governo zimbabuano, este que os redistribuiria à população negra. Entretanto, seja pela negativa por parte dos fazendeiros brancos em vender partes de seus territórios, seja pela dificuldade de redistribuição dos

“A adoção de uma Reforma Agrária Fast Track levou Mugabe a impactar negativamente o Zimbábue.”

territórios comprados pelo governo zimbabuano, em verdade o país chegava a meados da década de 1990 com cerca de 5 a 6% da população negra reassentada (GOEBEL, 2005).

O fracasso desta proposta de *willing-seller/willing-buyer* (GOEBEL, 2005) simbolizou o segundo momento da relação entre Mugabe, já como presidente, e o Zimbábue, quando a dificuldade, ou desinteresse, em combater as invasões, ocupações de fazendas e, principalmente, os assassinatos de fazendeiros brancos, foi amplamente criticado pela comunidade internacional. Nesse sentido, se o primeiro momento tornou Mugabe a imagem do grande líder no combate ao imperialismo europeu, este segundo momento inaugurava a fase de ampla crítica a sua administração, bem como de isolamento do Zimbábue. Reflexo deste conturbado cenário pode ser encontrado nas disputas pela presidência do país nas eleições de 2002, 2008 e 2013, quando as vitórias de Mugabe para a presidência foram consideradas fraudulentas tanto pelo *Movement for Democratic Change* (MDC), principal partido de oposição e liderado por Morgan Tsvangirai, quanto pela *Commonwealth*.

É diante deste cenário de contestação, que um terceiro momento surge na interação entre Mugabe e Zimbábue, neste caso, sua existência encontra-se relacionada à tentativa de Mugabe em realizar diversas alterações na ZANU-PF. Uma das primeiras modificações já havia ocorrido em 2014, quando a então vice-presidente do partido, Joyce Mujuru, e outros membros foram expulsos sob a alegação de corrupção e conspiração contra Mugabe. No entanto, o ápice da crise ocorre em um segundo momento, quando o desejo em se manter à frente da ZANU-PF, somado à demissão de Mnangagwa da vice-presidência e especulações de favorecimento de sua esposa, Grace Mugabe, para assumir tal posição, geraram a instabilidade no país, cuja intensificação culminou no impedimento de Mugabe via intervenção militar e ultimato do partido, e a entrada de Mnangagwa como presidente interino.

Eleições Gerais e os desafios do Zimbábue pós-Mugabe

O fim da administração Mugabe não necessariamente simbolizou um cenário de estabilidade no país. Primeiramente porque, mesmo sendo marcada pela acirrada disputa entre Mnangagwa (ZANU-PF) e Nelson Chamisa (MDC), em verdade o partido de Mugabe obteve maioria no Legislativo, bem como 50,1% dos votos válidos para a presidência, enquanto o MDC somou 44%. Em segundo porque não apenas a oposição demonstrou o descontentamento e a denúncia de fraude eleitoral, mas também a União Europeia, Estados Unidos, Canadá e Suíça expressaram preocupação com os resultados das urnas (PIGOU, 2018).

Embora diante deste cenário marcado pela desconfiança, as expectativas giram em torno de soluções voltadas ao âmbito interno, em verdade a tarefa de Mnangagwa também se encontra relacionada ao cenário externo, visto que uma das consequências da administração Mugabe foi os constantes atritos com potências ocidentais. Neste caso, vale ressaltar que mesmo antes de assumir a presidência, Mnangagwa já havia visitado a China, principal parceiro comercial do Zimbábue, com o objetivo de expor o interesse em manter a maior interação entre tais Estados. Além disso, o recém-empossado presidente do Zimbábue vem buscando conquistar a confiança de investidores externos via distanciamento das escolhas realizadas por Mugabe, bem como se aproximar cada vez mais do Ocidente, voltando, assim, à busca pela recuperação econômica do país.

Referências

AYITTEY, George B. N. **Africa Unchained: The Blueprint for Africa's Future**, Palgrave: 2005.

PIGOU, Piers. **After Elections, Zimbabwe Government's Legitimacy in Limbo**. In **CRISIS GROUP**, 2018.

GOEBEL; Allison. Is Zimbabwe the Future of South Africa? The Implications for Land Reform in Southern Africa. **Journal of Contemporary African Studies**. [S.l.], v. 23, n. 3, p. 345-370, 2005

Expediente

Coordenadores do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme (aleme@unisinos.br) e Prof^a Dr^a Nádia Barbacovi (nbmenezes@unisinos.br).

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha (blimar@unisinos.br)



Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*

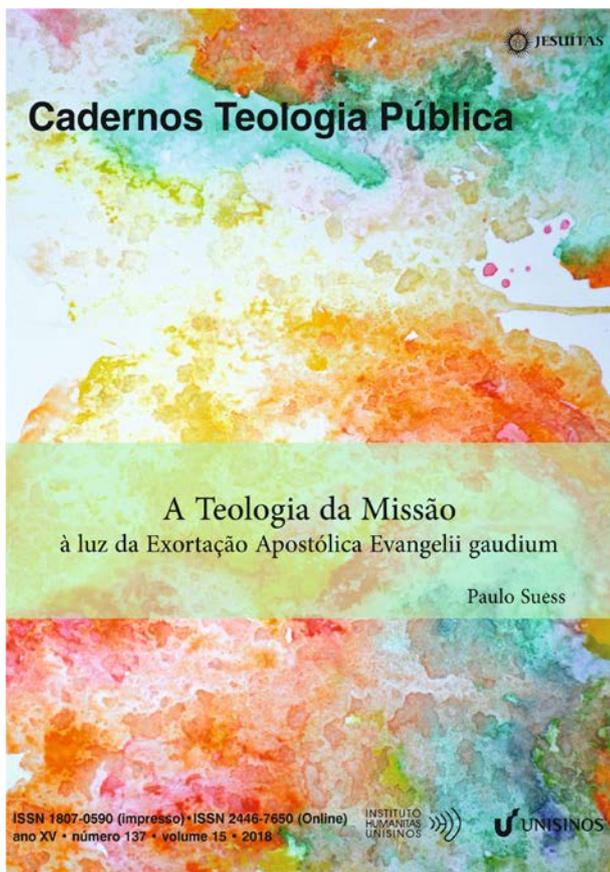
Cadernos Teologia Pública, em seu número 137, apresenta o artigo *A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium*, de Paulo Suess. Na apresentação do texto, o autor afirma que, desde o Vaticano II (1962-1965), a Teologia da Missão é Teologia Fundamental, que assumiu como tarefa teológica os desafios fundamentais da nossa época: a redistribuição dos bens, o reconhecimento da alteridade, a denúncia de um novo colonialismo com a máscara de progresso e a desaceleração das

condições de vida e dos processos de trabalho. No interior desses desafios, a construção da paz universal como desdobramento do diálogo intercultural, interdisciplinar, ecumênico e inter-religioso se torna substrato de toda a reflexão missiológica. Em sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco descreve essas tarefas como ruptura com as estruturas que sacrificam a vida e com as mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade como uma nova “cultura do encontro” marcada por “uma harmonia pluri-forme” (EG 220) e “sobriedade feliz” (LS 224s).

Paulo Suess é graduado em Teologia pela Universidade de Muenchen (1964) e doutor em Teologia Fundamental pela Westfaelische Wilhelms-Universitaet Muenster (1977), Alemanha. Atualmente é assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e professor convidado de várias instituições acadêmicas nacionais e internacionais.

A versão completa do artigo em PDF está disponível no link <https://bit.ly/2N6sZDV>.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social

A edição 277 dos Cadernos IHU ideias traz o texto *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social*, de José Roque Junges. No texto de apresentação, o autor afirma que a história do capitalismo, desde a sua fase mercantilista, passando pelo liberalismo até o modelo atual neoliberal, financeiro globalizado, passou por

diversas reformulações e adaptações para superar as suas crises periódicas. As suas teses fundamentais, contudo, permaneceram sempre as mesmas: a centralidade do mercado e a busca do interesse individual de cada um como formas de favorecer o coletivo, a célebre mão invisível do mercado. Como a sua dinâmica não é a distribuição dos recursos para construir a justiça, mas a concentração de capitais para maximizar o lucro, o capitalismo sempre provocou desigualdade e exclusão social. A obra de Thomas Piketty (2014, 2015) demonstra esse aspecto inerente ao funcionamento do capitalismo: crescente produção de desigualdade que, com o passar do tempo, torna-se intolerável, provocando uma reação social.

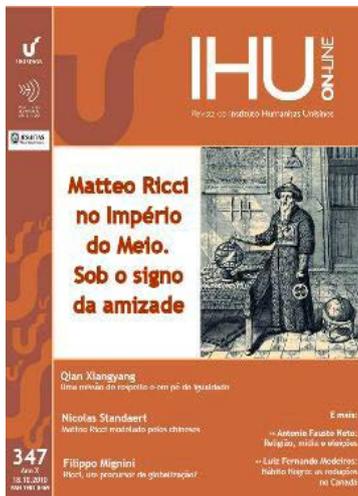
José Roque Junges é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1973), especialista em História do Brasil Contemporâneo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1978), mestre em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1980) e doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma, Itália (1985). Atualmente é professor de bioética nos cursos de graduação da área de saúde e professor/pesquisador do PPG em Saúde Coletiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

A versão completa deste Cadernos IHU ideias está disponível em <https://bit.ly/2MnDqO3>.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



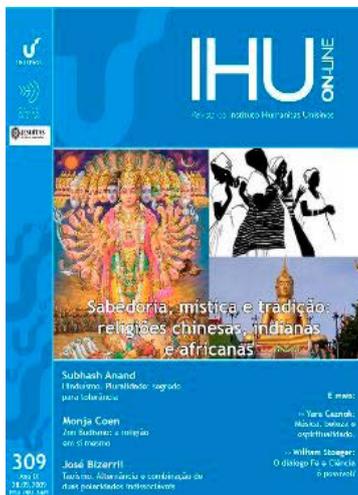
Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores



Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade

Edição 347 – Ano X – 18-10-2010

Há 400 anos faleceu Matteo Ricci, italiano de Macerata, que lançou uma ponte do Ocidente com a China. Pouco conhecido no Brasil, a vida e a obra deste jesuíta foi motivo de incontáveis eventos realizados em várias partes do mundo, especialmente na Europa e na Ásia. A IHU On-Line desta semana, na vigília da celebração de outro quarto centenário, o das Reduções Jesuítas na América do Sul, entrevistou pesquisadores especializados nos estudos da obra de Ricci.



Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas

Edição 309 – Ano IX – 28-9-2009

A edição desta semana contempla as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), a mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões de matriz africana a partir do documentário alemão “Spurensuche” – Religiões do Mundo, dirigido por Hans Küng.



China: a nova potência mundial?

Edição 104 – Ano IV – 7-6-2004

Por ocasião da recente visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, bastante se escreveu sobre o país que, para muitos, permanece desconhecido. A ênfase nas matérias publicadas sobre a China foi econômica e política. Esta edição procura aprofundar o conhecimento da realidade social, cultural e ambiental.

24 de setembro de 2018 (segunda-feira)

Conferências com Christian Laval

Université Paris Nanterre – França



14h30min às 16h – A Nova Razão do Mundo. Do neoliberalismo ao comum

17h30min às 18h30min – Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. Obra de Christian Laval e Pierre Dardot

19h30min às 22h – Crise do neoliberalismo e a emergência de movimentos emancipatórios

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Mais informações e inscrições em:
ihu.unisinos.br

ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu  bit.ly/faceihu  bit.ly/instaihu  bit.ly/youtubeihu  medium.com/@_ihu